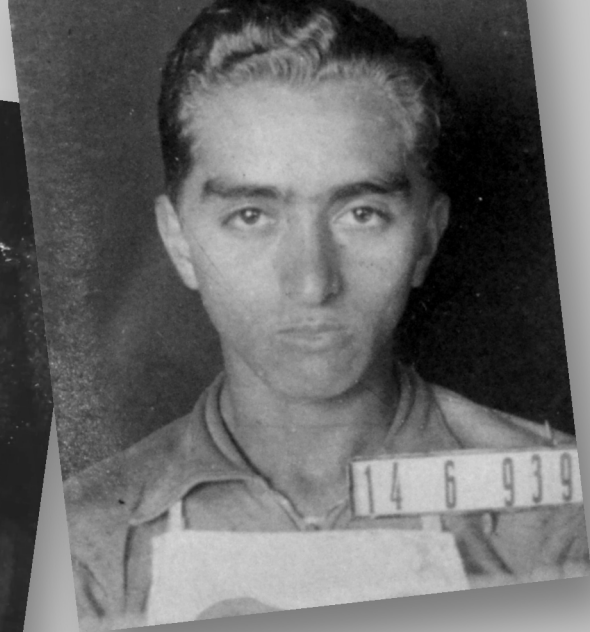




ARISTEU ELISANDRO MACHADO LOPES

TRABALHADORES DA CARNE E DO COURO EM 3X4

histórias de trabalho e fotografias nas solicitações de carteira profissional
em frigoríficos e curtumes no Rio Grande do Sul, anos 1930/1940



ARISTEU ELISANDRO MACHADO LOPES

TRABALHADORES DA CARNE E DO COURO EM 3X4

histórias de trabalho e fotografias nas solicitações de carteira profissional
em frigoríficos e curtumes no Rio Grande do Sul, anos 1930/1940



casaletras

PORTO ALEGRE

2023

Copyright ©2023 Aristeu Elisandro Machado Lopes.

Os dados e conceitos emitidos nos trabalhos, bem como a exatidão das referências bibliográficas, são de inteira responsabilidade do(s) autor(es).

LICENCIADA POR UMA LICENÇA CREATIVE COMMONS



**Atribuição - Não Comercial - Sem Derivadas 4.0
Internacional (CC BY-NC-ND 4.0)**

Você é livre para:

Compartilhar - copie e redistribua o material em qualquer meio ou formato. O licenciante não pode revogar essas liberdades desde que você siga os termos da licença.

Atribuição - Você deve dar o crédito apropriado, fornecer um link para a licença e indicar se foram feitas alterações. Você pode fazê-lo de qualquer maneira razoável, mas não de maneira que sugira que o licenciante endossa você ou seu uso.

Não Comercial - Você não pode usar o material para fins comerciais.

Não-derivadas - Se você remixar, transformar ou desenvolver o material, não poderá distribuir o material modificado.

Sem restrições adicionais - Você não pode aplicar termos legais ou medidas tecnológicas que restrinjam legalmente outras pessoas a fazer o que a licença permitir.

Este é um resumo da licença atribuída. Os termos da licença jurídica integral está disponível em:

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/legalcode>

EXPEDIENTE:

Projeto gráfico, diagramação e capa:
Editora Casalettras

Imagens da capa:

Montagem a partir de fotografias do Acervo do DRT/RS, do Núcleo de Documentação Histórica (NDH) da UFPel

Revisão textual:

Fabiola Weykamp

Editor:

Marcelo França de Oliveira

A pesquisa que resultou nesta obra contou com financiamento da FAPERGS (19/2551-0001687-5) e o apoio do PPGH/UFPel com recursos PROAP/CAPES.



CONSELHO EDITORIAL

Dr. Airtón Pollini
Université Haute-Alsace, Mulhouse, França

Dr. Amurabi Oliveira
Universidade Federal de Santa Catarina/UFGS

Dr. Aristeu Lopes
Universidade Federal de Pelotas/UFPel

Dr. Elio Flores
Universidade Federal da Paraíba/UFPB

Dr. Francisco das Neves Alves
Universidade Federal do Rio Grande/FURG

Dr. Fábio Augusto Steyer
Universidade Estadual de Ponta Grossa/UEPG

Dr. Giorgio Ferri
Università degli Studi "La Sapienza", Roma, Itália

Dr^a Isabel Lousada
Universidade Nova de Lisboa

Dr. Jonas Moreira Vargas
Universidade Federal de Pelotas/UFPel

Dr. Luiz Henrique Torres
Universidade Federal do Rio Grande/FURG

Dr. Manuel Albaladejo Vivero
Universitat de València, Espanha

Dr^a Maria Eunice Moreira
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul/PUCRS

Dr. Moacyr Flores
Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul/IHGRGS

Dr^a Yarong Chen
Beijing Foreign Studies University, China

Dados internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

T67	Trabalhadores da carne e do couro em 3x4: histórias de trabalho e fotografias nas solicitações de carteira profissional em frigoríficos e curtiúmes no Rio Grande do Sul, anos 1930/1940 / Aristeu Elisandro Machado Lopes. [Recurso eletrônico] Porto Alegre: Casalettras, 2023.
	144 p. Bibliografia ISBN 978-65-86625-75-2
	1. História do Brasil - 2. Trabalho e trabalhadores - Brasil - 3. Frigoríficos (História) - 4. Curtiúmes (História) - 5. Relações de Trabalho - Rio Grande do Sul - I. Lopes, Aristeu Elisandro Machado - II. Título.
CDU: 981	CDD: 331.0981



EDITORIA CASALETTRAS
R. Gen. Lima e Silva, 881/304 - Cidade Baixa
Porto Alegre - RS - Brasil CEP 90050-103
contato@casalettras.com
www.casalettras.com

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO 1	
O ACERVO DA DELEGACIA REGIONAL DO TRABALHO DO RIO GRANDE DO SUL	11
CAPÍTULO 2	
TRABALHADORAS E TRABALHADORES NOS FRIGORÍFICOS	19
CAPÍTULO 3	
TRABALHADORAS E TRABALHADORES NOS CURTUMES	87
CONCLUSÃO	131
FONTES DOCUMENTAIS	135
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	137
SOBRE O AUTOR	143

INTRODUÇÃO

O presente livro é parte dos resultados da pesquisa desenvolvida no âmbito do projeto: “Da carne e do couro: os trabalhadores dos frigoríficos e dos curtumes no Rio Grande do Sul nas solicitações de carteira profissional e nos processos judiciais, 1933-1950”, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul/FAPERGS — através do Edital FAPERGS 05/2019 Programa Pesquisador Gaúcho — PqG. O projeto foi aprovado em novembro de 2019 e as atividades iniciadas em fevereiro de 2020. Como anunciado no título do projeto, o principal objetivo era “pesquisar, mapear, identificar e analisar os mundos do trabalho no que se refere aos trabalhadores e trabalhadoras vinculados às indústrias da carne e às indústrias do couro instaladas no estado do Rio Grande do Sul entre os anos de 1933 e 1950”. Contudo, em março de 2020, o mundo passou a enfrentar as consequências da pandemia de covid-19, entre as quais o isolamento social, a paralisação das atividades econômicas, recreativas e em diversas instituições. Entre estas últimas, universidades e arquivos que salvaguardam acervos documentais. Dessa forma, a proposta original

precisou ser adaptada e se concentrou em dois acervos pertencentes ao Núcleo de Documentação Histórica Prof.^a Beatriz Loner da Universidade Federal de Pelotas: O acervo da Delegacia Regional do Trabalho do Rio Grande do Sul (DRT/RS) e o acervo da Justiça do Trabalho da Comarca de Pelotas (JT).¹

A partir do banco de dados do acervo da DRT/RS, foi possível desenvolver o mapeamento previsto e analisar parte dos processos trabalhistas do Acervo da JT, os quais já estavam digitalizados antes da suspensão das atividades. Os capítulos que constituem o presente livro deter-se-ão somente nos dados aferidos no primeiro acervo, já que, apesar de realizada a pesquisa no segundo, ela ainda está em andamento.² Além disso, a documentação da DRT/RS permite averiguar as informações dos trabalhadores e das trabalhadoras solicitantes de carteira profissional, possibilitando desenvolver o seu perfil a partir de suas histórias de trabalho e suas fotografias 3x4. Notadamente, averiguar-se-ão os dados e os registros fotográficos dos homens e das mulheres que trabalhavam com a produção de carne ou com o processamento de couros e possuíam vínculo empregatício com frigoríficos e curtumes nas décadas de 1930 e 1940, no Rio Grande do Sul, com informações localizadas nos dados do acervo.³

Esses dois tipos de atividades — trabalhos com a carne e com o couro — possuem uma ligação histórica com o Rio Grande do Sul. Eles já estavam presentes no começo da colonização, com as vacarias e o gado selvagem que permitiu o início do “processo de extração e de comercialização dos produtos pecuários, principalmente o couro” (Gutfreind, Reichel, 1996, p. 112). A partir do século XIX, a produção de

1 Outras informações sobre o NDH/UFPel podem ser consultadas em: (Loner; Gill, 2013, p. 241-256; Gill; Lopes, 2018, p. 275-294).

2 A pesquisa e a análise dos processos trabalhistas foram concluídas em parte, entretanto, por se tratar de um vasto conjunto documental, ainda está em andamento. Sobre a produção finalizada, ver: (Lopes, 2023).

3 Importante destacar que os dados não representam a totalidade de trabalhadores do estado vinculados aos frigoríficos e curtumes, assim como não indicam o total das solicitações de carteira, já que uma parte das fichas não foi conservada no período anterior ao recebimento dos documentos no NDH/UFPel. De acordo com levantamento realizado por Clarice Speranza, “O total de carteiras emitidas entre 1933 e 1945 no Rio Grande do Sul alcança, portanto, 221.518 segundo o IBGE” (Speranza, 2017, p. 111). No período entre 1933 e 1944 foram conservadas no acervo 48.615 fichas.

produtos oriundos da pecuária se diversificou e se notabilizou como uma parte importante da economia riograndense. Um exemplo foram as charqueadas de Pelotas com a produção de carne conservada com sal, um dos principais produtos do estado no século XIX: “em poucas décadas, Pelotas ficaria conhecida por todos os grandes comerciantes marítimos da América portuguesa, pois havia se tornado a principal produtora de carne-seca do Império luso-brasileiro” (Vargas, 2016, p. 29). A instalação da indústria do charque possibilitou que a cidade se tornasse um importante polo cultural, arquitetônico e literário concomitante à exploração da mão de obra escravizada (Gutierrez, 1993; Magalhães, 1993; Anjos, 2000).

No começo do século XX, os frigoríficos iniciam seu estabelecimento no Brasil operando, também, a partir de empresas estrangeiras que instalaram filiais no país. A produção e comercialização de carne congelada — ou frigorificada — iniciou com alguns dos principais abatedouros norte-americanos responsáveis por desenvolverem avanços tecnológicos que possibilitaram o congelamento da carne. Conforme Antonio Bosi, “A carne era produzida em toneladas, empacotada, congelada, transportada e vendida. Isto se tornou viável na segunda metade do século XIX, mas não se converteu imediatamente em uma prática generalizada” (Bosi, 2014, p. 98). Entre os frigoríficos com capital estrangeiro que se instalaram no estado, estavam a Companhia Swift do Brasil, em Rio Grande, e Armour of Brazil Corporation, em Santana do Livramento, (ambos de capital norte-americano), o Frigorífico Anglo, de Pelotas, de um grupo inglês.

Além dos três grandes frigoríficos de capital estrangeiro, outros, de menor capital e capacidade de produção destinada, sobretudo, ao mercado local e nacional também estavam em funcionamento a partir do século XX. Entre eles, Borella e Companhia Ltda., de Passo

Fundo⁴, o Frigoríficos Nacionais Sul Brasileiros Ltda. com suas linhas de produção instaladas em Canoas, Porto Alegre, Carazinho, Santo Ângelo, Ijuí, Alfredo Chaves e Nova Prata, e o Frigorífico Serrano, de Erechim. Também havia cooperativas que atuavam com o processamento de carne e o refinamento de banha, como a Sociedade Cooperativa de Banha Santa Isabel Ltda. e Sociedade de Produtos Suínos Barrense Ltda., ambas de Erechim.⁵

Já em relação à indústria do couro, que cresceu concomitante àquela da carne frigorificada, ela se notabilizou na região do Vale do Rio dos Sinos. De acordo com André Santos: “Com o início da fabricação do charque, a participação das peles no conjunto das atividades decorrentes do abate do gado decresceu em valor, mas sua produção continuou crescendo” (Santos, 2004, p. 99). De acordo com o mesmo autor: “o couro era utilizado em quase todos os artigos que o gaúcho então possuía: na construção da sua moradia, no mobiliário rústico, no transporte, no armamento, no vestuário e em outros utensílios” (Santos, 2004, p. 99). Novo Hamburgo, por exemplo, se dedicou à indústria do couro voltada para a produção de calçados (Costa; Passos, 2004; Schemes, 2006; Scheer, 2020), o que possibilitou a instalação dos curtumes, entre os quais estavam os curtumes Naday Ltda. e Adams e Cia.

As histórias desses estabelecimentos, quando se referem aos homens e mulheres que integraram as forças de trabalho, praticamente inexistem⁶ e carecem de um estudo que faça um mapeamento dos estabelecimentos e objetive investigar os seus trabalhadores. Esses questionamentos caracterizam o principal problema de pesquisa que o projeto, iniciado em 2019, pretendia averiguar e que, neste livro, apresenta parte de seus resultados.

⁴ Atualmente, o frigorífico pertence ao município de Marau.

⁵ Atualmente, a Sociedade pertence ao município de Gaurama.

⁶ Sobre os trabalhadores em frigoríficos, ver: (Schmidt, 2017; Aseff, 2017; Sbabo, 2021).

O **capítulo 1** abordará os campos da ficha, entre os quais a fotografia 3x4 e as digitais dos dedos das mãos que constam no seu verso, e apontar algumas considerações sobre a importância dos registros fotográficos para a história do trabalho, além de apresentar o contexto do surgimento da carteira profissional e da DRT/RS. O **capítulo 2** se direcionará para os dados das trabalhadoras e trabalhadores dos frigoríficos e das cooperativas, enquanto o **capítulo 3** fará o mesmo, mas com as informações das trabalhadoras e trabalhadores dos curtumes. Nestes dois últimos capítulos, dar-se-á ênfase às fotografias 3x4 que possibilitam ver cada um dos e das solicitantes.

Nesse sentido, as fotografias 3x4 serão analisadas conforme a proposta metodológica desenvolvida por Ana Maria Mauad e Ulpiano Bezerra de Meneses. Para a autora, o *corpus* fotográfico pode ser organizado em função do tema ou a partir das diferentes agências de produção, entre as quais está o estado (Mauad, 2008, p. 40). Já o autor, avalia que “as séries iconográficas”, entre as quais aquelas que tratam das fotografias, “não devem constituir objetos de investigação em si, mas vetores para a investigação de aspectos relevantes na organização, funcionamento e transformação de uma sociedade” (Meneses, 2003, p. 28). Assim, a fotografia 3x4 é analisada a partir da seleção de um corpus fotográfico, que é oriundo do estado, o acervo da DRT/RS. Essas fotografias possibilitam ver o rosto — algumas mostram também o tronco — individualizando-os, revelando suas fisionomias, expressões e peculiaridades, como as roupas, os adereços e, em algumas delas, as condições de sua produção.

Elas constituem parte dos conjuntos dos registros fotográficos dos trabalhadores e trabalhadoras dos frigoríficos e curtumes e foram divididas e selecionadas por estabelecimentos de acordo com os seguintes critérios: (1) A produção da fotografia: captação em estúdio e realizada fora de estúdio. (2) Mulheres. (3) Diferenças etárias: procurou-se também incluir fotografias de pessoas jovens, adultas e idosas. (4) Diferenças étnicas: a seleção considerou relevante inserir fotografias de

pessoas não brancas, embora a grande maioria fosse de pessoas brancas. (5) A apresentação diante do fotógrafo: foram selecionados os registros que permitem observar a indumentária, os adereços, as maquiagens e os penteados. (6) A data do registro: na medida do possível, há uma diversidade de anos na seleção, especialmente nos frigoríficos com maior número de trabalhadores. A proposta não é observar apenas a fotografia em si, mas, como enfatiza Meneses (2003), considerá-las como vetores investigativos, particularmente as trabalhadoras e os trabalhadores dos frigoríficos, das cooperativas e dos curtumes e os meios e as condições pelas quais se deixaram fotografar.

CAPÍTULO 1

O ACERVO DA DELEGACIA REGIONAL DO TRABALHO DO RIO GRANDE DO SUL

Por menos que pareça e por mais trabalho que dê ao interessado a carteira profissional é um documento indispensável à proteção ao trabalhador.

Elemento de qualificação civil e habilitação profissional, a carteira representa também título originário para a colocação para a inscrição sindical e, ainda, um instrumento prático do contrato individual de trabalho.

A carteira, pelos lançamentos que recebe, configura a história de uma vida. Quem a examinar, logo verá se o portador é um temperamento aquietado ou versátil; se ama a profissão escolhida ou ainda não encontrou a própria vocação; se andou de fábrica em fábrica como uma abelha, ou permaneceu no mesmo estabelecimento, subindo a escala profissional. Pode ser um padrão de honra. Pode ser uma advertência.⁷

O texto acima é de autoria de Alexandre Marcondes Machado Filho, Ministro do Trabalho, Indústria e Comércio (MTIC) do governo de Getúlio Vargas. Em suas palavras, a carteira profissional, além de tudo que ela poderia possibilitar para seu possuidor, “configura a história de uma vida”, embora, o documento registrasse somente a trajetória profissional do trabalhador. Angela de Castro Gomes observa que a carteira era uma “criação do pós-30 e documento por excelência do novo regime, traduzia o tipo de relação entre cidadão e estado que se desejava construir” (Gomes, 2005, p. 223). Essa relação era um dos cerne pretendidos pelo novo governo, que encerrou a primeira república brasileira e iniciou um período de quase 15 anos de Vargas no poder, inaugurado com o

golpe empreendido no ano de 1930. O governo, astutamente, buscou nas reivindicações históricas do movimento operário e do próprio operariado brasileiro as motivações para o estabelecimento de leis que visavam atender suas demandas.

Angela de Castro Gomes e Fernando da Silva destacam que as discussões sobre a criação de uma legislação específica para os trabalhadores já estavam presentes no cenário político brasileiro antes da ascensão de Vargas ao poder⁸: “em fins da década de 1920, estava montada uma estrutura institucional para o tratamento das questões do trabalho, da indústria e do comércio, com vinculação direta ao Poder Executivo” (Gomes; Silva, 2013, p. 17). Ao criar as leis, em contrapartida, como assevera Angela de Castro Gomes, por parte dos trabalhadores era exigida obediência, ou seja, os sindicatos se tornaram meras ferramentas oportunistas, os chamados “sindicatos de carimbo”, as greves não deveriam acontecer e as reivindicações não mais empreendidas. Conforme a autora, era uma política de “quem tem ofício, tem benefício” ou seja: “traduzia-se em um acordo que trocava os benefícios da legislação social por obediência política, uma vez que só os trabalhadores legalmente sindicalizados podiam ter acesso aos direitos do trabalho” (Gomes, 2005, p. 178).

Isso não significa, contudo, que o acordo pretendido acontecia na prática, uma vez que os trabalhadores se mantiveram engajados de forma independente do estado e, embora com menos frequência, ainda buscavam por reivindicações a partir de ações. Gláucia Konrad ressalta que “antes de a legislação retardar a mobilização, foi justamente a mobilização que acelerou a conquista da legislação” (Konrad, 2006, p. 17). Até mesmo durante o Estado Novo, a mobilização não foi restringida, uma vez que “não foram as leis trabalhistas em si, mas a repressão estatal e patronal para todos os trabalhadores que não aceitaram os

⁷ Carteira profissional nº 28845, de Letizia Minoggio do Nascimento. Porto Alegre, 23/05/1945. Acervo DRT/RS-NDHBL/UFPel.

⁸ Sobre a luta e a organização dos trabalhadores no período anterior aos anos 1930, ver, entre outros: (Loner, 2001; Bilhão, 2005; Fraccaro, 2016).

limites da lógica varguista de incorporação do proletariado à sociedade industrial” (Konrad, 2006, p. 17).

Clarice Speranza, por sua vez, coloca que a lógica estabelecida para a organização da legislação trabalhista

era a da harmonia social, alicerce do projeto corporativista. Para tanto, [...] tornou-se imperiosa ‘a regulação minuciosa das condições de trabalho’ por um *corpus* legal abundante, com o objetivo último de evitar ‘quaisquer manifestações de antagonismo, mediante o estabelecimento da ideologia da paz social’. (Speranza, 2012, p. 24)

É nesse cenário político dos anos 1930 que vão surgir as primeiras leis direcionadas aos trabalhadores, mais tarde agrupadas na Consolidação das Leis do Trabalho, em 1943 (French, 2001). Entre elas, a criação da carteira profissional, em 1932, e a Justiça do Trabalho, em 1941.⁹ Ainda em 1932, o MTIC desenvolveu um aparato burocrático para realizar todos os trabalhos relativos às suas competências nos estados. Tratou-se da instalação das Inspetorias Regionais do Trabalho que, em seguida, seriam renomeadas para Delegacias. Entre as tarefas, e com grande destaque, estava o recebimento das solicitações de carteira profissional. Apesar do decreto ser de 1932, no Rio Grande do Sul a DRT foi estabelecida no ano seguinte e operando, a princípio, somente em Porto Alegre.

Em relação ao decreto que criou a carteira, em 1932, seu artigo primeiro asseverava: “Fica instituída, no território nacional, a carteira profissional para as pessoas maiores de 16 anos de idade, sem distinção de sexo, que exerçam emprego ou prestem serviços remunerados no comércio ou na indústria” (Brasil, 1932a). Outros dois decretos sobre a carteira ainda foram publicados em 1932, ambos com pequenas alterações, sendo a do artigo primeiro a mais relevante, já que excluiu a parte final “no comércio ou na indústria”, permitindo que trabalhadores de outros setores, como o da construção civil e profissionais liberais, também pudessem solicitar o documento (Brasil, 1932b; Brasil, 1932c).

O artigo segundo previa que a carteira, “além do número, série e data da expedição, conterá mais a respeito do portador”, registrando os seguintes campos:

- 1º) fotografia, com menção da data em que tiver sido tirada;
- 2º) característicos físicos e impressões digitais;
- 3º) nome, filiação, data e lugar do nascimento, estado civil, profissão, residência, assinatura e grau de instrução;
- 4º) nome, espécie e localização dos estabelecimentos ou empresas em que exercer a profissão ou a houver sucessivamente exercido, com a discriminação da natureza dos serviços, salário, data da admissão e da saída;
- 5º) nome do sindicato a que esteja associado. (Brasil, 1932a)

Todas essas informações foram adaptadas para a ficha de qualificação profissional, o documento preenchido com os dados dos trabalhadores e que antecedia a solicitação da carteira profissional (**FIGURA 01**). Nos campos relativos aos aspectos pessoais, anotavam-se o nome do trabalhador, a data de nascimento, a cidade e o país de nascimento, o sexo, se o trabalhador era casado, solteiro, viúvo, o número de dependentes, os quais poderiam ser a esposa, os filhos ou os pais, e a residência. Havia campos específicos para os dados antropométricos: altura, cor da pele, cabelo e olhos e, se fosse homem, barba e bigode. É neste conjunto que aparecia o campo “sinais particulares”, no qual se registrava, por exemplo, marcas de nascimento, falta de dedos ou falanges, problemas oculares ou ausência de olhos, calvície, cicatrizes, sinais de varíola, deficiências físicas, queimaduras, entre outros. Já nos campos destinados aos dados profissionais: a profissão, a espécie do estabelecimento, ele próprio e sua cidade, assim como o endereço. Se a profissão não fosse a mesma desempenhada, era possível registrar o tipo de ocupação no campo “e a função de”, tornando evidente que, nem sempre o tipo de emprego almejado era o escolhido. Caso o trabalhador estivesse vinculado a algum sindicato, tal informação também poderia ser registrada na sua ficha e, conseqüentemente, na sua carteira profissional.

⁹ Sobre a história da Justiça do Trabalho, ver: (Correa, 2007; Gomes; Silva, 2013; Bartmann, 2014; Gomes; Silva, 2018, p.17-50; Pegoraro, 2022).

[illegible]

13

A ficha era um documento tão preciso que ainda poderia registrar se o trabalhador fosse estrangeiro e, nesse caso, o ano de chegada ao Brasil e a data da sua naturalização. A fotografia 3x4 era afixada no verso, juntamente com as digitais dos dedos das mãos. Na medida em que os dados dos trabalhadores eram registrados nas fichas, organizadas em livros, uma cópia dessa ficha era encaminhada ao Ministério do Trabalho, no Rio de Janeiro, responsável pela emissão do documento, enquanto o livro permanecia no estado, nos arquivos da DRT/RS.

O decreto trazia outras informações sobre a fotografia. Além do que constava no artigo segundo, no artigo quinto, parágrafo quarto, explicava:

No ato de prestar as declarações, o interessado pagará, mediante recibo, a taxa de 5\$0 (cinco mil réis) e entregará, com menção da data em que tiver sido tirada, três exemplares da sua fotografia, dois dos quais serão incluídos na remessa a que se refere o parágrafo precedente, afixando-se o outro à página em que forem registradas as declarações. (Brasil, 1932a)

Nota-se, nesse parágrafo, que o novo documento não seria confeccionado gratuitamente pelo governo e, sim, pago pelo solicitante. Além do valor, eram necessárias três fotografias 3x4, ou seja, o que tornava possuir uma carteira ainda mais dispendioso. Desses três exemplares, um seria arquivado no MTIC, outra retornaria ao trabalhador em sua carteira e a terceira ficaria fixada no livro que pertence a DRT/RS.

Já o artigo sexto detalhava como a fotografia deveria ser tirada: As fotografias que figurarão na carteira deverão reproduzir a imagem da cabeça tomada de frente, com as dimensões aproximadas de três centímetros por quatro, tendo, num dos ângulos, em algarismos bem visíveis, a data em que tiverem sido feitas, não se admitindo fotografias tiradas mais de um ano antes da sua apresentação. (Brasil, 1932a)

Para atender a essa exigência, os fotógrafos adotaram placas que indicavam a data do registro. Algumas delas, feitas de papel, com o dia, o mês e o ano anotados à mão; outras, provavelmente em metal, mais duradouras e com números que poderiam ser reaproveitados.¹⁰

A grande maioria das fotografias atendia às dimensões, enquanto outras captaram mais do corpo do trabalhador. Um exemplo disso está no conjunto fotográfico dos trabalhadores do Frigorífico Anglo, de Pelotas, fotografados coletivamente em 11 de setembro de 1942 (**FIGURA 02**).¹¹ Certamente, suas fotografias foram realizadas fora de um estúdio fotográfico, em ambiente improvisado, conforme revela o tecido que compõe o fundo das fotografias. O formato da fotografia fixada na ficha é o 3x4, mas elas mostram mais do que a imagem da cabeça: vê-se seus troncos e braços e em algumas é possível ver os braços de uns nos registros dos outros. Condições semelhantes a essas foram verificadas nos conjuntos fotográficos que serão trabalhados nos capítulos seguintes.

As fotografias dos trabalhadores do Anglo, e algumas das próximas, apontam para uma condição igualmente prevista no decreto que criou a carteira e que estava relacionada com a produção da fotografia. Conforme o artigo quarto, o pedido deveria ser feito pelo próprio interessado, mas o parágrafo segundo, desse mesmo artigo, previa que “Além do próprio interessado, ou procurador devidamente habilitado, os empregadores ou os sindicatos oficialmente reconhecidos poderão promover o andamento do pedido de carteiras profissionais, ficando proibida a interferência de pessoas estranhas” (Brasil, 1932a). Muitas empresas e sindicatos atenderam ao proposto e promoveram o preenchimento das fichas de seus trabalhadores. Essa constatação é verificada nas próprias fichas, uma vez que muitas delas trazem os

¹⁰ A diversidade das placas com os registros das datas pode ser conferida nas figuras que compõem os demais capítulos.

¹¹ As fotografias dos trabalhadores do Frigorífico Anglo já foram analisadas em dois textos: (Lopes; Schmidt, 2018; Lopes, 2020). Importante destacar que quase todos esses trabalhadores estavam envolvidos no projeto de reconstrução e adaptação do prédio, portanto, não eram trabalhadores envolvidos com as linhas de produção, inauguradas somente em 1942. No presente livro, são reproduzidas novamente apenas as três fotografias da figura 2, as quais estão analisadas, com mais rigor, na primeira referência citada nesta nota.

carimbos dos empregadores ou dos sindicatos. Dessa forma, promover a feitura da fotografia, de forma coletiva e fora de um estúdio fotográfico, era uma tática que foi empreendida pelos estabelecimentos. Além disso, não é improvável considerar que tal prática contribuía com os interesses dos empregadores na medida em que evitavam dispensar o trabalhador para que ele fosse até o estúdio, mas, ao contrário, ao trazer o fotógrafo, a linha de produção não seria significativamente alterada, já que, após a captura da imagem do trabalhador, ele retornava a ela.



Figura 02: Trabalhadores do Frigorífico Anglo. Pelotas, 1942.

O jornal *A Federação*, em 16 de setembro de 1933, apontava a possibilidade de o próprio empregador possibilitar a solicitação da carteira. Questionado pelo proprietário de uma oficina mecânica de Porto Alegre, se ele deveria proceder os pedidos das carteiras de seus trabalhadores, o jornal enviou o questionamento à Inspetoria, que respondeu:

O empregado, como interessado direto, deverá requerer a sua carteira profissional pessoalmente. Mas se o não fizer, o empregador, de acordo com o critério legal,

está obrigado a tomar as providências necessárias, a fim de suprir a má vontade daquele, provendo-o da competente carteira profissional.

Se o empregado não possuir carteira não poderá o patrão preencher legalmente o registro n.º previsto pelo decreto 21.186, de 22 de março de 1932, infringindo, assim, a lei e tornando-se passível de penalidade, porquanto é ele o responsável imediato pelo cumprimento do preceito legal em seu estabelecimento. (*A Federação*, 16/09/1933, p. 05)

A resposta se baseou no artigo quarto, entretanto, tornou a participação do empregador no processo obrigatória, o que não constava no decreto que ali ressaltava que os empregadores “poderão promover o andamento do pedido”. Certamente, o tom incisivo serviria para ampliar o número de solicitações e, concomitante, apontava para a possibilidade de infringir uma lei federal, caso os patrões não oferecessem os meios para que seus trabalhadores pedissem o novo documento. O decreto citado regulava o horário para o trabalho no comércio de 48 horas semanais ou oito horas por dia e previa que os estabelecimentos fixassem “em lugar visível, o horário do trabalho, mencionando as horas de descanso e o dia de repouso semanal” (Brasil, 1932a). O texto da resposta ainda aponta a “má vontade” do trabalhador ao não querer pedir a carteira. O problema era que, além do valor da carteira, o trabalhador também precisaria pagar pelas três cópias de sua fotografia, o que para muitos poderia ser um valor alto e que não poderia ser dispensado do seu sustento familiar.

A fotografia 3x4, assim como a ficha com todos os registros pessoais e profissionais dos solicitantes, parece ir ao encontro do que foi apontado por Angela de Castro Gomes, conforme as citações da autora no começo do capítulo. Em outras palavras, o tipo de relação entre estado e classe trabalhadora que era almejado, traduzido na troca da “legislação social por obediência política” (Gomes, 2005, p. 178), se materializou na burocracia empreendida à solicitação da carteira. Em termos teóricos — em razão de não ser possível empreender como essa relação se efetivou em termos práticos —, havia um controle, já que os dados eram conservados nas dependências oficiais do estado.

No entanto, essa estratégia não foi original por parte do governo brasileiro, mas adaptada de um dos usos da fotografia empreendidos logo após o seu surgimento no século XIX.¹² Para John Tagg, o recurso fotográfico passou a ser utilizado como uma forma de controle:

As condições para um encontro marcante estavam postas – cujas consequências ainda estamos vivendo – entre uma forma romanceada de estado e uma tecnologia do conhecimento nova e em desenvolvimento. A chave dessa tecnologia a partir dos anos de 1870 estava na fotografia, e é nos trabalhos do complexo expandido de estado que devemos buscá-la se quisermos entender a força que a fotografia passou a ter no final do século dezenove. (Tagg, 2002, p. 63)¹³

O autor também aponta que a fotografia forneceu uma técnica central para as reformas sanitárias e a supervisão policial, sendo este o fio condutor que permite analisar as relações entre a fotografia e o estado (Tagg, 2002, p. 64). Nesse sentido, Annateresa Fabris analisa que a sociedade do século XIX conferiu

à imagem fotográfica o papel de atestado de uma existência, faz do retrato um instrumento de recenseamento generalizado, que tanto pode exaltar os feitos do indivíduo, quanto pode apontar à atenção pública aqueles que apresentam desvios patológicos. (Fabris, 2004, p. 40)

A autora se refere ao uso da fotografia nas esferas médica e jurídica na Europa, sendo um dos exemplos os usos da fotografia empreendidos por Alphonse Bertillon, chefe do Serviço de Identidade Judiciária da Polícia de Paris (Dubois, 1993). Seu sistema, chamado de identificação antropométrica, consistia em instituir uma identidade individual de maneira infalível:

Trata-se da fotografia (o doravante absoluto face/perfil, muito rigorosamente fotografado), da mensuração antropométrica (a medida em números de cada parte fixa do corpo: nariz, olhos, queixo, dedos, pés, orelhas, etc) e da sinalética do 'retrato

falado' (a descrição verbal dos elementos fisionômicos e das marcas corporais de todos os tipos). (Dubois, 1993, p. 241)

As imagens dos trabalhadores foram realizadas apenas com a pose de frente, mas a forma como ela foi capturada pelo fotógrafo era semelhante à fotografia realizada pelo criminologista francês. No entanto, esse tipo de enquadramento do fotografado tornou-se o formato adotado para o uso da identificação visual em documentos, por exemplo em carteira de identidade e passaportes (Rouillé, 2009, p. 88; Mauad, 2008, p. 31).

No Brasil, inspirado por Bertillon e por outros criminologistas europeus, o médico porto-alegrense Sebastião Leão realizou estudos com os prisioneiros da Casa de Correção, em Porto Alegre no final do século XIX. O médico transformou a cadeia em “seu campo de investigações científicas. Tinha à mão uma população-alvo para experimentação dos diferentes métodos classificatórios em voga” (Pesavento, 2009, p. 52). O resultado de suas investigações foi publicado em um relatório acompanhado de um álbum fotográfico em 1897. Neste, o médico apresentou fotografias de face e de perfil, e descrições antropométricas dos prisioneiros (Pesavento, 2009, p. 123-377).

Há uma semelhança entre os exemplos citados acima com as exigências previstas no decreto sobre como proceder com a feitura das fotografias 3x4. É possível considerar que, de fato, os registros fotográficos, assim como os dados anotados nas fichas, foram tentativas de controle da classe trabalhadora — pelo menos no âmbito teórico. O governo arquivava as fichas e as fotografias dos solicitantes, tanto nos estados como na Capital Federal, constituindo um grandioso banco de dados que poderia ser acionado, caso o estado assim fosse impelido.

¹² A reflexão realizada com os autores neste e nos próximos cinco parágrafos foi desenvolvida no seguinte artigo: (Lopes, 2016).

¹³ No Original: The conditions were in play for a striking rendezvous – the consequences of which we are still living – between a novel form of the state and a new and developing technology of knowledge. A key to this technology from the 1870s on was photography, and it is into the workings of the expanded state complex that we must pursue it, if we are to understand the power that began to accrue to photography in the last quarter of the nineteenth century.

Outro elemento significativo dessa tentativa de controle estava também na captura das digitais dos dedos das mãos. Inicialmente, o primeiro modelo de ficha tinha espaços para os dez dedos e, depois, passou somente a receber a digital do dedo polegar, embora um documento paralelo coletasse todas as digitais. O espaço reservado para as digitais seguia o modelo datiloscópico e que se baseava na

idea de que las huellas digitales no se modificaban a lo largo de la vida y no se repetían entre personas diferentes, propuesto por el antropólogo inglés Francis Galton em 1888. Sus investigaciones fueron recogidas por el argentino Juan Vucetich quien, trabajando para la Policía de la Provincia de Buenos Aires, ideó em 1891 um práctico sistema de clasificación dactilar, origen de la dactiloscopia. (Broquetas; Bruno, 2011, p. 189)

O sistema criado por Juan Vucetich era semelhante àquele utilizado no recolhimento das digitais dos dedos dos trabalhadores que compunham parte do verso da ficha (**FIGURA 03**). Quando a ficha passou a receber somente a digital do dedo polegar, o documento extra, anexado a ela e com as impressões dos 10 dedos do solicitante, foi nomeado como “sistema Vucetich” (**FIGURA 04**).¹⁴ Da mesma forma que a fotografia 3x4 foi uma adaptação dos registros fotográficos de prisioneiros, a coleta das digitais também seguiu a concepção original estabelecida por Vucetich no seu trabalho na polícia de Buenos Aires.

Desde 2007, as pesquisas no acervo da DRT/RS foram facilitadas com a criação de um banco de dados que repete todos os campos da ficha e permite cruzar as informações inseridas. A proposta de criação do banco, além do desenvolvimento das pesquisas, também contribui para a preservação dos documentos:

pensou-se também na própria preservação da documentação, que está em suporte papel, já fragilizado pelo tempo e com marcas de ataques de pragas. Na medida em que a documentação é limpa, higienizada, transferida para novas caixas e posteriormente digitada, seu futuro manuseio será reduzido ao extremo, preservando-se, portanto, sua integralidade por mais tempo. (Loner, 2010, p. 21)



Figura 03: Registros das digitais dos dedos de Antonio Fossini Sobrinho. Servente da Fábrica de Banha Transmontana. Guaporé, 1942.

Atualmente, o banco contém informações de 51.324 fichas entre os anos de 1933 e 1944. A partir das pesquisas no banco, foi verificada a presença de estabelecimentos de todas as regiões do Rio Grande do Sul, a maioria das fichas registrou a cor como “branca”, o trabalho masculino sobressaiu em comparação com o feminino, entre outros resultados, permitindo elaborar determinados perfis de grupos de trabalhadores. A documentação da DRT/RS apresenta

trabalhadores que somente chegaram ao presente a partir da preservação das fichas de qualificação profissional. Homens e mulheres que não possuem referên-

¹⁴ Não é possível identificar quando o sistema passou a ser usado nem mesmo o porquê da sua adoção em um documento anexado à ficha de qualificação. Nem todas as fichas possuem esse documento, sendo que muitos podem ter se separado e foram perdidos antes da salvaguarda no NDH/UFPeL.

cias no passado, alguns deles talvez nem mesmo referências familiares, uma vez que muitos nasceram no século XIX e acabaram esquecidos por seus descendentes. A DRT/RS permite, portanto, trazer à luz as informações sobre esses trabalhadores, permite rememorá-los a partir dos seus dados pessoais e laborais registrados nas fichas. (Lopes, 2015, p. 02)

Em outras palavras, as fichas, assim como as fotografias 3x4, são suportes importantes para a pesquisa sobre os mundos do trabalho nos anos 1930 e 1940, a partir das informações dos solicitantes de carteira profissional. Os dados e os registros fotográficos não devem ser considerados apenas por essa perspectiva generalizante, mas, sim, a partir das histórias de homens e mulheres comuns, dos quais as fontes pouco ou nada conservaram, e que podem ser nominados individualmente com base na anotação de seus dados na ficha. Os próximos capítulos serão desenvolvidos seguindo essas considerações, apresentando e analisando os homens e as mulheres comuns vinculados aos frigoríficos, às cooperativas e aos curtumes do estado e que, em um momento de suas trajetórias profissionais — de suas histórias de trabalho — foram impelidos a solicitar a carteira profissional, garantido seus direitos e configurando parte de suas histórias de vida.

Ficha de qualificação profissional

Ficha n.º 28820 Rio de Janeiro, 27 de Setembro de 1944

Série 59 Livro 573

Nome Harry Armando Blassmam

Firma da pessoa identificada Harry Armando Blassmam Firma do identificador [assinatura]

Sistema Vucetich

MINISTÉRIO DO TRABALHO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO
SERVIÇO DE IDENTIFICAÇÃO PROFISSIONAL
SISTEMA VUCETICH

Ficha n.º 28820 Série 59

		SÉRIE				
		Polegares	Indicadores	Médios	Anulares	Mínimos
SEÇÃO	Mão direita	[impressão]	[impressão]	[impressão]	[impressão]	[impressão]
	Mão esquerda	[impressão]	[impressão]	[impressão]	[impressão]	[impressão]

Figura 04: Sistema Vucetich. Ficha de qualificação profissional de Harry Armando Blassmam. Diarista do Instituto Sul Riograndense de Carnes. Tupaciretã, 1944.

CAPÍTULO 2

TRABALHADORAS E TRABALHADORES NOS FRIGORÍFICOS

Os frigoríficos constituem os estabelecimentos com maior demanda de carteiras profissionais no período entre os anos de 1933 e 1944.¹⁵ A pesquisa foi realizada, inicialmente, no campo “espécie de estabelecimento” com as palavras “frigorífico”, “banha” e “carne” e, na sequência, a busca por informações também se amparou em outros campos, como “estabelecimento” e “cidade do estabelecimento”. Este último, contribuiu, por exemplo, para definir se determinados grupos de trabalhadores estavam vinculados ao mesmo frigorífico quando os campos anteriores não estavam preenchidos na própria ficha. Entretanto, a comparação das fotografias 3x4 — mesmo fundo e mesma data, como será abordado adiante — foi fundamental nesse processo de identificação dos grupos de trabalhadores e seus locais de trabalho.

O levantamento resultou em 2066 fichas já inseridas no banco de trabalhadores e trabalhadoras vinculados a 35 frigoríficos, em praticamente todas as regiões do estado. Nesse total, também foram consideradas as cooperativas de banha e/ou de outros produtos de origem animal, das quais, na maioria das vezes, as fichas também as identificaram, no campo “espécie do estabelecimento”, como frigoríficos. Serão somadas, a esse resultado, as informações de outras

36 fichas de trabalhadores e trabalhadoras do Frigorífico Anglo que ainda não foram digitadas no banco, totalizando 2102. O quadro abaixo apresenta o total de solicitações de carteira nos frigoríficos, divididas por número de pedidos (**QUADRO 1**). Há uma discrepância nos dados quando comparada a somatória dos quatro primeiros (1578 fichas) com os demais 31 frigoríficos (524 fichas — incluídas aquelas com o campo “estabelecimento” preenchido como “não informado”). Entretanto, importante considerar que as solicitações, como explicado no capítulo anterior, não representam o universo dos trabalhadores em nenhum desses estabelecimentos. Sendo assim, a probabilidade era a de que todos tinham outros trabalhadores. Os frigoríficos com quatro ou menos trabalhadores são característicos dessa constatação. O Frigorífico Baumhardt e Irmãos, de Santa Cruz do Sul, por exemplo, não possuía os dois únicos trabalhadores encontrados nos dados, uma vez que, no ano de 1938, inaugurou um matadouro de suínos (Barcellos Júnior, 2005, p. 182), ou seja, ampliou suas linhas de produção e, consequentemente, a mão de obra.

Entre os quatro frigoríficos mais demandados, estavam três que eram filiais de companhias estrangeiras. A região da campanha recebeu uma filial do Frigorífico Armour of Brazil Corporation, instalada em Santana do Livramento, enquanto na região sul, em Rio Grande, se estabeleceu a Companhia Swift do Brasil e, em Pelotas, o Frigorífico Anglo.

Segundo Sandra Pesavento, a Companhia Armour começou a sua expansão a partir de 1917 com atividades na Argentina, Uruguai, Paraguai, Chile e Brasil. Além da unidade de Santana do Livramento, outra também foi construída em São Paulo (Pesavento, 1980, p. 135). Marta Lucena destaca o impacto que o Armour significou para o município:

¹⁵ Depois dos frigoríficos, os setores com mais demanda de solicitação de carteiras são: construção civil, fábricas de tecidos e de confecções, indústria do calçado e instituições financeiras, respectivamente.

A instalação deste empreendimento não significou para a população da cidade apenas um estabelecimento econômico de porte. O Frigorífico dinamizou a vida social daquela comunidade. Estabeleceu um grande complexo social e, em seu entorno, foi se constituindo uma sociedade que começou a prosperar e a viver em função do Armour. (Lucena, 2011, p. 72)

Ao longo dos anos seguintes, um bairro foi surgindo ao redor do frigorífico, com a instalação das casas dos administradores e espaços de recreação: “casas das principais chefias e a grande casa do superintendente. Mais à frente estava o casarão chamado de Casa dos Solteiros e acima, um imponente clube de golfe, o — Clube dos Ingleses. A planta industrial completava-se com um campo de futebol” (Aseff, 2017, p. 44). Também na mesma região do frigorífico se instalaram muitos de seus trabalhadores, embora em condições díspares daquelas dos seus superiores: “As casas dos operários, geralmente eram de madeira e muitas delas forradas com grandes folhas de aço, compradas dos lotes que por algum motivo não serviam para produzir as latas de conservas” (Aseff, 2017, p. 46).

Toda a infraestrutura que surgiu ao redor do Armour revela a força da atividade empreendida em suas linhas de produção, com a presença significativa de trabalhadores. O frigorífico possuía:

instalações de graxaria, cozimento de sangue, latoaria, rotulagem, salga de couros, conserva, moinho de ossos, matança, cozimento de carne, câmaras frigoríficas, picada, tanque para cozimento dos ossos, resfriador e salmoura. Na parte de fora ficavam a carpintaria, armazém, oficina mecânica, balança para vagões e para o gado. As salas do Gerente, de compras e de Engenharia de operações ficavam no bloco da planta industrial. (Albornoz, 2000, p. 119 *apud* Aseff, 2017, p. 44)

Já a Companhia Swift do Brasil começou suas linhas de produção em Rio Grande, no ano de 1918, e tinha outra unidade na fronteira oeste, na cidade de Rosário do Sul (Pesavento, 1980, p. 139-140).¹⁶ Da mesma forma que o Armour, o frigorífico de Rio Grande ocupou uma grande área junto ao porto: “Para escoamento da produção, foi construído um cais

próprio que agilizava o carregamento dos navios” e ergueu “residências para os principais funcionários e técnicos norte-americanos” (Oliveira, 2015, p. 01). Carlos de Oliveira conclui: “Era uma pequena cidade em funcionamento, com posto de saúde, laboratório, restaurante e porto particular, onde dezenas de milhares de pessoas dependiam, no interior ou fora dos muros de sua urbanidade, da manutenção de suas atividades” (Oliveira, 2015, p. 01).

O frigorífico Anglo de Pelotas já possuía outras unidades instaladas na América Latina, sendo uma no Brasil, no município de Barretos — no estado de São Paulo — e no Uruguai, em Fray Bentos (Araújo, 2002; Michelin, 2012).

A história do frigorífico em Pelotas foi iniciada em 1917, quando foi criada a Companhia Frigorífica Rio Grande, com capital nacional. O “principal catalisador dessa iniciativa foi o Banco Pelotense” (Michelon, 2012, p. 43), mas em 1921 o projeto foi vendido para o grupo inglês Vestey Brothers. Conforme Francisca Michelin:

o surgimento do Frigorífico Rio Grande com capital de criadores e charqueadores foi uma tentativa frustrada que esbarrou na incapacidade do setor pecuarista de promover as mudanças que não eram, tão somente, a modernização da produção, mas o desenvolvimento de competências para vencer a concorrência com os frigoríficos estrangeiros que tanto dispunham de contratos sólidos com os mercados internacionais como detinham maiores recursos. (Michelon, 2012, p. 53)

Somente em 1942 foram iniciadas as obras de readequação e reforma na estrutura, levando a inauguração do Frigorífico Anglo em dezembro de 1943. As atividades começaram com uma planta de produção diversificada, a qual contava com prédio da matança, câmaras frias, estamparias, seção de conservas, seção de retortas, seção de resfriamento, seção de sopa para extrato, seção de incubação, seção de caixotaria, seção do extrato de carne, depósito, sala das máquinas, fabricação de gás, oficina mecânica e almoxarifado (Michelon, 2012, p. 57).

¹⁶ A Companhia Swift também possuía uma filial na região de Berisso, perto de Buenos Aires (Lobato, 2001).

Quadro 1: Número de trabalhadores por município e frigorífico.

Frigorífico	Município	Trabalhadores/as
Armour of Brasil Corporation	Santana do Livramento	663
Companhia Swift do Brasil	Rio Grande e Rosário do Sul	477
Nacionais Sul Brasileiros S/A	Canoas, Porto Alegre, Carazinho, Santo Ângelo, Ijuí, Alfredo Chaves e Nova Prata	240
Anglo	Pelotas	198 ¹⁷
Costi, Irmãos e Ltda. ¹⁸	Encantado	69
Borella	Passo Fundo	60
Cooperativa Bassanense de produtos suínos Ltda.	Nova Bassano	40
Cooperativa de produção de banha Santa Isabel	Erechim	39
Sociedade Cooperativa de Banha Sul Brasileira Ltda.	Guaporé	39
Cooperativa de Banha Ltda.	Guaporé	28
Serrano	Ijuí	26
Victorio M. Costi	Putinga ¹⁹	23
Sarandi	Sarandi	23
Hemesath e Cia Ltda.	Pindorama ²⁰	19
Fábrica de Banha Transmontana Ltda.	Guaporé	19
Boavistense Ltda.	Erechim	18
A. Evers e Cia. Ltda.	Santa Cruz do Sul	15
Sociedade Ardomé Ltda.	Arroio do Meio	13

Instituto Sul Riograndense de carnes	Tupanciretã	12
Sociedade Cooperativa de Suinocultores de Bella Vista	Alfredo Chaves ²¹	12
Anselmi	Rio Grande	11
Cooperativa de Banha Sul Rio Grandense	Cruz Alta	8
Fornari, Busetti Cia. Ltda.	Anta Gorda	8
Provenciano & Sanches	Novo Hamburgo	8
Refinaria 73	Porto Alegre	7
Sociedade de Produtos Suínos Barrense Ltda	Erechim	4
Cooperativa de Banha Sant'Anna	Getúlio Vargas	4
Edgard Yung	Arroio do Meio	2
Ideal	Guaporé	2
Baumhardt e Irmãos	Santa Cruz do Sul	2
Alberto Fett e Cia. Ltda.	Estrela	1
Carlos Knorr e Filhos	Pindorama	1
F. M. Brasileira	Porto Alegre	1
Salies e Filhos	Rio Grande	1
Triunfo	Rio Grande	1
Não informado	-	8
Total: 2102		

Fonte: Elaboração do autor, 2023. Acervo: DRT/RS-NDH-UFPeL.

¹⁷ Incluídos os 162 trabalhadores da obra de reestruturação dos prédios, antes da reinauguração em 1942.

¹⁸ As fichas de 49 trabalhadores estão no mesmo livro, n.622, e identificaram a cidade do estabelecimento como “Encantado”. Apenas uma ficha possui a informação no campo “estabelecimento” como “Costi, Irmãos e Ltda.”, sendo que nas demais não está preenchido, entretanto, todas as fotografias foram realizadas no mesmo dia, conforme será averiguado na sequência do capítulo, o que leva a considerar que todos os solicitantes estavam vinculados a esse frigorífico.

¹⁹ Naquele momento, era um distrito do município de Encantado.

²⁰ Atual município de Panambi.

²¹ Atual município de Fagundes Varela. Na época, Fagundes Varela era um distrito do município de Alfredo Chaves, atualmente Veranópolis.

Em concorrência com esses três empreendimentos, surgiu o Frigoríficos Nacionais Sul-Brasileiros, criado a partir das discussões da Sociedade da Banha Sul Rio-Grandense Ltda.: “Em 1938 os Frigoríficos passaram ao comando do Estado, que desejava produzir a sua própria carne com o objetivo de cessar o monopólio dos frigoríficos estrangeiros; a empresa fora inaugurada com grande solenidade, enfim, em 1939” (Viegas, 2011, p. 50-51). O conglomerado foi “criado em 1936, em Canoas. Sua direção estava a cargo da firma de Carlos H. Oderich & Cia., estabelecida em São Sebastião do Caí e Lajeado, que se achava atuando há mais de 20 anos neste ramo de atividade” (Pesavento, 1983, p. 109).²² Além da unidade de Canoas, foram incluídos no empreendimento “estabelecimentos já existentes, com matadouro anexo em Santo Ângelo, Monte Vêneto, Nova Bassano, Caxias, Tubarão (Santa Catarina), Ijuí, Carazinho, Erechim, Viadutos, Passo Fundo e Guaporé (Pesavento, 1983, p. 109).

Nota-se que a proposta do novo frigorífico era audaciosa, o que justifica a posição do empreendimento em terceiro lugar nas solicitações de carteira. No entanto, como as informações da DRT/RS não estão completas, e tampouco aparecem todas as suas unidades, é possível considerar que a quantidade de trabalhadores em suas linhas de produção era maior do que o total dos empregados verificados nos dados, mas indica a busca pela competitividade almejada pelo conglomerado.

O Frigorífico Borella, de Passo Fundo, surgiu em 1923 e 10 anos depois “preparava salame, presunto, mortadela e mais artigos do ramo, tendo anexas refinaria de banha e fábrica de caixas para o acondicionamento da sua produção” (Xavier; Oliveira *apud* Tedesco et

al., 2005, p. 278).²³ Já a Sociedade Cooperativa de Banha Santa Isabel, de Erechim, produzia um dos principais produtos derivados do abate de suínos, conforme já se destacava no nome do empreendimento. Parte dos estabelecimentos surgidos na década de 1930 era de caráter associativo e com capitais familiares (Tedesco; Souza, 2016, p. 17) e esse foi o formato da constituição da Cooperativa de Banha Santa Isabel que iniciou suas atividades ainda na década de 1930.

O Frigorífico Serrano, de Ijuí, foi inaugurado em 1934 e, conforme Regina Weber “duas décadas depois, considerado a quarta empresa do estado no gênero” (Weber, 1989, p. 82). Da mesma forma que foi apontado acima sobre o Frigoríficos Nacionais, certamente os 26 trabalhadores verificados nos dados da DRT/RS não representam a totalidade da mão de obra do Serrano. Essa constatação também vai ao encontro do que foi averiguado por Regina Weber ao relatar a diversidade da produção do frigorífico e de seus setores.

Além do abate dos animais e do processamento da carne havia uma seção de banha, a qual era “a incorporação, pelo frigorífico, de um tipo de estabelecimento fabril que já existia na Vila Ijuhy, a refinaria de banha” (Weber, 1989, p. 84). O Serrano mantinha um ritmo de produção industrial com a utilização das câmaras frias e maquinário, mas, ao mesmo tempo, em outros setores “(salamaria, presuntaria), os instrumentos de trabalho pareciam os utilizados em uma cozinha, apenas em escala ampliada” (Weber, 1989, p. 86).

A diversificação dos produtos (processamento da carne, refino de banha, salames e presuntos) é uma característica dos frigoríficos regionais, que se dedicavam ao atendimento, sobretudo, do mercado interno e que pouco competiam com as filiais daqueles oriundos de

22 O estabelecimento da família Oderich se retirou do conglomerado de empresas no ano de 1956. Atualmente, ainda mantém suas linhas de produção na fabricação de salsichas e outros produtos alimentícios. Conforme: <https://www.oderich.com.br/pt/institucional/historia>. Acesso em 30/04/2022.

23 O frigorífico foi adquirido pelo grupo BRF em 1984 e, ainda, se encontra em atividade. Conforme: <https://imprensa.brf-global.com/pt/noticias/cronologia/>. Acesso em 28/04/2022. Em 2017, a Prefeitura Municipal de Marau sancionou a Lei nº 5338, de 07 de abril de 2017, que “Denomina a Chaminé do Antigo Frigorífico Borella atual empresa BRF como símbolo da industrialização do Município de Marau”. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a1/rs/m/marau/lei-ordinaria/2017/534/5338/lei-ordinaria-n-5338-2017-denomina-a-chamine-do-antigo-frigorifico-borella-atual-empresa-brf-como-simbolo-da-industrializacao-do-municipio-de-marau-rs>. Acesso em 28/04/2022.

capital estrangeiro. Além do Serrano, essas também são características verificadas no Borella e na Sociedade Cooperativa de Banha Santa Isabel e em alguns outros frigoríficos, sendo que parte também era resultado de ações de cooperativados. Erechim possuía outras duas empresas do ramo, o Frigorífico Boavistense Ltda. e a Sociedade de Produtos Suínos Barrense Ltda., sendo esta na região onde atualmente fica o município de Gaurama. Em Getúlio Vargas estava a Cooperativa de Banha Sant'Anna, fundada em 1935 (Giaretta, 2008, p. 140).

O Frigorífico Costi e Irmãos, de Encantado, foi fundado em 1906 com comercialização diversificada de produtos e “mais ou menos em 1935, a empresa inicia o processo de refino da banha, com a finalidade de obter melhores preços, maior qualidade e prazos de validade do produto” (Barcellos Júnior, 2005, p. 198). Ainda de acordo com Antônio Barcellos Júnior:

Com o crescimento das criações de suínos, naturalmente a empresa evoluiu e passou à condição de abatedouro, produzindo banha de forma autônoma, o que permitiu o aproveitamento da carne, que acabou conduzindo a empresa à condição de produtora de carnes salgadas. (Barcellos Júnior, 2005, p. 197)

A informação averiguada pelo autor vai ao encontro do que, certamente, acontecia com a maioria dos frigoríficos e cooperativas de capital nacional que produziam não apenas o refinamento da banha, mas ampliavam suas linhas de produção de acordo com suas realidades e demandas. Assim, outros produtos, como embutidos e carnes processadas, também integravam as atividades nos estabelecimentos menores.

A pesquisa de Antônio Barcellos Júnior contribuiu também para o entendimento de que o Frigorífico Costi, de Encantado, não é a mesma

empresa identificada como Victorio M. Costi, localizada na cidade de Putinga, sendo que esta, nos anos das solicitações de carteira, era uma vila do município de Encantado.²⁴ O frigorífico instalado em Putinga era propriedade de um dos filhos do fundador daquele de Encantado: “os filhos Zeferino e Victorio fundaram seus próprios matadouros, em Passo Fundo e Putinga” (Barcellos Júnior, 2005, p. 197).

As informações sobre os dois frigoríficos de Santa Cruz do Sul, Baumhardt e Irmãos e A. Evers e Cia. Ltda. também foram consultadas a partir do trabalho de Antônio Barcellos Júnior. O primeiro é a empresa Excelsior Alimentos S/A, fundado em 1893. No ano de 1940, “a Baumhardt Irmãos incorpora a Evers Ltda, assumindo a empresa definitivamente” (Barcellos Júnior, 2005, p. 182). Conforme o autor, a produção inicialmente se dedicou ao refinamento da banha, depois, a partir de 1938, para o processamento de produtos suínos e, em seguida, em 1962, o foco para a indústria da carne, e, desde 2003, entrou no ramo alimentício (Barcellos Júnior, 2005, p. 182).²⁵

Os demais frigoríficos que constam no quadro 1 possuem informações esparsas. Alguns deles constam na lista de abate de suínos organizada pelo Sindicato da Indústria de Produtos Suínos no Estado do Rio Grande do sul, que apresentava os números a partir de 1942. Com esse documento, foi verificado que algumas das cooperativas — Cooperativa de Banha Sant'Anna e Cooperativa de Banha Santa Isabel — integravam, talvez não totalmente, o conglomerado do Frigoríficos Nacionais. No quadro, constam vários outros frigoríficos, entre os quais, alguns também identificados nos dados da DRT/RS — Frigorífico Fornari, Buseti & Cia. Ltda., Frigorífico Boavistense Ltda., Frigorífico Ideal Ltda., Frigorífico Provenzano & Sanches Ltda., Frigorífico Hemesath & Cia. Ltda.,

²⁴ Putinga se emancipou em 1963. Ver [r:https://putinga.rs.gov.br/pagina/id/2/?historia-do-municipio.html](https://putinga.rs.gov.br/pagina/id/2/?historia-do-municipio.html). Acesso em: 22/04/2023.

²⁵ Conforme a página da empresa, na atualidade, a Excelsior possui “125 produtos no mercado, com linhas que vão de embutidos à base de proteínas, até vegetais congelados e pratos prontos para o consumo”. Ver: <https://excelsior.com.br/sobre-nos/>. Acesso em: 22/04/2023.

Frigorífico Anselmi Ltda., Soc. Industrial Ardomé Ltda., Ind. Bassanense de Prod. Suínos Ltda.²⁶ A listagem do quantitativo de abates demonstra o quanto o ramo do processamento da carne suína e do refinamento da banha se tornaram atividades significativas na economia do estado nas primeiras décadas do século XX.

A distribuição dos frigoríficos e cooperativas de produtos derivados do abate de animais no Rio Grande do Sul permite algumas considerações. Inicialmente, é inegável que a implantação se deu a partir das especificidades, necessidades e especialidades de cada região.

As instalações do Armour, na fronteira, e Anglo e Swift, no sul, estavam relacionadas ao passado dessas regiões, caracterizado pela pecuária com a criação de grandes rebanhos. Como destaca Sandra Pesavento, “O Rio Grande do Sul possuía de forma abundante a matéria-prima necessária para o tipo de indústria cujos produtos eram requisitados pelo mercado internacional em expansão” (Pesavento, 1980, p. 105-107). Já em Rio Grande, além da existência de um dos principais portos do estado, o que favorecia a exportação da carne frigorificada, a cidade possuía em seu histórico uma ampla e diversificada atividade fabril, com um número significativo de trabalhadores em busca de ocupação (Loner, 2016). Essa última constatação também é apontada para Pelotas, acrescida ao seu histórico ligado à produção das charqueadas — presente ainda no começo do século XX — e que oferecia ao frigorífico trabalhadores que poderiam deter conhecimento sobre o abate dos animais e manuseio das peças de carne, apesar das especificidades dos frigoríficos e, portanto, da mão de obra ser distinta daquela empregada nas charqueadas. Como enfatiza Francisca Michelon “o mais adequado talvez seja admitir que ambas as indústrias, saladeril e frigorífica, fazem parte da mesma matéria, entretanto, são capítulos com trajetórias próprias” (Michelon, 2012, p. 38). No entanto, isso não anula o fato da instalação de um frigorífico em Pelotas —

iniciado antes mesmo da chegada do Anglo, como visto anteriormente — ter se apropriado do passado charqueador do município e de uma tentativa de modernização da indústria da carne, com o frigorífico substituindo a charqueada.

Na metade norte do estado, na qual predominava o rebanho suíno, era uma região de ocupação recente, sobretudo pelas iniciativas de imigração. Como destaca João Carlos Tedesco e Sirlei Souza: “os imigrantes introduziram a diversificação agrícola e artesanal principalmente em torno da técnica para a preparação de carnes embutidas e curadas e da preparação da banha” (Tedesco; Souza, 2016, p. 13). A produção artesanal e, em especial, familiar, logo se tornou industrial, atendendo ao mercado regional e nacional, mas igualmente voltada à exportação:

No tocante à exportação, face às melhorias sanitárias e aos processos técnicos, o Rio Grande principiou a reconquistar os mercados nacionais e estrangeiros. Em 1931, a banha gaúcha começou a ser vendida para a Inglaterra, Alemanha, França, Itália e Áustria, uma vez que cumpria as exigências sanitárias do padrão internacional de consumo. (Pesavento, 1983, p. 99)

Regina Weber destaca a importância desse tipo de indústria para a região de Ijuí, também localizada na metade norte do Rio Grande do Sul: “principal ramo fabril ijuiense, a suíno-indústria teve sua maior expressão no Frigorífico Serrano” (Weber, 1989, p. 82). Independente do porte das indústrias frigoríficas, elas foram relevantes para as zonas nas quais estavam instaladas e responsáveis pela oferta de um número considerável de vagas para os trabalhadores que desenvolviam suas atividades. Para todas as etapas da produção, os estabelecimentos contaram com uma mão de obra disponível em cada região e, em algumas delas, conhecedora das tarefas e dos preparos dos artigos alimentícios.

²⁶ Os nomes desses estabelecimentos foram colocados conforme o documento disponibilizado pelo Sindicato. Cf.: *Abates - série histórica por estabelecimento a partir de 1942*. Sindicato da Indústria de Produtos Suínos no Estado do Rio Grande do sul. Disponível em: <http://www.sips.com.br/relatorios/estatisticas>. Acesso em: 12/03/2021.

No caso daqueles que se dedicavam ao refinamento da banha e a fabricação de outros produtos derivados da carne suína, como salames, o contato doméstico e cotidiano com os processos facilitavam a contratação dos trabalhadores. João Carlos Tedesco e Sirlei de Souza analisaram a história do Frigorífico Z. D. Costi & Cia Ltda., de Passo Fundo, fundado em 1948. Esse frigorífico ainda não possui informações nos dados da DRT/RS, mas a atitude de seu proprietário, explicada pelos autores, vai ao encontro do que, possivelmente, acontecia na busca por mão de obra nos demais frigoríficos. Conforme explicaram, no começo das atividades, o proprietário “ia buscar grande parte da mão de obra no meio rural do município” (Tedesco; Souza, 2016, p. 28), uma vez que “no meio rural havia famílias numerosas, com pouca terra e renda insuficiente para atender a todos os membros da família” (Tedesco; Souza, 2016, p. 29). Já foi averiguado nos dados do Frigorífico Borella a existência de núcleo familiares, com a presença de um casal, pai e filhos e irmãos (Lopes, 2022).

No que se refere às profissões registradas nas fichas, é possível dividi-las em dois grupos (**QUADRO 2**). O primeiro agrega àquelas vinculadas diretamente ao manuseio e processamento, ou seja, o abate dos animais, a separação das peças de carne, o desossamento, o refinamento da banha e a transformação nos produtos finais. Nesse grupo, se destacavam as ocupações especializadas da indústria frigorífica: magarefe (505), salameiro (6), carneador (5), refinador de banha (9), salsicheiro (1), mestre da conserva (1), inspetor de conserva (1), e ajudante taxoeiro (1), picador de carne (1).

Quadro 2: Profissões por número de trabalhadores/as.

Profissão	Trabalhadores/as
Servente	959
Magarefe	505
Auxiliar de comércio	86
Carpinteiro	48
Jornaleiro	40
Pedreiro	21 ²⁷
Doméstica	22 ²⁸
Escriturário	15
Mecânico	13
Operário	17
Ajudante de mecânico	10
Chofer/ <i>chauffeur</i>	17

Fonte: Elaboração do autor, 2023. Acervo: DRT/RS-NDH-UFPeL.

O segundo grupo reúne as atividades paralelas e importantes para o funcionamento do frigorífico. Algumas profissões com funções burocráticas, como escriturário, datilógrafa, estenógrafa, auxiliar de escritório, contador, guarda-livros. Outras operacionais, como auxiliar de comércio, carpinteiro, mecânico, maquinista, chofer/*chauffeur*, foguista, químico, canista, caldeireiro, técnico eletricitista, torneiro mecânico, ajudante caldeireiro, soldador, oxigenista, mecânico prático, ajudante canista, chanfreiro, ajudante de mecânico, expedidor e ronda. Ainda, tropeiro, alambrador, comprador de gados, carroceiro e comprador suínos.

27 Nove estavam trabalhando nas obras do Frigorífico Anglo antes do funcionamento das linhas de produção.

28 Todas vinculadas ao Armour of Brazil Corporation. Há duas hipóteses para os registros dessa profissão. A primeira, considera que suas tarefas não se diferenciavam daquelas executadas pelas serventes. Como será visto adiante, a ficha de uma das trabalhadoras registrou “doméstica” como profissão, mas desempenhando a função de “servente”, o que poderia ser a situação das demais. A segunda, como averiguado anteriormente, o Armour possuía também residências para as chefias e superintende, além de outras instalações, o que justificaria a presença de empregadas domésticas.

Contudo, a profissão com maior presença nos registros das fichas é a de servente. Ela pode ser classificada nos dois grupos acima, já que é considerada uma função com desenvolvimento de múltiplas tarefas. Em outras palavras, a função de serventes não deve ser entendida somente como ocupada por responsáveis pela limpeza das estruturas e maquinários dos frigoríficos, mas também como pessoas que estavam desempenhando atribuições diretamente nas linhas de produção. Sandra Pesavento, ao comentar a mão de obra empregada no frigorífico Armour, afirma que “é evidente que, fora a dos técnicos especializados, o frigorífico utilizava a força de trabalho local, de muito mais baixo custo. Aliás, a baixa remuneração do trabalho era uma das fontes de lucro dos frigoríficos” (Pesavento, 1980, p. 135). Essa mão de obra de baixo custo e mal remunerada era formada por trabalhadores contratados, provavelmente como serventes.

A afirmação da autora vai ao encontro do que foi verificado nos dados das fichas em relação aos vinculados ao Frigorífico Armour e, também, aos do Frigorífico Borella. No primeiro, entre os 663 trabalhadores, 555 eram serventes, sendo 226 mulheres²⁹; enquanto no segundo, dos 60 trabalhadores, 40 eram serventes, mas a maioria eram homens (33). É improvável que havia a necessidade desse número de serventes apenas para as tarefas de limpeza, certamente trabalhavam diretamente nas linhas de produção e no processamento de diversos produtos.

Outra explicação para o número considerável de serventes, e não apenas entre o frigorífico de Santana do Livramento e o de Passo Fundo, estava na possibilidade do pagamento de salários menores — hipótese explanada por Sandra Pesavento — uma vez que não se tratava de uma profissão especializada, como magarefe, salameiro ou refinador de banha. Ainda há mais uma constatação no que se refere aos serventes. É muito improvável que alguns frigoríficos contratassem pessoas inexperientes nos processos, por exemplo, de refinamento da

banha e produção de embutidos, entretanto, o vínculo firmado era como “servente”, com pagamento de salário correspondente e inferior ao recebido pelos trabalhadores considerados especializados.

Poucas fichas apresentavam os registros dos salários, o que não permite estabelecer parâmetros entre a profissão e o pagamento, embora algumas delas, todas de 1944, possibilitam verificar os valores recebidos. Alguns dos magarefes do Frigorífico Victório M. Casti, de Putinga, recebiam Cr\$400,00 mensais; o picador de carne, Cr\$310,00, e um operário, Cr\$260,00 mensais. O refinador do Fornari, Bussetti e Cia. Ltda., de Anta Gorda, recebia Cr\$300,00 mensais e o foguista do Provenciano e Sanches, de Novo Hamburgo, Cr\$470,00. Já as 22 trabalhadoras do Frigorífico Armour, com registro de profissão como “doméstica”, e 33 homens com profissão como “jornaleiro”, recebiam o mesmo salário de Cr\$300,00 por mês, enquanto um dos mecânicos do frigorífico ganhava Cr\$700,00 por mês. Nove serventes do Frigoríficos Nacionais, todos de Santo Ângelo, ganhavam Cr\$12,00 por dia, o que somado em um mês de trabalho, de segunda a sábado, totalizaria Cr\$288,00. Apesar de não ser possível estabelecer uma comparação contundente, esses dados acenam para a situação salarial dos trabalhadores, ou seja, aqueles especializados recebiam mais, enquanto as domésticas e os jornaleiros do Armour, por exemplo — sendo que os últimos desempenhavam atividades, provavelmente, semelhantes às daquelas dos serventes — ganhavam salários menores.

Ainda é possível apontar outra verificação sobre a expressiva presença de serventes: a significativa ausência de profissões especializadas. Dessa forma, é improvável que apenas os seis salameiros — vinculados aos frigoríficos Borella (2 trabalhadores), Hemesath e Cia, Bannhardt e Irmão, Serrano e Cooperativa Bassanense de produtos suínos —, o único salsicheiro — do Frigoríficos Nacional Sul Brasileiros —, e o mestre da conserva — da Companhia Swift do Brasil — fossem os únicos que desempenhassem essas ocupações, ou seja, os serventes

29 Além dessas, havia também quatro trabalhadoras no Armour nos serviços burocráticos: uma escrevente, uma datilógrafa, uma escriturária e uma estenógrafa.

igualmente atuavam nas linhas de produção. Assim, os especializados conduziam o trabalho dos serventes no cotidiano do frigorífico, administrando a rotina e as tarefas que deveriam desempenhar. No entanto, esse possível desvio de função não estava de acordo com a legislação trabalhista, sobretudo no que se refere ao trabalho das mulheres. Se as 226 mulheres serventes do Armour estavam, de fato, trabalhando diretamente com a carne, o frigorífico poderia estar desrespeitando um decreto do governo federal, aquele que normalizou o trabalho feminino.

O decreto 21.417-A, de 17 de maio de 1932, regulamentava “as condições do trabalho das mulheres nos estabelecimentos industriais e comerciais” (Brasil, 1932d) e previa em seu artigo primeiro: “Sem distinção do sexo, a todo trabalho de igual valor correspondente salário igual”. Conforme o documento, estava vedado o trabalho da mulher entre às 22 horas e às 5 horas, proibição de trabalho em ocupações específicas e, conforme explicitado no artigo quinto, também estava vetado o trabalho feminino em determinadas atividades, explicadas em duas alíneas. Na primeira, constavam atividades nos subterrâneos, nas pedreiras e em obras de construção pública ou particular. Enquanto na segunda, colocava a proibição em serviços perigosos e insalubres, os quais constavam em um quadro anexado ao decreto. O quadro estava dividido em cinco grupos de trabalhos proibidos: “emanações nocivas”, “perigo de acidentes”, “perigo de envenenamento”, “necessidade de trabalho atento e prudente” e “poeira e vapores nocivos”.³⁰

Apesar de não constar a palavra “frigorífico” nas alíneas, nas proibições do primeiro grupo constava “limpeza e trabalho nos matadouros” e, no terceiro, “manipulação com resíduos animais”. Se, por um lado, um tipo de proibição em estabelecimento específico estava explícito — matadouros —, por outro, o trabalho envolvendo a

manipulação de resíduos animais não evidenciava quais indústrias estavam impedidas de contratar mulheres. É provável que, para além do Frigorífico Baumhardt e Irmãos, de Santa Cruz do Sul, que inaugurou um matadouro de suínos em 1938, (Barcellos Júnior, 2005, p. 182), outros entre os listados no quadro 1, também possuíam matadouros próprios ou abatiam os animais em suas dependências de produção. Assim, a manipulação das peças de carne, em suas mais diversas formas, era o âmbito da indústria frigorífica, no qual as mulheres também estavam envolvidas. Para além da transformação da carne verde³¹ em carne congelada ou frigorificada, havia a separação da gordura animal para o refinamento da banha e, até mesmo, o uso das vísceras, como o intestino (vulgarmente chamado de tripa), para a produção de linguiças ou outros embutidos, trabalhos que, provavelmente, contavam com a mão de obra feminina. Já a manipulação propriamente dita dos resíduos, ou seja, das partes descartadas dos animais, conforme especificado no decreto, era uma atividade que poderia ser desempenhada pelas serventes, o que correspondia a limpeza do ambiente do frigorífico. Dessa forma, é provável que elas estavam trabalhando em diferentes setores, nos processos de separação das peças, na transformação das carnes, no processamento da banha e no descarte dos resíduos. O Armour, como apontado acima, poderia não estar de acordo com o que constava no decreto, entretanto, a verificação dessa hipótese somente seria viável se, por exemplo, existissem relatórios de fiscalização do MTIC.

A segunda profissão mais demandada era a de magarefe, sendo que do total de 417, 83 eram mulheres. Conforme a Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) do Ministério do Trabalho e Emprego³², a ocupação de “magarefe” tem como “ocupações relacionadas”: “Abatedor”, “Açougueiro”, “Desossador” e “retalhador de carne”. Já a “descrição sumária” detalha as tarefas desempenhadas:

30 Sobre as fichas das trabalhadoras e o decreto que regulamentou o trabalho das mulheres, ver (Lopes, 2022).

31 O termo “carne verde” se refere à carne fresca comercializada logo após o abate e que não passa por nenhum processamento para a sua conservação.

32 A CBO foi instituída pela Portaria nº 1.334, de 21 de dezembro de 1994, revogada e novamente instituída pela Portaria nº 397, de 09 de outubro de 2002. De acordo com essa

Abatem bovinos e aves controlando a temperatura e velocidade de máquinas. Preparam carcaças de animais (aves, bovinos, caprinos, ovinos e suínos) limpando, retirando vísceras, depilando, riscando pequenos cortes e separando cabeças e carcaças para análises laboratoriais. Tratam vísceras limpando e escaldando. Preparam carnes para comercialização desossando, identificando tipos, marcando, fatiando, pesando e cortando. Realizam tratamentos especiais em carnes, salgando, secando, prensando e adicionando conservantes. Acondicionam carnes em embalagens individuais, manualmente ou com o auxílio de máquinas de embalagem a vácuo. Trabalham em conformidade com as normas e procedimentos técnicos e de qualidade, segurança, higiene, saúde e preservação ambiental.³³

Apesar da descrição ser atual e abrangente, nota-se que ela também contempla as tarefas executadas pelos magarefes do passado. Abater os animais, preparar as carcaças separando as partes e retirando as vísceras, bem como a sua manipulação eram (e são na atualidade) parte das atividades desenvolvidas nas linhas de produção dos frigoríficos em funcionamento nas décadas abrangidas pelas fichas. Se é possível levantar a hipótese de que as mulheres trabalhavam em contato direto com os animais abatidos, tanto na manipulação das partes como na limpeza dos resíduos, a partir do registro da profissão como “servente”, essa hipótese obtém fôlego com a identificação da anotação da profissão “magarefe” nas fichas das 83 trabalhadoras. Se os registros como “servente” poderiam ser feitos em uma possível tentativa de despistar o que o decreto proibia, aqueles como “magarefe” não deveriam sequer ser anotados dessa forma, ou seja, elas não poderiam ser contratadas como magarefes. No entanto, ao que tudo indica, conforme o arquivamento dessas fichas na DRT/RS quando recebidas, os pedidos de carteira foram encaminhados sem maiores dificuldades ou correção do campo profissão.

Outro campo da ficha era “sinais particulares”, o qual se torna relevante para apontar algumas considerações sobre os trabalhadores em frigoríficos e possíveis acidentes de trabalho. Entre as 2102 fichas, 46 registraram alguma informação nesse campo em relação às mãos dos trabalhadores (**QUADRO 3**).

A ficha de qualificação profissional não permite apontar que todos os problemas listados acima foram ocasionados durante o expediente. Contudo, como se tratam de cicatrizes nas mãos, sendo que dois trabalhadores têm informações sobre problemas em ambas, é possível considerar que os prováveis cortes que levaram à amputação de falanges ou às marcas permanentes foram ocasionados pelos próprios trabalhadores durante o expediente. O trabalho em frigoríficos requer o manuseio de instrumentos cortantes, por exemplo, facas afiadas que eram necessárias ao bom desempenho das tarefas. A exceção foi o caso do trabalhador da Companhia Swift do Brasil, que não possuía a mão direita, o que aponta para um acidente de trabalho mais grave e, possivelmente, ocasionado na operação de uma máquina.

Na lista do quadro acima, três identificações levam a apontar que o provável acidente de trabalho foi recente: “Tem o dedo médio da mão esquerda cortado”, “Tem o dedo polegar da mão direita quebrado”, “Tem cortada a primeira falange do dedo indicador da mão esquerda”. As anotações não se referem às cicatrizes, mas, sim, a dedos cortados e um dedo quebrado, ou seja, é possível que esses três trabalhadores ainda estavam se recuperando dos acidentes. Além disso, outros sete registros possuem a palavra “corte” associada com a palavra “cicatriz”, o que torna evidente que esses sinais particulares foram provocados por instrumentos cortantes.

As fichas dos 22 trabalhadores do Armour com sinais particulares registraram as seguintes profissões: jornaleiro (8), servente (8), escrevente (1), doméstica (5), sendo que apenas as últimas eram mulheres. Ao cruzar esses dados, torna-se mais provável que os acidentes aconteceram durante o trabalho, uma vez que a hipótese é a de que os jornaleiros e os serventes atuavam diretamente com as linhas de produção do frigorífico manuseando e cortando as peças de carne.

classificação, a maioria das profissões registradas nas fichas, na atualidade, são consideradas ocupações. Disponível em: <https://www.ocupacoes.com.br/>. Acesso em 18/04/2023.

33 Conforme a CBO. Disponível em: <https://www.ocupacoes.com.br/cbo-mte/848520-magarefe>. Acesso em 18/04/2023.

Quadro 3: Sinais particulares por frigorífico.

Sinais particulares	Frigorífico
Cicatriz de corte no punho esquerdo.	Armour
Cicatriz de corte no punho esquerdo. ³⁴	Armour
Pequena cicatriz de corte no dorso da mão (...).	Armour
... dedo anelar da mão esquerda.	Armour
Cicatriz de corte no dedo mínimo direito.	Armour
Tem uma cicatriz no dedo indicador da mão direita.	Armour
Cicatriz no dorso do dedo indicador esquerdo.	Armour
Dedo médio direito e mínimo esquerdo defeituosos.	Armour
Cicatriz no indicador direito.	Armour
Tem uma cicatriz no dedo indicador da mão direita.	Armour
Tem uma cicatriz no dedo indicador da mão direita. ³⁵	Armour
Tem uma cicatriz no dedo polegar da mão direita e uma cicatriz de corte na 1ª falange do dedo anelar da mão direita.	Armour
Tem cicatriz nos dedos indicador da mão esquerda e mínimo da mão direita.	Armour
Cicatriz na primeira falange do dedo mínimo da mão esquerda.	Armour
Tem uma cicatriz na 1ª falange do dedo indicador da mão esquerda e, também, no dedo médio da direita.	Armour
Uma cicatriz de corte no polegar esquerdo.	Armour
Tem o dedo médio da mão esquerda cortado.	Armour
Tem o dedo polegar da mão direita quebrado.	Armour
Tem cicatriz de corte na 1ª falange dos dedos: indicador e médio da mão esquerda e indicador da mão direita.	Armour
Tem cortada a primeira falange do dedo indicador da mão esquerda.	Armour
Uma cicatriz no dedo polegar da mão esquerda.	Armour
Dedo anelar da mão esquerda defeituoso.	Armour
Não tem o movimento da 2ª falange do dedo médio da mão esquerda.	Borella

Defeituosa a 3ª falange do dedo anelar da mão esquerda.	Borella
Cicatriz de 3 cm sobre o dedo polegar da mão direita.	Borella
Cicatriz de 3 cm sobre a 1ª falange do dedo polegar da mão esquerda.	Borella
Amputadas a 2ª e 3ª falange da mão esquerda.	Borella
Cicatriz de 2 cm na junta entre a 1ª e 2ª falange do dedo mínimo da mão esquerda.	Borella
Cicatriz de 3 cm sobre o dorso da mão direita.	Borella
Cicatriz de 5 cm sobre o dorso da mão esquerda.	Borella
Cicatriz de 5 cm nas 2ª e 3ª falanges do dedo anelar da mão esquerda.	Borella
Falta a primeira falange do dedo médio da mão direita.	Swift
Tem falta da ponta da primeira falange do dedo indicador da mão esquerda.	Swift
Falta a primeira falange do indicador da mão direita.	Swift
Falta o dedo indicador da mão esquerda.	Swift
Falta da mão direita.	Swift
Falta de uma meia falange do dedo anular da mão direita.	Swift
Tem uma cicatriz na parte superior da mão.	Transmontana
Não possui o dedo polegar, indicador e médio da mão da esquerda.	Transmontana
Cicatriz atrás do polegar esquerdo.	Transmontana
Falta meia falange do dedo médio esquerdo.	A. Evers
Uma cicatriz na ponta do dedo polegar.	Anglo
Falta uma falange do dedo indicador da mão esquerda.	Boavistense
Faltam duas falanges do dedo indicador da mão direita.	Sant'Anna
Faltam os dedos índice, médio, anular e mínimo da mão direita.	Alberto Fett
Cicatriz no indicador esquerdo.	Nacionais

Fonte: Elaboração do autor, 2023. Acervo: DRT/RS-NDH-UFPeL.

³⁴ Duas fichas possuem a mesma anotação.

³⁵ Idem nota anterior.

Evangelia Aravanis, ao averiguar processos de acidentes de trabalho em Porto Alegre nos anos 1940, pontua que muitas empresas “não tinham seus empregados assegurados, conforme determinava o decreto lei de 10 de julho de 1934” (Aravanis, 2012, p. 303). Não há dados para averiguar as condições de trabalho nos frigoríficos listados no quadro acima, contudo, como aponta a autora, a lei ainda recente à época não era observada na capital e essa mesma situação, provavelmente, ocorria nas demais regiões do estado. Sandra Pesavento apresenta outro dado que contribui para a possibilidade de os acidentes desses trabalhadores terem ocorrido durante o trabalho: “Juntamente com a indústria metalúrgica e a de fiação e tecelagem, as fábricas de banha e conservas apresentava os maiores índices de acidentes no trabalho” (Pesavento, 1983, p. 120). Os dados se referem a anos anteriores àqueles das solicitações de carteira³⁶ e abrangem todo o estado, mas é um indício importante sobre os acidentes de trabalho nos frigoríficos. A pesquisa da autora e a análise das informações coletadas nas fichas permite, também, compreender que os acidentes de trabalho nos frigoríficos era uma constante nas primeiras décadas do século XX, sendo ainda recorrentes na atualidade, apesar do aumento das regras de segurança do trabalho.³⁷

Outro destaque sobre os dados dos trabalhadores dos frigoríficos está no campo cor da ficha. A maioria registrou a cor como “branca”. Entre as 663 fichas dos trabalhadores do Armour, 534 como “branca”, 64 “parda”, 41 “preta”, seis “mista” e quatro “morena”, além de outras 14 como “não informado”. Os 240 trabalhadores e trabalhadoras do conglomerado Frigoríficos estavam assim divididos no registro do campo “cor”: 210 “branca”, 26 “parda”, duas “mista”, uma “preta” e uma não teve o campo preenchido. No frigorífico Anglo: 175 como “branca”, 12 “parda” e 11 “preta”. No frigorífico Borella, apenas uma ficha com registro

de cor como “parda” e todas as demais 59 como “branca”. Já todas as fichas dos 39 trabalhadores e trabalhadoras da Sociedade Cooperativa de Banha Santa Isabel registraram “branca” no campo cor.

A predominância dos registros como cor “branca” não é um dado constatado apenas nos frigoríficos, mas constitui parte do conjunto geral de fichas. Atualmente, 84,83% das fichas registraram “branca” como a cor de ambos os gêneros solicitantes. A localização geográfica de alguns frigoríficos, na metade norte do estado — com forte presença de imigrantes de etnias europeias — pode ser apontada como uma causa para esse índice. No entanto, quando observado esse mesmo campo da ficha para a cidade de Pelotas, com presença significativa de descendentes de escravizados, a cor que predomina também é “branca”. Em outras palavras, esses dados demonstram que a maioria dos solicitantes de carteira profissional, em todo o estado, mas aqui representados pelos vinculados aos frigoríficos, se consideravam brancos e brancas. Somado a isso, percebe-se que muitos trabalhadores não brancos continuaram desenvolvendo as mesmas atividades remanescentes do século XIX, sobretudo em regiões nas quais a exploração da mão de obra escravizada foi mais intensa, como em Pelotas:

Com a Abolição e a República, muitos deles permaneceram na região, desenvolvendo as mesmas atividades que anteriormente nas charqueadas e, também, empregando-se em fábricas, na construção civil e nos trabalhos do porto. Praticamente eles eram encontrados em todo o tipo de trabalho manual, especialmente naqueles mais árduos e estafantes. Diferentemente de seus companheiros brancos, os trabalhadores negros enfrentavam obstáculos maiores à ascensão social, e assim, ao longo do tempo, estiveram presentes em todas as profissões, incluindo os operários de fábricas, chapeleiros, construtores civis, empregados em indústrias de conservas e alimentação, tipografias etc. (Loner, 1999, p. 03)

³⁶ A autora consultou os Relatórios do Centro da Indústria Fabril do Rio Grande do Sul referentes aos anos de 1932, 1933 e 1934 (Pesavento, 1983, p. 120).

³⁷ Nesse sentido, ver: (Varussa, 2016) e o documentário *Carne, Osso*, dirigido por Caio Cavechini e Carlos Juliano Barros, de 2011. Cf: <https://reporterbrasil.org.br/2011/03/quot-carne-osso-quot-retrata-trabalho-nos-frigorificos-brasileiros/>. Acesso em: 23/05/2023.

As informações registradas nas fichas, e os seus cruzamentos a partir do banco de dados, permitem o desenvolvimento de um perfil dos solicitantes (trabalhadores e trabalhadoras) de carteira profissional vinculados aos frigoríficos. A maioria da força de trabalho era constituída por homens, havia poucos trabalhadores considerados especializados quando comparado com o grupo expressivo de serventes, certamente, acidentes aconteceram com parte desses trabalhadores e muitos dos registros no campo cor apontava para pessoas brancas.

Essas nuances nem sempre estão disponíveis em outros documentos, sendo que, na maioria das vezes, as informações se restringem às informações genéricas, coletivas e quantitativas, sem individualizar os trabalhadores. Clarice Speranza, ao trabalhar com processos trabalhistas, aponta que a análise leva à compreensão das falas e trajetórias de trabalhadores comuns “deixando entrever valores, contradições, resistências e adesões” (Speranza, 2012, p. 33). As fichas não levam a essas observações, no entanto, assim como os processos — e não somente os trabalhistas — elas permitem averiguar parte das trajetórias profissionais dos solicitantes, homens e mulheres comuns, constituindo suas histórias de trabalho. A originalidade da documentação contribui com a historiografia do trabalho e com aquela sobre os frigoríficos, na medida em que apresenta aspectos ainda pouco abordados. É nesse sentido que a fotografia 3x4, com os rostos desses trabalhadores, apresenta outra forma de análise do passado, com maior sensibilidade, individualizando-os.

O primeiro conjunto fotográfico (**FIGURAS 05 a 14**) são de trabalhadores e trabalhadoras do Frigorífico Armour, fotografados nos anos de 1934 e 1939. As fotografias produzidas no primeiro ano foram realizadas em estúdio, com o fundo, a iluminação e o modelo da placa igual em todas. As mulheres se apresentaram diante do fotógrafo com os cabelos presos com grampos, algumas com penteados mais elaborados.

Parte delas complementou o visual usando um colar e, outras, apesar do registro em preto e branco, estavam de batom (notadamente, a quinta da figura 05 e a quinta da figura 06). Os homens vestiam casacos e alguns com gravata — incluindo o modelo borboleta — ou lenços. Ao posarem para suas fotografias, é provável que usassem suas melhores roupas, aquelas reservadas para sair de casa, para participar das festas ou para vestir aos domingos, os “trajes domingueiros” (Leite, 1993, p. 97).

As fotografias produzidas em 1939 apresentavam características que as distinguem daquelas de 1934. Inicialmente, entre os homens, se destaca a quase ausência do uso de casacos e gravatas e, entre as mulheres, apenas grampos nos cabelos, mas, ao contrário dos anteriores, esses são simples, sem detalhes. Apesar do fundo dessas fotografias também ser neutro, o modelo da placa é diferente das anteriores e elas foram realizadas concomitantemente no dia 15 de junho³⁸ e no dia 13 de julho.³⁹ É possível considerar que esses grupos de trabalhadores foram fotografados fora de um estúdio fotográfico. Inicialmente, nota-se o uso de roupas mais simples, talvez usadas no cotidiano do trabalho no frigorífico. A exceção dessas condições está no primeiro trabalhador da figura 07, que se apresentou de terno e gravata borboleta. Uma segunda observação está justamente nas roupas que são, em sua maioria, brancas, ou seja, é possível que se tratasse de um jaleco usado na linha de produção. Reforça essa hipótese a primeira trabalhadora da figura 12, na qual é nítida uma alça na lateral do pescoço — talvez um avental.

Não há dados suficientes para verificação dessa hipótese, mas o uso da roupa branca, a ausência de acessórios nas mulheres e os homens trajando roupas mais simples, indicam a possibilidade da produção das fotografias realizadas no próprio frigorífico quando a linha de produção foi interrompida à feitura dos registros. Apenas a última trabalhadora da figura 14 usava um casaco, provavelmente para se proteger do frio

38 Neste dia, 39 trabalhadores foram fotografados.

39 Neste dia, 53 trabalhadores foram fotografados.

causado pelo inverno de julho. Em outras palavras, o mês de produção das fotografias também é um indício para apontá-las como realizadas fora de um estúdio, já que as pessoas estariam mais agasalhadas ao andar na rua, e assim se deixariam fotografar, com roupas de inverno. Entretanto, no ritmo intenso da linha de trabalho do frigorífico, os casacos não eram necessários. A produção das fotografias em grupo e no mesmo dia, como apontado no capítulo 1, foi um recurso usado pelos estabelecimentos — que eram estimulados pelo MTIC a providenciar as carteiras de seus trabalhadores. Provavelmente, todos eram avisados do dia que a fotografia seria realizada, levando alguns a se preparar, como exemplifica o trabalhador que usava casaco e gravata borboleta, roupas que ele, muito provavelmente, na condição de servente, não vestia para desempenhar suas tarefas.

As considerações às fotografias das trabalhadoras e dos trabalhadores do Armour são verificadas, também, em alguns dos demais conjuntos fotográficos averiguados na sequência. Os trabalhadores vinculados a Companhia Swift do Brasil foram fotografados entre 1940 e 1944 (**FIGURAS 15 a 24**). Todas as fotografias foram realizadas em estúdio, constatação percebida a partir das datas distintas — ou seja, não foram realizadas em sequência no mesmo dia — e o modelo das placas que são diferentes, provavelmente não foram fotografados por apenas um profissional, o que indica a possibilidade de Rio ter mais de um estúdio fotográfico nos anos 1940. Ainda, percebe-se em algumas delas, com mais exatidão, o uso da iluminação artificial que ressalta o rosto (notadamente no segundo da figura 15, no segundo e no quinto da figura 16, no primeiro e no segundo da figura 17, no primeiro da figura 18 e no sexto da figura 22).

Da mesma forma que foi verificado para o grupo do Swift, as trabalhadoras e os trabalhadores do Frigorífico Anglo foram fotografados em dias e meses diversos ao longo do ano de 1946 — exceção aos cinco primeiros da figura 28 e os dois primeiros da figura 29 que fizeram suas fotografias no mesmo dia, respectivamente, em 13 de agosto e 03 de outubro (**FIGURAS 25 A 30**). Todos os registros foram realizados em estúdio e percebe-se que os modelos das placas são diferentes devido à presença de mais de um estúdio na cidade naquele ano.⁴⁰

Tanto as mulheres como os homens do Swift estão bem-vestidos; elas com os cabelos apurados e com acessórios, enquanto eles, quase todos, com casacos e gravatas ou lenços no pescoço. Iguais observações aos vinculados ao Anglo. Em relação às mulheres, destacam-se as três primeiras da figura 25, e àquelas das figuras 29 e 30, as quais, apesar das fotografias em preto e branco, usavam batom e, provavelmente, estavam maquiadas. Além dos cabelos penteados, ostentavam acessórios: brincos, grampos nos cabelos e duas de óculos.

As fichas das mulheres do Swift registraram, no campo profissão, “magarefe”.⁴¹ Como apontado acima, essa era uma atividade que envolvia o manuseio das partes do animal abatido, ou seja, o figurino escolhido por elas era, certamente, uma roupa domingueira, como enfatiza Miriam Moreira Leite, e não aquela usada no trabalho cotidiano do frigorífico. Semelhante observação às mulheres do Anglo, embora a profissão registrada por quase todas fosse “operária”, exercendo a função de “servente”.⁴²

Annateresa Fabris, ao analisar fotografias de estúdio do século XIX, aponta para a construção de uma identidade retórica do fotografado. Na definição da autora:

40 De acordo com o *Almanak Laemmert*: Administrativo, Mercantil e Industrial, Pelotas contava, no ano de 1940, com três estúdios fotográficos: José Inghes, Foto Studio Pelotas e Fotografia Santos. (Almanak Laemmert, 1940, p. 805).

41 Apenas a ficha da última trabalhadora da figura 19 registrou “servente”.

42 Somente a ficha da terceira trabalhadora da figura 25 apontou a profissão como “doméstica”, mas, como todas as outras, exercendo a função de “servente”.

O retrato fotográfico oitocentista aponta claramente para essa construção, ao fazer da pose o elemento definidor não apenas de uma estética, mas também da própria concepção de identidade. Se a pose responde, num primeiro momento, a imperativos técnicos, assume rapidamente o caráter intrínseco de apresentação de um simulacro graças a ela o sujeito torna-se um modelo; deixa-se captar como uma forma entre outras, ao interagir com o cenário que lhe confere uma identidade retórica quando não fictícia, fruto de uma composição plástica e social a um só tempo (Fabris, 2004, p. 58).

Adaptando as considerações da autora para as fotografias 3x4 das trabalhadoras e dos trabalhadores da Companhia Swift e do Frigorífico Anglo —assim como para outros conjuntos fotográficos deste e do próximo capítulo— é possível considerar que essas mulheres e esses homens avaliaram o ato do registro fotográfico como um evento importante de suas trajetórias e se apresentaram diante do fotógrafo com suas melhores roupas, embora suas atividades laborais não permitissem que assim se vestissem cotidianamente. Dessa forma, é possível apontar que tanto elas como eles se deixaram fotografar a partir de uma construção retórica, considerada também como involuntária, uma vez que se apresentar bem-vestido para a captação fotográfica era —e ainda é— algo almejado. Soma-se a essa constatação, o fato de que a fotografia 3x4 foi produzida para um documento oficial, e uma boa apresentação de si poderia ser algo relevante em busca de um novo emprego ou melhor colocação no mercado de trabalho. As pessoas fotografadas vinculadas ao Swift e ao Anglo tiveram a oportunidade de produzir, provavelmente por conta própria, as suas fotografias, o que nem sempre foi uma alternativa para outros trabalhadores, sendo que vários foram fotografados fora de um estúdio fotográfico.

O próximo conjunto fotográfico, do Frigoríficos Nacionais, é um exemplo, embora não o único. As fotografias são de trabalhadores das unidades de Carazinho (**FIGURAS 31 a 33**), Nova Prata (**FIGURAS 34 a 37**), Canoas (**FIGURAS 38 e 39**) e Santo Ângelo (**FIGURAS 40 e 41**). As fotografias das primeiras três figuras foram produzidas entre os dias 14 e 15 de junho de 1939. Os quatro primeiros trabalhadores da figura 31 foram fotografados usando avental. No primeiro, o acessório se destaca

na camisa de outra cor, no segundo e no terceiro, é mais discreto, devido às camisas que vestem, e no quarto uma das alças se destaca acima do número 6 da placa. Já os demais trabalhadores, e com destaque às trabalhadoras, estão vestindo roupas brancas, o que permite considerar, da mesma forma que foi visto para o caso das trabalhadoras do Armour, a possibilidade de ser uma vestimenta de trabalho.

Em relação ao grupo vinculado à unidade de Nova Prata, não há dúvida da produção fora de um estúdio e, talvez, nas dependências do frigorífico. Nota-se o tecido escuro usado para dar neutralidade ao fundo — em algumas fotografias se percebe, inclusive, um furo no tecido, o qual, provavelmente, foi levado pelo próprio fotógrafo. Cleber Silva aponta uma situação que vai ao encontro da produção das fotografias dos trabalhadores fora de um estúdio. Segundo o autor, o fotógrafo Assis Horta, do município de Diamantina, em Minas Gerais, foi contratado pela Fábrica de Tecidos da Vila de Biribiri para realizar as fotografias 3x4 dos quase 300 trabalhadores que solicitariam carteira profissional: “montou ali um estúdio improvisado. Levou sua máquina Compur de fole, com lente original Voigtländer Braunschweg Heliar 1:45 fm, um tripé e um rebatedor” (Silva, 2017, p. 100). Da mesma forma que o fotógrafo foi contratado pela fábrica mineira, o frigorífico também contratou o fotógrafo.

Novamente, os registros de todas as fotografias datam do mesmo dia: 04 de novembro de 1939. Há uma diferença significativa nestes em relação às fotografias do grupo da unidade de Carazinho, já que todos os homens usavam casacos e gravatas, enquanto as três primeiras mulheres da figura 35, apesar da fotografia ser em preto e branco, usavam roupas com tecidos estampados com detalhes florais, o que indica a presença de cores. Em outras palavras, é possível considerar que todos foram avisados antecipadamente da vinda do fotógrafo e se prepararam, vestindo suas roupas domingueiras.

Ainda há outros detalhes neste grupo de Carazinho. Nota-se que o enquadramento não seguiu exatamente o que era previsto no decreto,

que previa a captação somente do rosto, mas todas as fotografias também mostram o tronco e os braços dos fotografados. O primeiro trabalhador da figura 34 usava uma pequena faixa de tecido preto na lapela do casaco, uma sinalização de luto. O casaco do segundo desta mesma figura tinha um acessório difícil de ser visualizado, mas certamente importante para o trabalhador. As três primeiras trabalhadoras da figura 35 e o quarta da figura 36 eram irmãos.⁴³ Os quatro primeiros fotografados da figura 36 se destacam pela jovialidade; o primeiro, devido ao corpo franzino, deixou à mostra a lateral do descanso da cadeira.

A participação de menores ou pessoas jovens constituiu parte importante da mão de obra empregada nos frigoríficos, embora as atividades desempenhadas nem sempre correspondiam com a legislação vigente. Da mesma forma que um decreto regulamentou o trabalho das mulheres na indústria, publicado em 1932, neste mesmo ano outro regulamentou o trabalho dos menores na indústria. O documento estipulou 14 anos como a idade mínima para trabalhar na indústria e, conforme o artigo primeiro: “É vedado na indústria, em geral, o trabalho de menores que não hajam completado a idade de 14 anos” (Brasil, 1932e). No entanto, para efetivar a contratação era necessário que o trabalhador com idade entre 14 e 18 anos apresentasse quatro documentos: certidão de idade ou documentos que o substitua; autorização do pai, mãe, responsável legal ou autoridade judiciária; atestado médico de capacidade física, mental e vacinação e prova de saber ler, escrever e contar. No final, o decreto trazia anexado um quadro com indústrias que estavam proibidas de contratar menores e outro nas quais eles poderiam trabalhar exercendo apenas determinados trabalhos. Muitas fichas de trabalhadores com idade entre 14 e 18 anos possuem, em anexo, os documentos de autorização e outras anotavam

a informação: “Apresentou documentação de acordo com o decreto 22.042”, fazendo alusão ao decreto dos menores.

O primeiro quadro anexado ao decreto listava os trabalhos proibidos, os quais representavam perigos, como acidentes por envenenamento, emanções nocivas, poeira e vapores nocivos, doenças por emanção e pela necessidade “de um trabalho atento e muito prudente”. O segundo quadro apresentava a lista dos estabelecimentos nos quais os menores poderiam trabalhar desde que não efetivassem determinados trabalhos. No primeiro quadro, no grupo das emanções nocivas, constava “esquartejamento e matança de animais, preparação de óleos e outros corpos gordurosos extraídos de resíduos animais”, enquanto no segundo quadro, no item “Nos locais em que se desprendem vapores nocivos”, constava “frigoríficos” e “matança e esquartejamento de animais”.

O decreto, portanto, proibia o trabalho de menores em atividades da indústria frigorífica, mas, de forma contraditória, não listava quais os tipos de ocupação eles poderiam desempenhar, o que permitia que os frigoríficos os contratassem, da mesma forma que as mulheres, como serventes ou registrando profissões mais universais, como operários, e, provavelmente, burlando a legislação. Esse poderia ser o caso do primeiro trabalhador da figura 36, mas, conforme sua ficha, ele nasceu em 27 de março de 1927 e sua solicitação de carteira foi registrada em 14 de novembro de 1939, ou seja, ele tinha 12 anos e, segundo o decreto de 1932, não poderia ter sido contratado. Já a segunda trabalhadora e o terceiro trabalhador nasceram em 1923 e suas carteiras foram solicitadas na mesma data do primeiro, sendo que tinham 16 anos, enquanto a quarta, nasceu em 1924, tendo 15 anos no momento do pedido. As quatro fichas registraram operário/a como profissão, ou seja, não evidenciava o tipo

⁴³ Há outros trios e duplas de irmãos/irmãs verificados nos frigoríficos a partir dos nomes das mães e dos pais registrados nas fichas. Nem todos serão comentados no capítulo, mas as ocorrências constarão nas legendas das figuras identificadas pelos nomes sublinhados.

de atividade desempenhada no frigorífico. Essa situação foi verificada, também, entre outros trabalhadores dos frigoríficos.⁴⁴

Ainda, percebe-se nas fotografias uma variedade de expressões: a maioria com o semblante sério, mas alguns esboçam um leve sorriso (a primeira e a quarta da figura 35, o segundo e a terceira da figura 36), outros com o olhar desviado (o segundo e o terceiro da figura 34, o segundo da figura 35 e o quinta da figura 37) e alguns com as sobrancelhas contraídas (o primeiro e o terceiro da figura 37).

Já os 12 trabalhadores da unidade de Canoas foram fotografados em circunstâncias semelhantes aos demais. Os primeiros oito no mesmo dia 20 de novembro de 1940, provavelmente fora de um estúdio, enquanto os demais em datas diferentes no mesmo ano. Novamente, é visto que o primeiro trabalhador estava de avental, o que reforça a hipótese das fotografias produzidas durante o expediente. O fundo das fotografias, ao contrário das outras, não foi composto por tecido, mas por uma parede que, apesar de neutra, possuía certo relevo. Na fotografia da trabalhadora da figura 39, contudo, é nítido o tecido no fundo.

O último grupo do Frigoríficos, de Santo Ângelo, mais uma vez foi fotografado em igual data: 25 de maio de 1942. Se antes se notou a presença de avental em quatro fotografados e que o uso de roupas brancas predominou nas trabalhadoras de Carazinho, nessas figuras igualmente as vestimentas alvas se destacam, mas com um detalhe: alguns estavam vestindo roupas de outra cor por baixo. Dessa forma, é possível que a roupa branca fosse um jaleco usado nas linhas de produção.

As minúcias nas fotografias das trabalhadoras e dos trabalhadores vinculados a essas quatro unidades do Frigoríficos revelam as variedades das expressões dos seus rostos, bem como as condições da produção dos registros. O destaque está na constatação da captação fora de um estúdio, ou seja, os fotógrafos desses quatro municípios

foram ao encontro de seus fotografados. Os registros fotográficos, dessa forma, colaboram para a hipótese de que foram realizados não apenas fora do estúdio com fundo improvisado por tecido ou parede, mas, provavelmente, no próprio frigorífico.

Essa possibilidade se torna evidente ao se observar as fotografias de outro grupo de trabalhadores, aqueles vinculados a Cooperativa de banha de Guaporé (**FIGURAS 42 a 45**). Todos foram fotografados na mesma data: 10 de setembro de 1940, sendo que os sete primeiros usavam touca, item importante para evitar que cabelos caíssem nos produtos. Ainda, o primeiro e o segundo da figura 42 também usavam avental — no segundo, a alça está visível abaixo do número 4 da placa. Os demais, fotografados sem os acessórios de trabalho, mas em idênticas condições, com fundo, novamente improvisado com tecido, e o mesmo modelo da placa. Entre eles, também se destaca a pouca idade de alguns. O primeiro da figura 43 é pai dos três trabalhadores da sequência, enquanto na figura 44 o primeiro e a segunda eram irmãos, igual situação entre o terceiro e o quarto desta mesma figura.

As fotografias dos trabalhadores do Frigorífico Costi e irmãos foram feitas no mesmo dia 27 de junho de 1940 (**FIGURAS 46 a 51**). Alguns dos homens vestiam casacos, embora nenhum estivesse de gravata, mas os três últimos da figura 48 usavam lenços em seus pescoços. Os dois primeiros da figura 47 usavam casacos iguais, não havia, de acordo com suas fichas, nenhum parentesco entre eles, talvez uma coincidência ou um emprestou para o outro. As mulheres apresentaram os seus cabelos com penteados que os prendiam, algumas com laços. Todas as trabalhadoras da figura 50 usavam brincos.

Da mesma forma como verificado acima, o conjunto fotográfico do Frigorífico Borella também foi realizado na mesma data, 29 de dezembro de 1932 (**FIGURAS 52 a 55**) — exceção à fotografia da última trabalhadora da figura 55, realizada dias antes, em 18 de dezembro.

⁴⁴ Os demais serão identificados em notas de rodapé.

Embora as datas sejam diferentes, o fundo é igual e, mais uma vez, composto por um tecido escuro. O modelo da placa também é o mesmo. A fotografia dessa trabalhadora é a única com essa data no conjunto das fotografias existentes nas fichas do Borella.⁴⁵ É possível conjecturar uma hipótese sobre essa fotografia com data diferente das demais. Inicialmente, é incontestável que as condições de feitura das fotografias são as mesmas e, certamente, pelo mesmo fotógrafo que foi ao encontro dos trabalhadores em dias distintos. Dessa forma, a possibilidade do número de pessoas vinculadas ao Borella ser superior deve ser considerada, uma vez que, é provável que os demais registros de solicitação de carteira se perderam, restando apenas a fotografia dessa trabalhadora que foi encontrada apartada das demais e no livro daqueles que foram fotografados dias antes.

Na figura 52, as duas primeiras fotografias eram de irmãos, os quais vestem o mesmo modelo de casaco, inclusive com o igual acessório na lapela. Nos dados dos trabalhadores do Frigorífico Borella, foram encontradas relações de parentescos entre eles. Além dos irmãos, havia um pai e dois filhos, sendo que o pai também tinha um irmão; outros dois pais, cada um com uma filha; um marido e sua esposa; dois trios de irmãos e outras duas duplas de irmãos.⁴⁶

As fotografias seguintes são dos trabalhadores da Cooperativa Bassanense de produtos suínos Ltda., todos registrados entre os dias 22 e 25 de junho de 1939 (**FIGURAS 56 a 61**). Esse é mais um conjunto fotográfico com o mesmo fundo e enquadramento, ou seja, apesar das datas diferentes, as fotografias foram feitas, provavelmente, pelo mesmo profissional. Nota-se a semelhança entre essas fotografias e àquelas dos trabalhadores da unidade do Frigoríficos de Nova Prata — o modelo da placa é igual e o enquadramento fotográfico é semelhante.

No ano das fotografias, 1939, Nova Bassano ainda era um dos distritos de Nova Prata⁴⁷, o que demonstra que o fotógrafo viajou ao encontro dos trabalhadores. Os quatro primeiros trabalhadores da figura 56 pousaram para a fotografia com uma caneta no bolso de seus casacos, enquanto os cinco primeiros da figura 58 com uma pequena medalha, de difícil identificação, nas lapelas. Na figura 57, os quatro primeiros eram jovens e as duas primeiras mulheres da figura 61 estavam de brinco — a primeira também ostentava um broche em sua roupa.

Os trabalhadores e as trabalhadoras da Sociedade da Banha Santa Isabel foram fotografados no dia 05 de junho de 1940 (**FIGURAS 62 a 64**). Destacam--se as duas trabalhadoras da figura 62: uma com o cabelo com penteado trançado e a outra com um brinco. Já os trabalhadores da Sociedade Cooperativa de Banha Sul Brasileira Ltda., foram fotografados entre os dias 08, 09 e 11 de outubro de 1936 (**FIGURAS 65 a 68**). Apesar das datas diferentes, este é outro conjunto que também indica a produção dos registros fora de estúdio, possivelmente, por um único profissional, e com o mesmo fundo improvisado por tecido.

Os registros fotográficos dos trabalhadores do Frigorífico Serrano foram feitos no mesmo dia: 8 de abril de 1941 (**FIGURAS 69 a 71**). Todas as mulheres têm os cabelos com penteados e as primeiras da figura 69 usam roupas com tecidos estampados. Os trabalhadores vinculados ao frigorífico Victorio M. Costi foram fotografados em datas diferentes, 10 no mesmo dia, 08 de junho de 1944, e os outros dois em dias diferentes, mas no mesmo ano (**FIGURAS 72 e 73**). Embora a data não esteja visível em todas as fotografias dos 10 primeiros, o enquadramento e o fundo indicam que foram realizadas ao mesmo tempo. Ao contrário da maioria das demais fotografias, a placa com a data foi feita à mão, talvez de improviso na hora do registro. Já os dois últimos da figura 73, com

⁴⁵ Os registros dos 60 trabalhadores do Borella encontram-se em três livros (432, 434 e 1241), sendo que neles constam 46 fotografias, das quais, 38 realizadas no dia 29 de dezembro de 1939.

⁴⁶ As fotografias dos trabalhadores com parentescos entre si foram analisadas em: (Lopes, 2022).

⁴⁷ Nova Bassano se emancipou de Nova Prata em 1962. Cf: <https://www.novabassano.rs.gov.br/pagina/view/3/historico>. Acesso em: 03/4/2023.

enquadramento e iluminação diferentes das anteriores, possivelmente realizadas em estúdio, não possuem a placa, sendo que a data foi acrescentada, também à mão, posteriormente.

Os trabalhadores do Frigorífico Sarandi foram todos fotografados no mesmo dia: 12 de fevereiro de 1942 (**FIGURAS 74 a 76**). Entretanto, ao contrário do conjunto anterior, que enquadrava parte do corpo, neste o fotógrafo valorizou os rostos seguindo com mais exatidão a recomendação do decreto. Semelhantes observações aos trabalhadores do Frigorífico Hemeseth (**FIGURAS 77 e 78**). Contudo, foram fotografados em dias distintos, os quatro primeiros da figura 77 em 06 de abril de 1940 e os demais em 30 de setembro de 1942. Nos registros feitos na primeira data, a placa é de um modelo reutilizável, no qual os números eram organizados de acordo com o dia que a fotografia seria realizada.

As sete fotografias dos trabalhadores da Fábrica de Banha Transmontana foram realizadas fora de um estúdio, haja vista o fundo com a parede de tijolos, no dia 1º de junho de 1942 (**FIGURA 79**). As fotografias estão esmaecidas pelo tempo e com rasgos provocados no instante em que foram fixadas nas fichas — o livro foi fechado com a cola ainda úmida, o que fez com que as folhas ficassem coladas. Entretanto, apesar dessas condições, é possível ver os rostos dos trabalhadores e suas expressões, com semblantes sérios e, o terceiro, com os olhos entreabertos. Ainda é visível o cabelo penteado da trabalhadora e sua roupa com tecido floral.

O grupo de trabalhadores do Frigorífico Boavistense foi fotografado na mesma data: 20 de maio de 1940 (**FIGURAS 80 e 81**). Entre os homens, apenas um vestia casaco e entre as mulheres, as três primeiras da figura 80 usavam laços em seus cabelos. O acessório é um indício da jovialidade delas, assim como das outras duas e do trabalhador dessa figura cujos anos de nascimentos se situam entre 1920 e 1925. A mais jovem (a sexta trabalhadora), nasceu em 11 de agosto de 1925, e tinha 14 anos no dia do registro de sua fotografia. Os trabalhadores do Frigorífico Evers foram fotografados no ano de 1939 (**FIGURAS 82 e 83**). Os sete

primeiros fizeram suas fotografias no mesmo dia, 30 de setembro de 1939, com um fundo improvisado, o qual não cobriu totalmente o que estava atrás deles. No primeiro da figura 82 são percebidas, por cima de sua camisa, alças, possivelmente esse é mais um registro fotográfico que revelou um avental, o que permite considerar que ele e seus colegas foram fotografados durante uma pausa, talvez no próprio frigorífico.

Todas as fotografias dos trabalhadores do Frigorífico Ardome foram realizadas no dia 25 de março de 1941 (**FIGURAS 84 e 85**). Os registros foram feitos sem o uso da placa com a data, a qual foi acrescentada depois e escrita à mão. Essa alternativa não inviabilizaria o encaminhamento dos pedidos, uma vez que o decreto fazia menção somente à data do registro, não especificando como ele deveria constar na fotografia. Esse é mais um conjunto fotográfico que indica a captação dos trabalhadores fora de um estúdio, mas, ao contrário de alguns outros averiguados acima, o fundo é claro, possivelmente uma parede. Duas jovens trabalhadoras, da figura 84, deixaram transparecer um leve sorriso, o que contrasta com o semblante sério dos demais.

Os trabalhadores do Instituto de Carnes foram fotografados no ano de 1944 (**FIGURAS 86 e 87**). Os quatro primeiros trabalhadores foram fotografados na mesma data, em 1º de agosto, e os dois últimos em 1º de setembro. As fotografias do quinto trabalhador da figura 87 e a do primeiro da figura 88 possuíam o mesmo fundo, talvez um painel que compunha àquele dos registros fotográficos do estúdio para a produção de outros tipos de fotografias, embora difícil de ser melhor averiguado devido ao desfocado do segundo plano. É provável que os nove primeiros foram fotografados em estúdio, o que é constatado pelo modelo igual da placa, pelos enquadramentos semelhantes e, naquelas do primeiro, do quinto e do sexto da figura 86 e do primeiro da figura 87 é nítido o uso de iluminação artificial, a qual destaca o cabelo dos trabalhadores. Já o último trabalhador foi fotografado com uma porta compondo o fundo.

Os trabalhadores da Sociedade Cooperativa de Suinocultores de Bella Vista foram fotografados no mesmo dia: 09 de agosto de 1940 (**FIGURAS 88 e 89**). O enquadramento é maior do que aquele recomendado no decreto, captando, além da cabeça, parte do tronco e dos braços. Os dois últimos trabalhadores da figura 90 eram irmãos e usavam roupas iguais.

Esse é outro conjunto fotográfico semelhante àquele da Cooperativa Bassanense de produtos suínos Ltda. (**FIGURAS 56 a 61**) e da unidade do Frigoríficos Nacionais de Nova Prata (**FIGURAS 34 a 37**). A similaridade reforça a hipótese anterior da atuação do mesmo fotógrafo, ou seja, o Bellavista estava localizado em um dos distritos de Alfredo Chaves (atualmente o distrito é o município de Fagundes Varela, emancipado em 1987, e Alfredo Chaves foi renomeado para Veranópolis), do qual Nova Prata foi um distrito até 1924.⁴⁸ Assim, Nova Prata, ao se emancipar de Alfredo Chaves, manteve Nova Bassano como um de seus distritos, até o ano de 1962. Os quatro municípios, portanto, estão localizados em regiões próximas, o que explica as fotografias semelhantes, provavelmente feitas pelo mesmo profissional que viajou ao encontro dos trabalhadores dos três frigoríficos.

Os seis trabalhadores do Frigorífico Anselmi foram todos fotografados em estúdio em dias e meses diferentes no ano de 1940 (**FIGURAS 90**). O frigorífico estava sediado em Rio Grande, a mesma cidade da Companhia Swift, uma das maiores cidades do estado, a qual, provavelmente contava com estúdios fotográficos. Em outras palavras, trabalhadores de municípios menores ou de distritos, como o caso daqueles do Frigorífico Bella Vista, certamente não contavam com um estúdio fotográfico à sua disposição, instalado no distrito. Dessa forma, o acesso ao registro fotográfico era mais difícil, o que tornava mais prático levar o fotógrafo ao encontro dos trabalhadores. A ponderação é feita ao caso específico do Bella Vista, mas pode ser considerado em relação a

determinados conjuntos fotográficos apontados acima, cujos registros foram realizados no mesmo dia, com fundos improvisados e com enquadramentos que os diferiam daqueles dos estúdios. Por outro lado, os trabalhadores do Anselmi tinham maior facilidade de acessar um estúdio e, nessa condição, eles iam ao encontro do fotógrafo. O mesmo é verificado para outra parte dos conjuntos fotográficos, em especial, aqueles vinculados aos frigoríficos sediados em cidades maiores, como o Armour, em Santana do Livramento, o Anglo, em Pelotas, e o A. Evers, em Santa Cruz do Sul.

As fotografias dos demais trabalhadores dos próximos sete frigoríficos possuem características semelhantes àquelas apontadas acima. Os quatro vinculados a Cooperativa de Banha Sul Riograndense foram fotografados em 1939, três no dia 05 de janeiro e o quarto em 15 de fevereiro (**FIGURA 91**). Já os trabalhadores do Frigorífico Fornari foram fotografados em datas distintas no ano de 1944, os três primeiros em 29 de maio, o quarto e o quinto em 20 de julho e a sexta em 12 de agosto (**FIGURA 92**).

Os cinco trabalhadores da Refinaria 73 e a única trabalhadora da Cooperativa de Banha Sant'anna compõem o próximo conjunto fotográfico (**FIGURAS 93**). Eles foram fotografados no mesmo dia: 02 de julho de 1933. É correto afirmar que os cinco foram fotografados pelo mesmo profissional, o que se depreende do enquadramento e modelo da placa iguais. No entanto, não é possível conjecturar que seus registros foram feitos ou não em estúdio. A Refinaria 73 ficava em Porto Alegre, capital do estado e possuía, assim como Rio Grande e Pelotas, estúdios fotográficos à disposição dos trabalhadores.⁴⁹ Por um lado, eles podem ter sido liberados no mesmo dia para se dirigirem até o estabelecimento, mas, por outro, em 1933, o ano inaugural da DRT/RS no estado, houve uma busca intensa pela carteira e, como visto no capítulo 1, em *A Federação*, os próprios empregadores estavam sendo

48 Disponível em: <https://www.novaprata.rs.gov.br/page/1>. Acesso em: 01/06/2023.

49 Sobre os estúdios em Porto Alegre, ver: (Possamai, 2005; Massia, 2008).

convidados a facilitar os pedidos, ou seja, é possível que a refinaria tivesse contratado o fotógrafo para ir até o frigorífico realizar os registros.

O último conjunto fotográfico reúne fotografias de seis trabalhadores vinculados a três frigoríficos (**FIGURAS 94**). Os dois primeiros trabalhavam no Frigorífico Ideal, sendo que ambos foram fotografados no mesmo dia 10 de setembro de 1940. A data é a mesma do registro dos trabalhadores da Cooperativa de Banha de Guaporé (**FIGURAS 42 a 45**) sendo que o Ideal também estava localizado em Guaporé. Essa verificação é relevante para reforçar a hipótese anteriormente considerada sobre a viabilidade do fotógrafo ir ao encontro dos trabalhadores, ou seja, o profissional que produziu as fotografias daqueles da Cooperativa — alguns deles com touca na cabeça — também aproveitou e fez aquelas dos trabalhadores do Ideal. A terceira e o quarto trabalhavam no Frigorífico Provenciano & Sanches, fotografados no mesmo dia: 20 de novembro de 1944 e o quinto e o sexto trabalhadores estavam vinculados ao Frigorífico Baumhardt e Irmãos, também fotografados na mesma data: 10 de fevereiro de 1942.

As fotografias 3x4 das trabalhadoras e dos trabalhadores vinculados aos frigoríficos e averiguadas acima possuem similaridades, mas determinados conjuntos fotográficos apresentam características que os diferenciam entre si e revelam as condições da produção da fotografia. As dimensões de todas é o 3x4, entretanto, os fundos, os enquadramentos, a iluminação e as placas com as datas são diversas, sendo que semelhantes particularidades foram observadas nas fotografias 3x4 das trabalhadoras e dos trabalhadores dos curtumes que serão abordadas no capítulo seguinte.

GUIA FOTOGRÁFICO DO CAPÍTULO 2

Frigorífico	Figuras	Nº fotografias
Armour of Brasil Corporation	05 a 14	60
Companhia Swift do Brasil	15 a 24	60
Anglo	25 a 30	36
Nacionais Sul Brasileiros S/A	31 a 41	66
Cooperativa de Banha Ltda.	42 a 45	24
Costi, Irmãos e Ltda.	46 a 51	36
Borella	52 a 55	24
Cooperativa Bassanense de produtos suínos Ltda.	56 a 61	36
Cooperativa de produção de banha Santa Isabel	62 a 64	18
Sociedade Cooperativa de Banha Sul Brasileira Ltda.	65 a 68	24
Serrano	69 a 71	16
Victorio M. Costi	72 e 73	12
Sarandi	74 a 76	18
Hemesath e Cia Ltda.	77 e 78	12
Fábrica de Banha Transmontana Ltda.	79	6
Boavistense Ltda.	80 a 81	12
A. Evers e Cia Ltda.	82 e 83	12
Sociedade Ardomé Ltda.	84 e 85	12
Instituto Sul Riograndense de carnes	86 e 87	10
Sociedade Cooperativa de Suinocultores de Bella Vista	88 e 89	12
Anselmi	90	6
Cooperativa De Banha Sul Rio Grandense	91	4
Fornari, Busetti Cia Ltda.	92	6
Refinaria 73	93	5
Cooperativa de Banha Sant'Anna		1
Ideal	94	2
Provansano & Sanches		2
Baumhardt e Irmãos		2
Total: 534		

Fonte: Elaboração do autor, 2023. Acervo: DRT/RS-NDH-UFPel.



Figura 05: primeiro conjunto (esquerda)

Figura 06: segundo conjunto (direita)



Figura 05: **Frigorífico Armour of Brazil Corporation:** Maria Silva (servente), Julia Salinas (servente), Honorina Goulart (servente), Elvira Soares (servente), Vicentina Mendes Silveira (servente) e Octacílio Rodrigues (servente).

Figura 06: **Frigorífico Armour of Brazil Corporation:** Gerônimo Ribeiro (servente), Washington Muniz (servente), João Fernandes (servente), Manoel Telmo Gonçalves (servente), Ondina Rodrigues (servente) e Marcelina Vargas (servente).



Figura 07: **Frigorífico Armour of Brazil Corporation:** Francisco Cabeçudo (servente), Domingos Dorval Vargas (servente), Doralina Fagundes (servente), Placer Serpa (servente), Herminio Martin Larrondo (servente) e Adelaide Costa (servente).

Figura 08: **Frigorífico Armour of Brazil Corporation:** Jacques Oliveira Machado (servente), Sílvia Fernandes (servente), Eduardo Mota (servente), Hermida Rodrigues (servente), Adelina Soares (servente) e Adelina Paula de Souza (servente).



Figura 09: **Frigorífico Armour of Brazil Corporation:** Celestino Alves (servente), João Pedro Mendes (servente), Aldimo Conceição da Costa (servente), Romão Rodrigues Charopem (servente), Miguel Moreira (servente) e André Peres Ramires (servente).

Figura 10: **Frigorífico Armour of Brazil Corporation:** Honório Guedes Amaral (servente), Elpidio Mendes Montrel (servente), Artur Agarrajua (servente), Jorge Vigil (servente), Gumercindo Rocha (servente) e Desenácio Pedutti (servente).



Figura 11: **Frigorífico Armour of Brazil Corporation:** Cleodor Moreira (servente), Carlos Vieira Pinto (servente), Pedro Pereira Vigil (servente), Victorio Martins dos Santos (servente), Araci Rui Dias (servente) e Dejanira Meirelles (servente).

Figura 12: **Frigorífico Armour of Brazil Corporation:** Orizontina Pereira (servente), Aurélia Aranda (servente), Isolina Romero (servente), Delia Guedes (servente), Maria Lúcia Maciel (servente) e Aláides Araújo Bueno (servente).



Figura 13: **Frigorífico Armour of Brazil Corporation:** Angela Mautoni (servente), Alaídes Correa (servente), Teresa Gonçalves (servente), Maria Soares (servente), Miguel Gomes (servente) e Casemiro Dutra (servente).

Figura 14: **Frigorífico Armour of Brazil Corporation:** Antonia Barreto (servente), Victalino Santos Carneiro (servente), Domingos Paula Gomes (servente), Valpirio Souza (servente), Ceci Costa (servente) e Corina Lopez (servente).



Figura 15: **Companhia Swift:** Claudistino Quadro (magarefe), Walter Amancio Lemos (magarefe), Aristides Neves (magarefe), Antonio Teixeira e Silva (magarefe), Waldemar Peres Pereira (magarefe) e Gildo Santos Ferreira (ajudante de carpinteiro).

Figura 16: **Companhia Swift:** Antenor Farias (magarefe), Roberto Pereira Bretanha (magarefe), Izabel Dias de Oliveira (magarefe), Filandro Corrêa Alves (magarefe), Jocarly Almeida (auxiliar de comércio) e Nilo Rodrigues de Abreu (pedreiro).



Figura 17: **Companhia Swift:** Octacilio Santos Bueno (magarefe), Antonio Ferreira Batista (magarefe), Rodolfo Gonçalves Filho (magarefe), Faustina Alves (magarefe), Maria Jolfina Chagas (magarefe) e Luiz João Fronckawiak (auxiliar de comércio).

Figura 18: **Companhia Swift:** Alvim Rosa (magarefe), João Samuria Barcelos (magarefe), Otávio Gomes de Bem (magarefe), Odracilo da Silva Dias (magarefe), Victoriani Boggis (magarefe) e Narival Martins (magarefe).



Figura 19: **Companhia Swift:** Ivaristo Vaz da Cruz (magarefe), Manoel Ribeiro (magarefe), João Nunes Batista (magarefe), Margiana Fernandes Macedo (magarefe), Altamira Alves Marques (magarefe) e Brosperina Lopes (servente).

Figura 20: **Companhia Swift:** Ramona Alves (magarefe), Maria Ilma Amaral (magarefe), Jurema Correa (magarefe), Alzira Vieira (magarefe), Lionor Mascarenhas Silva (magarefe) e Martina Santos Acosta (magarefe).



Figura 21: **Companhia Swift:** Maurilia dos Santos Maciel (magarefe), Maria Joaquina de Oliveira (magarefe), Liberato Garcia (magarefe), Antonia Olivia Fernandes (magarefe), Ubaldina Ferreira (magarefe) e Herondina Farinha Villanueva (magarefe).

Figura 22: **Companhia Swift:** Alaide Souza Marzane (magarefe), Ruy de Mello Cruz (magarefe), Trajano Miranda (magarefe), Estefania Pereira Soares (magarefe), Jacy Coutinho (magarefe) e Clodomiro Perez Bugalho (industrial).



Figura 23: **Companhia Swift:** Eudalia Andrade (magarefe), Vitalino Marques Duarte (magarefe), Anna Maria Barboza Pereira (magarefe), Lidia Toralles Couto (magarefe), Maria da Conceição Silva Mecias (magarefe) e Maria Luiza Souto (magarefe).

Figura 24: **Companhia Swift:** Iara dos Santos (magarefe), Maria da Silva Melo (magarefe), Eugenia Costa Montreal (magarefe), Dolores Domingues Pastorina (magarefe), Prudência Fernandes Santos (magarefe) e Eloah Pereira (magarefe).



Figura 25: **Frigorífico Anglo:** Anatalia Flores Maciel (operária), Aida Laroque (operária), Juanita Alves (doméstica), Charles Luiz Darley (auxiliar de escritório), Adolfo Rodrigues (operário) e Calixto Pereira (operário).

Figura 26: **Frigorífico Anglo:** Lúcia Camargo Gomes (operária), Jorge Marques Coelho (apontador), Otilio Ayres (operário), Alfredo Huck (pedreiro), Mario André (auxiliar de escritório) e Lino Ferreira Cardoso Filho (operário).



Figura 27: **Frigorífico Anglo**: Rubens Grizete da Silva (operário), Pedro Bonhs Filho (mecânico), João Oliveira Sebastião (auxiliar de escritório), Francisco Fernandes da Silva (carpinteiro), Ataliba Marques (ferrador) e José Francisco de Azevedo (soldador).

Figura 28: **Frigorífico Anglo**: Júlio da Silva (operário), Paul Pereira de Sousa (operário), Edegar Gonçalves da Silva (carpinteiro), Constancia Mendes Soares (operária), Eduardo Alvariza (caixa) e Laurinda Rodrigues da Silva (operária).



Figura 29: **Frigorífico Anglo:** Marcelino Mattos Barreto (apontador), Salvador Teixeira da Costa (canista), Zilda Soares Parso (operária), Elza Dutra Fernandes (operária), Carlos Reuter (mecânico) e Pedro Ravena de Quadros (eletricista).

Figura 30: **Frigorífico Anglo:** Assis Soares Sodré (operário), Cirilio Prates Leitão (eletricista), Gilda Carollo Lehn (operária), Sebastião Andrade Ulguim (operário), Hilda Macedo Siqueira (operária) e Ursulina de Oliveira (operária).



Figura 31: **Frigoríficos Nacionais Sul Brasileiros S/A:** João Subtil Oliveira (magarefe), Antonio Guimarães (magarefe), Olimpio Dammer (servente), Otto Bernwig (magarefe), João Pedro Portella (magarefe) e Afonso Pichler (servente).

Figura 32: **Frigoríficos Nacionais Sul Brasileiros S/A:** Homero Carbone (magarefe), Claudio Lange (magarefe), José Vilavicencio da Silva (magarefe), Rui Batista leite (magarefe), Ely Gehlen (servente) e Irene Gehlen (servente) (irmãs).



Figura 33: **Frigoríficos Nacionais Sul Brasileiros S/A:** Ida Zäher (servente), Laura Almeida (servente), Miguelina dos Santos (servente), Gerry Bittencartes (servente), Nely Dandt (servente) e Ely Lethner (servente).



Figura 34: **Frigoríficos Nacionais Sul Brasileiros S/A:** Augusto Bellé (técnico em fiambres), Carlos Vercetti (operário), José da Ré (operário), Dionisio Fincatto (operário), Eugenio Balzani (operário) e João Bongiovani (operário).



Figura 35: **Frigoríficos Nacionais Sul Brasileiros S/A**: Elavira Rosa Zattis¹ (operária), Eleonora Zattis (operária), Helena Laura Zattis (operária), Rosa Balzan (operária), Maximiliano Frasson (operário) e Victorino Molossi.

Figura 36: **Frigoríficos Nacionais Sul Brasileiros S/A**: Roberto Bonamigo (operário), Ema Barbieri (operária), José Luiz Zattis (operário), Attil Helena Lancini (operária), Victorino Begotto (operário) e Victorino Anzolin (operário).

¹ Todos os nomes sublinhados nas legendas das figuras identificam relações de parentesco verificadas a partir dos sobrenomes iguais e dos nomes da mãe e do pai registrados na ficha.



Figura 37: **Frigoríficos Nacionais Sul Brasileiros S/A:** Ivo Gomes Ferreira (almoxarife), Jorge Balsan (operário), Ricardo Ducatti (operário), José Leopoldo Schmidt (operário), José Suzza (operário) e Reinaldo Barbieri (operário).

Figura 38: **Frigoríficos Nacionais Sul Brasileiros S/A:** Antonio Borges da Silva (magarefe), João Antonio Netto (servente), Ary Pereira (servente), Adão Gonçalves Santos (servente), Alcibiades Nascimento (servente) e Avelino Machado Andrades (servente).



Figura 39: **Frigoríficos Nacionais Sul Brasileiros S/A**: Pedro Vericimo da Silva (servente), Jovino Fernandes (magarefe), Dorival José Silveira (servente), Maria Osvaldina da Silva (servente), Osmar Oliveira Janes (auxiliar de comércio) e Paulo Vieira Celina (auxiliar de comércio).

Figura 40: **Frigoríficos Nacionais Sul Brasileiros S/A**: Mario do Prado (servente), Luiz Dambros (servente), Eloá Anchieta (servente), Nicanor Dutra (servente), Apolonia Mazanck (servente) e Analia Alves de Lima (servente).



Figura 41: **Frigoríficos Nacionais Sul Brasileiros S/A:** Derci da Luz (servente), Bracília da Luz (servente), Benigno José Martins (servente), Hortência Rodrigues da Silva Godoy (servente), Maria Amália Dutra (servente) e Antero Nunes (servente).

Figura 42: **Cooperativa de Banha Ltda:** Aício Deolindo da Silva (servente), Ricardo Bonfante (servente), Angelo Visentin (servente), Ermelino Chagas (servente), André Lonaglia (servente) e João Marini (servente).



Figura 43: **Cooperativa de Banha Ltda:** Pedro Fernandes Siqueira (servente) (pai), Arthur Fernandes Siqueira (servente), Augustinho Fernandes Siqueira (servente), Armando Fernandes Siqueira (servente) (filhos), Dino Mello (servente) e Angelo Rossetto (servente).

Figura 44: **Cooperativa de Banha Ltda:** Alfredo Dalmas (servente), Tereza Dalmas (servente), Francisco de Souza (servente), Jorge de Souza (servente), Carme Schidomini (servente) e Floriano José Machado (servente).



Figura 45: **Cooperativa de Banha Ltda:** Guilherme Saccol (servente), Ilírio Zanatta (servente), Antonio Nodari (servente), Emilio Facchini (servente), Saul Bresolin (servente) e Januario Henn (servente).

Figura 46: **Frigorífico Costi e irmãos:** Genuino Basi (servente), Ventura Mariotti (servente), Alves Basi (servente), Luiz Bertiol (servente), Nilton Menezes (servente) e Avelino Favaro (servente).



Figura 47: **Frigorífico Costi e irmãos:** Claudino Negre (servente), Severino Mariotti (servente), Andrea Malaggi (servente), Lourenço Malaggi (servente), Francisco Malaggi (servente) e Osvaldo Pierotto (servente).

Figura 48: **Frigorífico Costi e irmãos:** Calisto Ghisleni (servente), João Pierotto (servente), Davi Zeni (servente), Fermino Guerini (servente), Avelino Volpin (servente) e João Baldo (servente).



Figura 49: **Frigorífico Costi e irmãos:** Ermilio Leola (servente), Rosa Zabotti (servente), Joana Masotti (servente), Elzira Mariotti (servente), Gilda Buzini (servente) e Ita Ghisleni (servente).

Figura 50: **Frigorífico Costi e irmãos:** Ida Lucca (servente), Carmelinda Lucca (servente), Sicília Radaelli (servente), Dorilda Masotti (servente), Nair Radaelli (servente) e Geni Bertichel (servente).



Figura 51: **Frigorífico Costi e irmãos:** João Pierotto (servente), Persio da Silva (servente), Dolfina Buzini (servente), Sinval Bernardon (servente), Claudio Possa (servente) e Alice Volpin (servente).

Figura 52: **Frigorífico Borella:** José Widmar (servente), Afonso Armiliato (servente), Irina Flores (servente), Fermio Poloni (carpinteiro), Ivo Ultramari (auxiliar de comércio) e Ema Gavioli (servente).



Figura 53: **Frigorífico Borella:** Mario Fischer (servente), Lidio Fisher (servente), Cirillo Bortolini (servente), Affonso Sá (ajudante de refinador de banha), Alberto Balardin (servente) e Serafim Balardin (servente).

Figura 54: **Frigorífico Borella:** Zeferino Filipi (chofer), Giocondo Scortegagna (servente), Egidio Casa (auxiliar de escritório), Tercilio Gava (servente), Placido Zammer (servente) e José Pelizzari (agricultor).



Figura 55: **Frigorífico Borella**: Manoel Pires (servente), Heitor Minella (servente), Clemente Gaspodini (carpinteiro), Mario Pozzan (servente), Angelo Borella (auxiliar de comércio) e Ana da Silva (servente).

Figura 56: **Cooperativa Bassanense de produtos suínos Ltda**: Carlos Pieta (gerente), Domingos Todeschini (diretor comercial), Sconelo Brandalise (operário), Bartolo Ravanello (presidente), Ramílio Somavilla (salameiro) e Servílio Bossani (operário).



Figura 57: **Cooperativa Bassanense de produtos suínos Ltda:** Severino Pauletto (operário), Víctorino Marchesini (operário), Assis Dall'Igna (operário), Clelia Dall'Igna (operária), Nair Cortiço (operária) e Herminia Cortiço (operária).

Figura 58: **Cooperativa Bassanense de produtos suínos Ltda:** Maximiliano Segolin (operário), Luiz Segolin (operário), Cerilo Segolin (operário), Virgílio Morelto (operário), Bartolo Bongiovani (operário) e Fercilio Pedro Cola (escriturário guarda livro).



Figura 59: **Cooperativa Bassanense de produtos suínos Ltda:** Ernesto Della Valle (operário), Natal Della Valle (operário), Antonio Della Costa (operário), Atilio Bellizzari (operário), Armando Tomin (operário) e Paulo Testa (operário).

Figura 60: **Cooperativa Bassanense de produtos suínos Ltda:** Adolpho Seganfredo (operário), Carlos Seganfredo (operário), Victor Bonet (operário), Sílvio Marchesini (operário), Tranquillo Fracozzo (operário) e Izidoro Fracozzo (operário).



Figura 61: **Cooperativa Bassanense de produtos suínos Ltda:** Rosa Lazzarotto (operária), Clarinda Lazzaroto (operária), Ricardo Segolin (operário), Angelo Bomanzini (operário), José Cherubini (operário) e Ernesto Marqueti (operário).

Figura 62: **Sociedade da Banha Santa Isabel:** Branca Rosa Busanello (magarefe), Ana Luiza Soares (magarefe), Violanda Cervieri (magarefe), Rosa Balancelli (magarefe), Olívia de Almeida (magarefe) e Helena Deggerone (magarefe).



Figura 63: **Sociedade da Banha Santa Isabel**: Laurindo Lise (servente), Ludwig Mick (auxiliar de comércio), Albino Tanial (servente), Vendelino Massaro (magarefe), Carlos José Busanello (guarda livros) e Modesto Tagliari (servente).

Figura 64: **Sociedade da Banha Santa Isabel**: Faustino Schumacher (servente), João Henrique Carlos Müller (servente), José Beatrici (pedreiro), Felipe Drozd (magarefe), Odílio Obiero (magarefe) e Miguel Pereira (servente).



Figura 65: Sociedade **Cooperativa de Banha Sul Brasileira Ltda**: Giordano Pissolato (magarefe), Alfredo Schissi (magarefe), Ertile Bachi (refineira), Gabriel Bachi (refineiro), Reinaldo Bachi (servente) e Guido Bachi (refineiro).

Figura 66: **Sociedade Cooperativa de Banha Sul Brasileira Ltda**: Maximiliano Alberton (refineiro), Navilio Paludo (magarefe), Dante Lorenzon (refineiro), Guilherme Balestro (magarefe), Mario Ronchetti (magarefe) e Costante Finato (magarefe).



Figura 67: **Sociedade Cooperativa de Banha Sul Brasileira Ltda:** Abele Soccol (magarefe), Antonio Soccol (refineiro), Leonildo Ramponeli (magarefe), Adelaide Bastiani (refineira), Rosa Aschidamini (refineira) e Angelina Aschidamini (refineira).

Figura 68: **Sociedade Cooperativa de Banha Sul Brasileira Ltda:** Delfina Rochette (refineira), Thereza Tirelli (refineira), Angelina Schissi (refineira), Santina Tirelli (refineira), Ernesta Gazzoli (refineira) e Olma Paludo (refineira).



Figura 69: **Frigorífico Serrano**: Maria Lena (magarefe), Maria Luisa Figueiro (magarefe), Anastacia Waginhak (magarefe), Maria dos Santos (magarefe), Clara Lopes (magarefe) e Maria Santo Netto (magarefe).

Figura 70: **Frigorífico Serrano**: Cezar Lena (magarefe), Felicia Barboza da Silva (magarefe), Sergio Reimut (salameiro), Hilbert Wornat (Magarefe), Maria Juchem (magarefe) e Altiva Gloss (magarefe).



Figura 71: **Frigorífico Serrano:** Amalia de Mello (magarefe), Alberto Backoff (magarefe), Alvino Oldenburg (funileiro) e Evaldo Groneland (magarefe).

Figura 72: **Frigorífico Victorio M. Costi:** Ciro Birré (magarefe), Massimino Meneghetti (magarefe), Danilo Merlin (magarefe), João Casti (guarda livros), Pedro Bertotti (magarefe) e Albino Gralli (carpinteiro).



Figura 73: **Frigorífico Victorio M. Costi:** Jorge Rodrigues Lemes (magarefe), João M. da Rosa (operário), Pedro Tonelli (magarefe), Arlindo Sangalli (chofer) e Paulo Angelo Castaldi (chofer).

Figura 74: **Frigorífico Sarandi:** Licério de Lima (não informada), Alvadi Giusti (chofer), Bernardino Vasconcellos Cavalheiro (magarefe), Ardaino Giovanini (magarefe), Pedro Strait (operário) e Aduino Saretto (magarefe).



Figura 75: **Frigorífico Sarandi**: Antonio Pinheiro (servente), Angelo Luiz Gnoatto (magarefe), Luiz Vanzin (magarefe), Angelo Pertuzzatti (magarefe), Argeu da Silva (maquinista) e Luiz Faresti (químico).

Figura 76: **Frigorífico Sarandi**: Ignez Gregianini (servente), Nair Lima (servente), Davide Foschiera (servente), Arandu Drey (magarefe), Armando Scherer (magarefe) e José Lauzen (servente).



Figura 77: **Frigorífico Hemeseth:** Bibiana Vieira da Costa (magarefe), Valdemar Ramos Goulart (magarefe), Oliverio Linn (magarefe), Graciliano Machado da Silva (magarefe), Laudelino da Silva (servente) e Isidoro Goulart de Almeida (magarefe).

Figura 78: **Frigorífico Hemeseth:** Doralicio Dill (magarefe), Miranda Freitas Dill (magarefe), Olmiro Freital Dill (magarefe), José Dias dos Santos (magarefe), Somelindo Vieira da Costa (magarefe) e Mauro Carvalho dos Santos (magarefe).



Figura 79: **Fábrica de Banha Transmontana**: João Bronistuka (servente), Mario Mariano (servente), Felício da Costa (servente), Atalíbio Machado (servente), Elzira Zanatta (servente) e Antonio Beltrano (servente).

Figura 80: **Frigorífico Boavistense**: Rosalino Reidia (magarefe), Alaidés Bertolio (servente), Francisco Spiewacoski (magarefe), Manoel Spiewacoski (magarefe), José Spiewacoski (magarefe) e Sadi Melotto (magarefe).



Figura 81: **Frigorífico Boavistense:** Gertrudes Hering (servente), Emília Cecília Domingos (servente), Zilda Princivelli (servente), Osvaldo Costi (magarefe), Irene Canalli (servente) e Maria Deon (servente).



Figura 82: **Frigorífico Evers:** Otacílio Pereira da Silva (servente), José Carlos Ferreira de Lara (servente), Antonio Gonçalves dos Santos (servente), Darcy Dias (servente), Clarindo da Silva (servente) e Bento Rosa de Oliveira (servente).



Figura 83: **Frigorífico Evers**: Pedro de Araújo (servente), Paulo de Araújo (servente), Jorge Knambeck Filho (servente), Pedro Clementino Machado (servente), José Manoel dos Santos (servente) e José Lopes da Rosa (servente).

Figura 84: **Frigorífico Ardome**: Arcidio Jung (auxiliar de comércio), Olmira Führ (servente), Leonor Paesim (servente), Olivia Noschang (servente), Eva Marques da Silva (servente) e Henrique Zílio (servente).



Figura 85: **Frigorífico Ardome:** Virgílio Vargas da Silva (servente), Julio Felissimo (servente), Selvino Schneider (servente), Adolfo Alfredo Bubenick (servente), Edemar Lucca (servente) e Ortenila Marques (servente).

Figura 86: **Instituto Riograndense de Carnes:** Isaac do Amaral (operário), Gervasio José Peixoto (magarefe), Protásio Benedito do Nascimento (almoxarife), Julio Soares dos Santos (operário), Harry Armando Blassmam (diarista) e Osvaldo Soares da Silva (Servente de pedreiro).



Figura 87: **Instituto Riograndense de Carnes**: Licurdo Moraes Carnero (canteiro), Edemar Amaro Silva (diarista), Antonio Correa (pedreiro) e Fiorello Luis Basso (carpinteiro).

Figura 88: **Sociedade Cooperativa de Suinocultores de Bella Vista**: Silvio Gioto (servente), Onofre Reche (servente), Moises Festa (servente), Olivo Rigo (servente), Francisco Vivan (servente) e Leodoro Lazzari (servente).



Figura 89: **Sociedade Cooperativa de Suinocultores de Bella Vista:** João Segalotto (servente), Arterio Spognolo (servente), Carlos Testa (servente), Vicente Brigoni (servente), Domingo Franzes (servente) e Gastão Franzes (servente).

Figura 90: **Frigorífico Anselmi:** Pedro Lopes Peres (magarefe), Vaz Dias Pereira de Souza (magarefe), Benigna dos Santos Jambeiro (magarefe), Pedro Pereira de Avila (servente), Amabilio Bilizio da Costa (magarefe) e Clarimundo Martins da Rocha (magarefe).



Figura 91: **Cooperativa de Banha Sul Riograndense:** Campolin Moreira da Silva (carneador), João Rodrigues Ribeiro (carneador), José Joaquim Pereira (carneador) e Bernardo Weber Pereira (carneador).

Figura 92: **Frigorífico Fornari, Busetti Cia Ltda:** Iracema Malagi (magarefe), Augusta Rosa Valpim (magarefe), Fausto Dutra (carroceiro), Angelo Gregorio Agostini Tonini (magarefe), Alfredo Pasetti (magarefe) e Ida Mariati (magarefe).



Figura 93: **Refinaria 73:** Vicente Stringhini (refinador de banha), Oscar dos Santos (refinador de banha), Celestino Gonzalez (refinador de banha), Juvenal Vieira dos Santos (refinador de banha) e Martins da Silva (refinador de banha). **Cooperativa de Banha Sant'anna:** Ilda Tomm (servente).

Figura 94: **Frigorífico Ideal:** José João Fellini (químico) e Pedro Rodrigues (químico). **Frigorífico Provencano & Sanches:** Alsira da Silva Perfeita (empacotadora) e Frederico Joaquim Luis Piscolsavassi (foguista). **Frigorífico Baumhardt e Irmãos:** Eugenio Stoll (auxiliar de comércio) e Fritz Gruber (salameiro).

CAPÍTULO 3

TRABALHADORAS E TRABALHADORES NOS CURTUMES

A primeira busca no banco de dados, no campo “espécie de estabelecimento”, com as abreviaturas “curt” e “cort”⁵⁰, apontou para 560 trabalhadores vinculados às atividades em curtumes. A grande maioria das fichas, nesse campo, registrou somente “curtume” (481). No entanto, em outras aparecem como “indústria de curtimento de couros” (50 trabalhadores) e, nas demais, com adjetivos: “curtume e fabricação de caronas” (8), “Curtume e tamancaria” (5), “curtume e selaria” (4), “barraca e curtume” (2), “indústria de curtumes” (2), “curtume e chinelaria” (1), “curtume e indústria de calçados” (1), e seis como “curtidor”, confundindo a profissão com o tipo de estabelecimento.

O quadro abaixo apresenta os dados dos curtumes com dois ou mais trabalhadores, divididos pelos municípios nos quais as carteiras foram solicitadas (**QUADRO 4**).

Nos resultados da pesquisa predominaram os estabelecimentos localizados nos municípios de Novo Hamburgo, São Leopoldo, Portão, Campo Bom e Estância Velha, os quais integram a região do Vale do Rio dos Sinos. Juntos, os curtumes dessas localidades somam 238 fichas. Já as demais solicitações pertenciam aos trabalhadores de curtumes

localizados em outras regiões, destacando-se os municípios de Guaporé e Pelotas. No entanto, os dados apontam para uma presença da atividade curteira distribuída pelo estado, por exemplo, na fronteira, em Santana do Livramento e Bagé, na região central, em Santa Maria, e na região serrana, em Caxias do Sul.

Os dados vão ao encontro do que foi constatado por Sandra Pesavento, ao afirmar que, nas primeiras décadas do século XX, “a indústria no Rio Grande do Sul nesta época, apesar de disseminada por todo o estado, concentrava as grandes empresas nos centros urbanos maiores, tendendo também a uma especialização dos ramos por município” (Pesavento, 1985, p. 80). A autora justifica sua afirmação com os municípios do Vale do Rio dos Sinos, sobretudo Novo Hamburgo e São Leopoldo, que se destacavam na concentração da indústria coureiro-calçadista, o que também incluía os curtumes.

O quadro da distribuição dos curtumes demonstra a relevância desse setor para a economia do Rio Grande do Sul, ao mesmo tempo que evidencia o passado do estado vinculado ao trabalho com o couro. De acordo com Rodrigo Martins:

O trabalho com o couro é uma característica do Rio Grande do Sul desde os tempos coloniais, por questões específicas do território. A indústria gaúcha dessa matéria-prima teve origem na região do Vale do Rio dos Sinos (principalmente na cidade de São Leopoldo), nos primórdios do século XIX. Oficialmente, com a chegada da mão de obra livre europeia, em 1824, esse trabalho derivou para a produção do calçado, bem como para o surgimento dos curtumes. (Martins, 2011, p. 68-69)

As informações colhidas nas fichas se coadunam com a afirmação e explicam a relevância dos curtumes nos anos 1930 e 1940, uma vez que estavam entre os estabelecimentos mais demandados nas solicitações de carteira profissional, ocupando a quarta posição.⁵¹ Da mesma forma que foi verificado para os frigoríficos, os curtumes estavam localizados

50 Parte das fichas apresenta a grafia “cortume”, possivelmente escrita vigente à época no Brasil do século passado. Contudo, devido às inúmeras variações linguísticas e ao que está registrado no *Vocabulário Ortográfico de Língua Portuguesa* (VOLP) atualmente, a grafia neste capítulo será padronizada para “curtume”.

51 Como já referido no capítulo 1, os quatro tipos de estabelecimentos mais demandados eram os frigoríficos, as instituições bancárias, as empresas do setor de construções e os

em regiões que dispunham, sobretudo, de mão de obra e que tinham seu passado relacionado com a atividade pecuária, destacando-se, especialmente, Pelotas e Santana do Livramento. Ainda, é relevante observar que os dois municípios também sediavam frigoríficos, ou seja, as atividades eram paralelas, uma se beneficiando da outra. Nesse sentido, Guaporé também se sobressai, com ambas as atividades compondo a sua economia. Sandra Pesavento explica que nos anos 1930 e 1940, houve

uma reversão do destino da produção dos curtumes gaúchos: em face do aumento da demanda da indústria calçadista local, que passara a exportar para o restante do Brasil, a maior parte dos couros curtidos passou a ser absorvida localmente. Na década de 40, os curtumes gaúchos passaram a ser os maiores compradores da matéria-prima fornecida pelos frigoríficos e matadouros e, por sua vez, repassavam o couro processado para a indústria calçadista regional. (Pesavento, 1985, p. 82)

Essa nova condição certamente contribuiu para o aumento do número de vagas na indústria curtumeira e, também, incentivou a abertura de novos curtumes. As duas possibilidades podem ser exemplificadas a partir dos estabelecimentos instalados no Vale do Rio dos Sinos. É possível apontar para a presença exclusiva de curtumes — atendendo a demanda da indústria calçadista — e de conglomerados industriais, que envolviam, além do curtimento dos couros, a fabricação de calçados. Exemplifica essa condição parte dos trabalhadores que solicitaram carteira vinculados aos curtumes Adams e Cia. e Guilherme Ludwig e Cia., localizados em Novo Hamburgo, dos quais também

há fichas com registro de “fábrica de calçados” no campo espécie do estabelecimento.

O setor coureiro continuou nas décadas seguintes após as solicitações de carteira como parte constitutiva e relevante da economia do estado — sendo ainda importante na atualidade. Contudo, sua relevância no presente se manteve, de forma mais destacada, na região do Vale do Rio dos Sinos e continuou associada à produção de calçados. O setor coureiro-calçadista, nos anos 1970, ampliou “suas condições estruturais favoráveis ao crescimento industrial”, especialmente no que se refere ao “seu parque produtivo, seu nível tecnológico e a concentração de capital” (Schneider, 2004, p. 27).⁵²

Quadro 4: Número de trabalhadores por curtume.

Curtume	Município	Total de Trabalhadores
Corbetta ⁵³	Guaporé	83
Adolfo Jaeger e Cia.	Novo Hamburgo	32
Adures e Cia.	Pelotas	26
Dawis e Cia. Ltda.	Caxias do Sul	26
Bender e Schuck	Estância Velha	24
Scheffel e Cia.	Novo Hamburgo	23
Adams e Cia.	Novo Hamburgo	22 ⁵⁴
Guilherme Ludving	Novo Hamburgo	19

curtumes.

52 O setor calçadista da região do Vale do Rio dos Sinos ainda possui significativa importância na economia do Rio Grande do Sul. Entretanto, “Os últimos anos têm sido preocupantes para o setor calçadista do estado. O aumento da concorrência interna e externa, as flutuações do câmbio e a saída de muitas empresas calçadistas do Rio Grande do Sul em direção a outras regiões do país têm causado preocupações quanto ao atual desempenho da indústria” (Lopes, 2014, p. 83).

53 Conforme Giovani Balbinot, o curtume se chamava Cortume Guaporense, da Firma Corbetta, Termignoni e Cia., mas todas as fichas registraram apenas “Corbetta”.

54 O total de fichas da empresa Adams e Cia. é de 109, no entanto, foram consideradas no capítulo somente aquelas que identificaram a espécie do estabelecimento como “curtume” ou palavras derivadas.

Naday Ltda.	Novo Hamburgo	17
Holsback e Kieling Cia. Ltda.	Getúlio Vargas	17
Roberto Uebel, Filhos e Cia.	Portão	17
Sauer e Cia.	Santa Maria	14
Arthur Ritter	Estância Velha	13
Kern e Mattes	Portão	12
Blos e Cia.	Campo Bom	11
Albino Momberger e Cia.	Novo Hamburgo	11
Rio Grandense	Getúlio Vargas	10
Carvalho, Teixeira e Cia.	Pelotas	9
Taquarense	Taquara	9
Leuck e Mattes	Estância Velha	8
Vier Koefender e Cia.	Estrela	8
Yurgel e Cia.	Santana do Livramento	8
Bier e Cia.	São Leopoldo	6
Gomes e Silva	Pelotas	6
Fontanari Irmãos	Cachoeira do Sul	5
Linck e Wagner	Pelotas	5
Tupy	Caxias do Sul	5
Viúva Ramos	Canela	5
Zervez e Mächlecke	Novo Hamburgo	5
Erê Ltda.	Getúlio Vargas	4
Marcos Roismann	Getúlio Vargas	4
Ritzel e Cia.	Campo Bom	4
Ernani Delmar	Encruzilhada do Sul	3
Julio Adler	Pelotas	3
Martins e Cia.	Novo Hamburgo	3

Santanense	Santana do Livramento	3
Scherer e Cia. Ltda.	São Jerônimo	3
Vetter e Cia.	Campo Bom	3
Alvicio Prensa	Lomba Grande ⁵⁵	2
Arthur P. Müller	São Leopoldo	2
Bageense	Bagé	2
Carlos Guido	Pelotas	2
Engel e Cia.	Novo Hamburgo	2
Geiss e Cia.	Ijuí	2
Irmãos Mushojff	Novo Hamburgo	2
Vargas, Brauner e Cia.	São Lourenço do Sul	2
Não informado	-	34
Total: 536		

Fonte: Elaboração do autor, 2023. Acervo: DRT/RS-NDH-UFPeL.

As profissões registradas nas fichas dos trabalhadores e trabalhadoras nos curtumes apresentam uma diversidade menor do que a registrada nos frigoríficos. A diferença, contudo, está no fato de que, ao contrário dos frigoríficos, a maior parte é constituída por ocupações especializadas, embora igualmente se verificou a presença da profissão “servente” nos registros. O quadro 5 apresenta as profissões com até quatro trabalhadores (**QUADRO 5**).⁵⁶

Entre os 560 solicitantes de carteira, aqueles e aquelas que trabalhavam diretamente com o couro totalizavam 281 trabalhadores e trabalhadoras. Eugênio Belavsky ressalta que nos curtumes eram contratados “operários qualificados, especializados para diversos trabalhos manuais” (Belavsky, 1965, p. 27), homens e mulheres que

⁵⁵ Distrito de Novo Hamburgo.

⁵⁶ Além das listadas no quadro, outras ocupações registradas foram: seleiro (2), carpinteiro (2), guarda-livros (3), expedição (3), linhador (2), espichador (1), lixador (2), caleiro (1), recortador (1), lustrador (1), correiro (1), estivador de sola (1), trabalhador em barraca (1), surrador (1), trinchador (1), estirador (1), máquina de rachar (1) e auxiliar máquina de rachar (1).

dominavam as técnicas de manipulação e preparo dos couros, o que leva à verificação da maioria dos solicitantes com essas ocupações.⁵⁷ Destaca-se a mão de obra feminina, com as 37 curtumeiras do Corbetta e as quatro estaqueadoras do Naday Ltda. Da mesma forma que foi verificado no capítulo anterior, no caso da profissão de magarefe registrada em fichas de mulheres trabalhadoras dos frigoríficos, o decreto que regulamentou a mão de obra feminina também proibia o emprego de mulheres em atividades diretamente relacionadas com o manuseio do couro.

No decreto, no grupo das “Emanações nocivas”, constava: “curtimento e preparação de couros por processos químicos;” e no grupo “Poeira e vapores nocivos”: “trabalhos com peles” (Brasil, 1932d). Ao contrário do caso da provável proibição de magarefes nos frigoríficos, que não constava explicitado no decreto, a participação das mulheres nos curtumes como curtumeiras ou estaqueadoras estava claramente evidenciada como uma proibição. Dessa forma, se, por um lado, as mulheres trabalhavam na função para a qual foram admitidas — ao contrário, por exemplo, do que acontecia com as serventes, contratadas com essa ocupação, mas desempenhando múltiplas tarefas — por outro, o curtume não poderia empregá-las como curtumeiras ou estaqueadoras, já que a presença de mulheres nas atividades diretamente relacionadas com o curtimento e a preparação dos couros ou o trabalho com peles eram proibidas pelo decreto.

Sobre as estaqueadoras, elas desempenhavam uma tarefa diretamente relacionada com o couro, ou seja, prendê-lo em estacas. Essa técnica de preparação do couro por estaqueamento era utilizada desde o século XIX e, de acordo com Jonas Vargas: “Na primeira metade

do oitocentos estacava-se o couro no chão para o seu secamento, dando-lhe um declive para deixar correr as águas” (Vargas, 2016, p. 101). Apesar de técnicas mais modernas, implantadas ainda no século XIX, os estaqueadores permaneceram nas primeiras décadas do século XX, como demonstra as fichas dessas profissionais. Além delas, apenas duas fichas de homens registraram essa profissão.

Quadro 5: Profissões/Trabalhadores.

Profissões	Trabalhadores
Curtidor	146
Curtumeiro/curtumeira	124
Servente	71
Envernizador	18
Químico Prático/Químico licenciado/Químico Industrial	9/4/4 (17)
Auxiliar de comércio	16
Sapateiro	13
Operário	12
Chineleiro	7
Cortador	6
Estaqueador	6
Tamanqueiro	6
Tintureiro	6
Estirador	5
Ferreiro	4

Fonte: Elaboração do autor, 2023. Acervo: DRT/RS-NDH-UFPel.

⁵⁷ O livro de Eugênio Belavsky, *O curtume no Brasil nas condições subtropicais*, foi publicado em 1965 em um momento no qual os curtumes já estavam em um processo de mecanização. Na sequência da citação, o autor destaca que esse tipo de operário qualificado já não era tão necessário: “Tendo o técnico boa experiência, um químico de confiança, um laboratório bem equipado e os contra-mestres expertos (sic), o moderno curtume pode, durante curto tempo, deixar aprender a dirigir as máquinas, a qualquer operário inteligente e de boa vontade. Para a máquina de rebaixar, todavia, necessitaria de operários já qualificados, por que, para aprender bem este trabalho, é necessário um tempo prolongado” (Belavsky, 1965, p. 27). A passagem do autor é importante para a compreensão dos ofícios verificados nos dados da DRT/RS, uma vez que, nos anos 1930 e 1940, o trabalho ainda era mais manual do que mecanizado.

O número de mulheres nos curtumes era menor do que aquele dos homens, sendo que, do total de 536 solicitantes, 71 eram mulheres. Além das 37 curtumeiras e das quatro estaqueadoras, as demais trabalhavam como serventes (14), tintureiras (4), chineleiras (3), envernizadora (1), cortadora (1), recortadora (1), operária (1), expedição (1), costureira (1), curtidora (1) e auxiliar de comércio (1).⁵⁸ O curtume é um tipo de estabelecimento que demanda uma mão de obra especializada:

o trabalho de *curtir* consiste em transformar a pele do animal em couro, material imputrescível, por meio de processos denominados *curtimento*. Para fins de utilização industrial, busca-se um produto flexível, macio e pigmentado, o que requer diversas etapas de produção. (Rezende, 2012, p. 26)

O manuseio de uma peça de couro não era uma tarefa fácil, devido, sobretudo, ao seu peso. De acordo com Vinícius Rezende, se exigia esforço físico, já que as peças eram pesadas e conforme cada etapa de preparação, o peso alterava: “a pele salgada pesava entre 25 e 30 kg; após o remolho, entre 40 e 50 kg; após o caleiro, podia chegar a 60 kg; após descarte, cerca de 40 kg; e a “tripa” poderia pesar até 35 kg” (Rezende, 2012, p. 32). Dessa forma, é possível considerar que os responsáveis pelos curtumes preferiam contratar homens, mas a presença das 37 curtumeiras do Corbetta, assim como as quatro estaqueadoras do Naday Ltda., rompe com uma concepção conservadora sobre as capacidades físicas das mulheres nesse tipo de atividade.

Outra ocupação que se destaca é, assim como nos frigoríficos, a de servente, a qual, possivelmente, era desempenhada pelo trabalhador com tarefas aproximadas daquelas dos curtumeiros. Novamente é possível constatar essa relação a partir das informações dos salários de alguns dos trabalhadores dos curtumes, representados por aqueles localizados em Novo Hamburgo. O salário de um curtumeiro do Curtume Adams e Cia. era de Cr\$ 10,00 por dia, em 1943, enquanto no ano seguinte era de Cr\$ 12,00 por dia. O salário dos curtumeiros (19 trabalhadores)

variou entre Cr\$ 10,00 e Cr\$ 16,00 nesse mesmo intervalo de anos. Já um servente do Curtume Naday Ltda. recebia, em 1944, os mesmos Cr\$ 12,00 por dia, enquanto outro, vinculado ao Albino Momberger e Cia., recebia Cr\$ 1,0 por hora. O único salário que se destoa dos demais é o do foguista do Curtume Adams e Cia., que recebia, em 1944, Cr\$ 24,00 por dia.

Se o trabalhador de Novo Hamburgo que recebe Cr\$ 12,00 por dia trabalhasse seis dias por semana, receberia Cr\$ 288,00 e o foguista, por mês, teria um salário de Cr\$ 576,00. O primeiro valor era inferior, por exemplo, ao do salário mínimo pago em Porto Alegre, em dezembro de 1943, que era Cr\$ 320,00 (Silva, 2014, p. 239). Comparando esses valores, enquanto curtumeiros e serventes recebiam abaixo do salário mínimo pago na capital, apenas o trabalhador que desempenhava suas funções na máquina a vapor do curtume recebia mais de um salário mínimo. Claudia Schemes destaca que o uso das máquinas a vapor, no final do século XIX, “intensificou-se nos curtumes e indústrias calçadistas no Brasil” e que “os novos avanços tecnológicos europeus passaram a ser incorporados pelas indústrias do Vale dos Sinos nas primeiras décadas do século XX” (Schemes, 2006, p. 118). Não é possível determinar, apenas pela ficha, a posição do foguista no que se refere ao trabalho com a máquina a vapor do curtume, se ele trabalhava apenas no abastecimento ou na parte técnica da sua operação. No entanto, seu salário é um indício de que sua ocupação tinha um papel relevante no processo, o qual, como destacado por Claudia Schemes, foi implantado e adquiriu relevância nos curtumes da região, como o Adams e Cia., no qual o foguista estava vinculado.

O quadro 5 também explicita que parte dos curtumes, além do trabalho principal de curtir o couro, igualmente confeccionava e comercializava alguns produtos. Os sapateiros, tamanqueiros, chineleiros e auxiliares de comércio exemplificam tal constatação. Enquanto os três primeiros manufaturavam o couro, transformando-o

⁵⁸ Uma ficha está ilegível.

no produto final vendido aos consumidores, os últimos trabalhavam na comercialização. Embora não fosse o objetivo principal, tudo indica que parte dos curtumes possuía, também, fabricação de sapatos. Por outro lado, determinadas indústrias calçadistas, como a Adams e Cia., possuía curtume próprio e, nesse caso, o curtimento das peles era uma atividade secundária das fábricas de calçados.

Ainda no que se refere às profissões, outras, especializadas, também se destacam. Os trabalhadores da máquina de rachar e o seu auxiliar, ambos do Curtume Adolfo Jaeger e Cia., de Novo Hamburgo, e o caleiro, do Curtume Dawis e Cia., de Caxias do Sul. Apenas a partir da informação da ficha não se verifica qual o trabalho desempenhado na máquina de rachar. No entanto, no *Anuário das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul*, nas páginas dedicadas às máquinas, aparecem empresas especializadas na produção de equipamentos para o setor coureiro-calçadista, entre elas as Máquinas Klein S/A que produz “máquinas de dividir couro” e para “rachar couro” (Anuário, 1979, p. 154).⁵⁹ É possível, então, considerar que esse trabalhador não atuava no curtimento do couro, mas, sim, na sua preparação visando à confecção de um produto final.

Já o caleiro trabalhava nos tanques de curtimento. Segundo Vinicius Rezende, caleiro também é a forma como se identifica uma das etapas de produção de um curtume, a qual é

uma operação chave no processo de fabricação do couro. Era feito nos fulões e consistia na remoção dos pelos e na preparação da pele para as operações seguintes. O sistema calsulfeto era o mais utilizado. Os trabalhadores colocavam a cal e o sulfureto de sódio no interior dos fulões e as peles ficavam nesse banho por horas. (Rezende, 2012, p. 30)

A ficha do trabalhador identificou sua atividade com o processo de produção e, assim, registrou sua profissão. No entanto, o trabalho na etapa de *caleiro*, provavelmente, era desempenhado por vários outros trabalhadores, já que era necessária uma mão de obra considerável no trabalho realizado nos fulões, ou seja, nos tambores rotativos nos quais os couros eram processados.⁶⁰

Outro grupo de trabalhadores era formado pelos químicos, que tinham um papel fundamental nas etapas do curtimento do couro (**QUADRO 6**). Ainda conforme Vinicius Rezende, em uma dessas etapas, quando os couros eram depositados nos fulões, “Ocorria uma ação química sobre os pelos — a depender do sistema, podia destruí-los ou apenas removê-los — e o intumescimento das peles” (Rezende, 2012, p. 30). A presença dos químicos, portanto, era fundamental e exigia que eles fossem profissionais especializados, alguns, provavelmente, com formação superior, o que explica a presença dos adjetivos “licenciado” e “industrial” nas identificações de suas profissões.

Ao explicar o trabalho realizado com a fabricação dos artefatos de borracha — fundamentais nas fábricas do complexo coureiro-calçadista de Franca-SP, objeto de estudo do autor —, Vinicius Rezende afirma que “a formulação das misturas ficava a cargo de químicos, muitas vezes formados na prática de trabalho, sem curso técnico ou superior” (Rezende, 2012, p. 59). Essa, ao que tudo indica, é a mesma situação de parte dos químicos localizados na pesquisa, como exemplifica nove deles, os quais também tiveram em suas fichas, no campo profissão, o registro de um adjetivo que, ao contrário dos outros, os identificava

59 A empresa Máquinas Klein ainda atua na fabricação de equipamentos para curtumes. De acordo com a descrição em sua página, a empresa completa 65 anos em 2021. Disponível em: <https://maquinasklein.com.br/?pagina=empresa>. Acesso em 12/04/2021.

60 Os fulões continuam em atividade nos curtumes: “O fulão se consiste de um tambor rotativo, cilíndrico, fabricado de madeira, com constituintes adicionais em ferro fundido ou aço para reforço ou tracionamento do equipamento. No interior do fulão são misturados água, produtos químicos e o couro para que a ação mecânica de rotação do equipamento auxilie nas reações físico-químicas, necessárias para o êxito do processo de preparo de peles. Em curtumes, é no fulão onde se desenvolve os processos de caleiro, curtimento, recurtimento e tingimento, os quais são feitos molhados e com presença de produtos químicos, porém, o fulão também pode abrigar processos em que não se mistura água, denominados processos a seco, como o amaciamento do couro.” Disponível em: <https://www.crdfuloes.ind.br/fuloes>. Acesso em: 13/04/2021.

como “químico prático”, ou seja, aqueles que aprenderam na prática a combinação e o uso de fórmulas químicas.

Quadro 6: Trabalhadores Químicos.

Nome	Profissão	Curtume	Cidade
Manoel Gomes da Silva Júnior	Químico prático	Gomes e Silva e Cia.	Pelotas
Ecio Carlos Piva	Químico industrial	Ecio Piva	Ana Rech (Caxias do Sul)
Carlos Adolfo Saner	Químico prático	Carlos A. Saner	São Leopoldo
Alexandre de Souza Coelho	Químico prático	Coelho	Pelotas
Rodolfo Fleck	Químico prático	Rodolfo Fleck	Santa Maria
Arthur Sauer	Químico industrial	Sauer e Cia.	Santa Maria
José Fasolo	Químico industrial	Guilherme Fasolo e Filhos	Bento Gonçalves
Julio Carlos Corbetta	Químico licenciado	Corbetta e Irmãos	Porto Alegre
Armando Albino Mattes	Químico prático	Kern e Mattes	Portão
Ervino Saneressig	Químico licenciado	Guilherme Saneressig	São Leopoldo
Rugard Scheffel	Químico prático	Scheffel e Cia.	Novo Hamburgo
Dante Noronha Adures	Químico prático	Adures	Pelotas
Arthur Valdemar Davids	Químico Industrial	Davids e Cia. Ltda.	Caxias do Sul
Henrique Hartz Filho	Químico prático	Scheffel e Cia.	Novo Hamburgo
Augusto Roginato	Químico prático	Paulo Sereno	Sobradinho
Honorio Lauderio Sander	Químico prático	Woltz e Cia. Ltda.	Novo Hamburgo
Bertholdo Sander ⁶¹	Químico licenciado	Woltz e Cia. Ltda.	Novo Hamburgo

Fonte: Elaboração do autor, 2023. Acervo: DRT/RS-NDH-UFPeL.

Uma constatação importante em relação aos químicos é que parte deles era proprietário do curtume ou, então, seu sobrenome era o mesmo que constava em parte da sociedade do estabelecimento. Já outros não tinham relação direta nas sociedades ou, pelo menos, seus sobrenomes não indicam essa possibilidade. Esses homens eram os responsáveis pelos processos químicos empreendidos no curtimento dos couros, mas o trabalho, apesar de fundamental, constituía apenas uma parte das tarefas. A maioria das linhas de produção contava com uma mão de obra diversificada e necessária para o funcionamento dos curtumes, entre elas o trabalho de menores de idade.

O grupo dos jovens trabalhadores constituía parte importante da força produtiva empregada nos curtumes, da mesma forma que foi verificado no capítulo 1 sobre o emprego de menores nos frigoríficos. Como visto anteriormente, o decreto que regulamentou o trabalho dos menores estipulou 14 anos como a idade mínima para trabalhar na indústria — e, com idades entre 14 e 18 anos, as contratações somente aconteceriam mediante a apresentação de documentos (Brasil, 1932e). O decreto, da mesma forma que fazia menção ao trabalho nos frigoríficos, também regulamentava o trabalho nos curtumes. No segundo quadro anexado ao decreto, aquele que listava os tipos de estabelecimentos nos quais os menores poderiam trabalhar desde que não efetivassem determinadas atividades, no grupo dos “vapores nocivos”, constava: “fábricas de couros envernizados” e “curtumes” (Brasil, 1932e). O decreto, portanto, não proibia o trabalho dos menores nos curtumes, desde que não trabalhassem em certas funções. Como visto no capítulo anterior, o segundo quadro não listava quais as ocupações, o que permitia aos empregadores burlar e contratar menores como serventes ou operários, atividades que não determinavam com exatidão o tipo de trabalho executado.

⁶¹ Os dois últimos eram irmãos.

Entre os trabalhadores do Curtume Corbetta, alguns tinham idades entre 14 e 18 anos no ano de 1936 quando as suas fotografias 3x4 foram produzidas. Entre eles, 10 nasceram em 1918 (18 anos), cinco em 1919 (17 anos), sete nasceram em 1920 (16 anos), cinco em 1921 (15 anos), quatro nasceram em 1922 (14 anos) e dois nasceram em 1923 (13 anos). No curtume Dawis, três trabalhadores nascidos em 1920 solicitaram carteira em 1936 (16 anos), enquanto um trabalhador do Sauer, nascido em 1926, solicitou em 1941, com 15 anos, e outros dois desse mesmo curtume, nascidos em 1925, solicitaram em 1941, com 16 anos, mesma idade de um dos solicitantes vinculados ao Albino Momberguer. No Holzback e Kieling, quatro trabalhadores que solicitaram em 1940 tinham 16 anos (dois nascidos em 1924), 15 anos (1925) e 14 anos (1926), respectivamente. Já no Scheffel, dois nascidos em 1924 e dois em 1925 solicitaram em 1941, com 17 e 16 anos, respectivamente. Um dos vinculados ao Ere nasceu em 1927 e solicitou em 1941, com 14 anos e um do Taquarense, nascido em 1923, solicitou em 1941, com 18 anos. Há outras fichas de trabalhadores com idades entre 14 e 18 anos, mas os dados listados exemplificam o quanto esse tipo de estabelecimento empregou pessoas jovens.

Retornando ao conteúdo do decreto que regulamentou o trabalho de menores, e o seu quadro que proibia mão de obra em determinadas atividades nos curtumes, as quais não foram listadas, é possível supor que o trabalho direto com o couro poderia ser uma delas. É possível fazer uma comparação com o decreto da regulamentação do trabalho das mulheres, no qual, no quadro proibitivo, constava curtumes. Da mesma forma que verificado para as curtumeiras do Corbetta — contratadas com essa ocupação, mas que não poderiam, de acordo com o decreto —, as fichas de todos os menores desse curtume também registraram a profissão como “curtumeiro”. No que se refere às jovens trabalhadoras, o curtume, ao que tudo indica, descumpria os dois decretos. No entanto, importante frisar que essas constatações são feitas somente a partir dos dados registrados nas fichas, ou seja, para apurar possíveis irregularidades, seria necessário consultar outros documentos, o que

extrapolaria a proposta aqui desenvolvida. Especificamente no Corbetta, quatro trabalhadoras curtumeiras nasceram em 1922 e completaram 14 anos em 1936 — o ano do registro da fotografia.

As informações registradas nas fichas, e os seus cruzamentos a partir do banco de dados, permitem o desenvolvimento de um perfil dos e das solicitantes de carteira profissional vinculados aos curtumes. A maioria da força de trabalho era constituída por homens e havia poucas trabalhadoras, embora, de acordo com suas fichas, muitas com as mesmas tarefas dos homens. A maioria das profissões era especializada, com destaque aos curtumeiros/as e curtidores. Ao contrário dos frigoríficos, a profissão de servente, embora presente, não constituiu um número expressivo.

Como já indicado no capítulo anterior, esses detalhes quase não aparecem em outros documentos. A maioria das vezes as informações se restringem aos dados mais genéricos, coletivos e quantitativos, sem individualizar os trabalhadores, sem apresentar seus nomes — e muito menos os seus rostos. A análise das fichas aponta para os trabalhadores comuns, permitindo compreender parte das trajetórias profissionais dos solicitantes, homens e mulheres comuns, constituindo suas histórias de trabalho nos curtumes. É nessa perspectiva analítica — da mesma forma que as fotografias 3x4 dos vinculados aos frigoríficos foram verificadas — que a fotografia 3x4, com os rostos desses trabalhadores dos curtumes, aponta para outra forma de análise do passado e, como já salientado no capítulo anterior, com maior sensibilidade, individualizando-os, trazendo seus rostos e suas expressões.

Entre os 60 trabalhadores e trabalhadoras do Curtume Corbetta, de Guaporé (**FIGURAS 95 a 104**), 59 foram fotografados no mesmo dia, 11 de outubro de 1936 e um no dia seguinte (o terceiro da Figura 104). A produção das fotografias, como já visto em outros conjuntos fotográficos no capítulo anterior, foi realizada com auxílio de um tecido compondo o fundo e, provavelmente, no local de trabalho. Entre os fotografados, quase todos usavam casaco e alguns gravata; entre elas,

todas com os cabelos aprumados e parte delas utilizou acessórios para o registro. As duas primeiras trabalhadoras da figura 95 são irmãs do terceiro trabalhador, enquanto os três últimos também são irmãos. Nas figuras 96, 97, 98 (os dois primeiros) e 99 (o segundo e a terceira) os trabalhadores e trabalhadoras formam outros trios ou duplas de irmãos.⁶²

Os trabalhadores do Curtume Dawis, de Caxias do Sul (**FIGURAS 105 a 108**), também foram fotografados coletivamente no dia 02 de maio de 1935. Todas as fotografias possuem o tecido compondo o fundo e entre os homens poucos vestiam casacos. Na figura 106, os dois primeiros eram irmãos e o terceiro era pai da quarta trabalhadora. Os trabalhadores do Curtume Adolfo Jaegler, de Novo Hamburgo, foram fotografados entre 1943 e 1944 (**FIGURAS 109 a 111**). Os 11 primeiros tiveram seus registros produzidos coletivamente no dia 13 de outubro de 1943, nas mesmas condições de produção dos demais conjuntos. Nota-se na fotografia do terceiro trabalhador da figura 109 o braço de outro fotografado, o que indica que eles estavam sentados um do lado do outro no momento da captura do registro.

As fotografias 3x4 dos trabalhadores vinculados aos três curtumes indicam que a produção dos registros para as carteiras era em série, no mesmo dia e em circunstâncias semelhantes ao que foi verificado em relação à produção das fotografias de parte dos trabalhadores dos frigoríficos. O fotógrafo foi ao encontro dos trabalhadores, os quais, provavelmente, pararam suas rotinas de trabalho e posaram diante da câmera. Contudo, assim como muitos trabalhadores dos frigoríficos, outro grupo de vinculados aos curtumes fez o percurso mais usual e foi até o estúdio fotográfico. O conjunto seguinte, do Curtume Adures, de Pelotas⁶³ (**FIGURAS 112 a 114**), apresenta registros em estúdio. Essas fotografias foram produzidas em datas diferentes, sendo as

duas primeiras em 1934 e as demais em 1941, com uma variedade de modelos de placas, o que indica, como destacado no capítulo anterior, que os trabalhadores tinham mais de uma opção de estabelecimento fotográfico na cidade de Pelotas.

A maioria dos trabalhadores do Curtume Bender e Schuck, de Estância Velha, também foram fotografados no mesmo dia 19 de agosto de 1940 (**FIGURAS 115 a 117**). Novamente, trata de uma produção realizada fora de um estúdio com o fundo composto por um tecido improvisado no qual é nítido os sinais de amarrotamento e de dobras. Também é notado que o enquadramento de algumas fotografias permitiu ver a parede que estava atrás do tecido (na quarta da figura 115 e na segunda e na quarta da figura 118).

Os trabalhadores do Scheffell, de Novo Hamburgo, foram fotografados nos anos de 1941 e 1942 (**FIGURAS 118 a 120**). Os 12 primeiros no dia 20 de julho de 1941 e, apesar das características iguais aos demais de outros conjuntos — fora de estúdio e tecido escuro no fundo —, suas fotografias foram realizadas com um enquadramento diferente, mostrando também parte do torso dos trabalhadores. O primeiro trabalhador da figura 118 apresentava na lapela do casaco um tecido escuro, usado para demonstrar luto, e, no bolso, dois lápis. No terceiro dessa mesma figura, é notada parte do braço de outro trabalhador, o que novamente indica, como destacado acima, que eles foram fotografados uns ao lado dos outros. Já entre os seis da figura 120, apenas um foi fotografado em outra data, em 21 de janeiro de 1942 e os demais 10 dias antes. Essas fotografias indicam que a presença de um fotógrafo nos curtumes — o que também é válido de se considerar para vários outros estabelecimentos — era constante. Um ponto que pode ser observado estava nas condições técnicas, ou seja, talvez a câmera não permitisse a produção de muitas fotografias no mesmo dia. Dessa

62 Assim como averiguado nos frigoríficos, havia irmãos trabalhando juntos no mesmo curtume, conforme identificação pela comparação dos nomes dos pais e das mães nas fichas. Nem todos serão comentados no capítulo, mas as ocorrências das relações de parentesco constam com os nomes sublinhados nas legendas.

63 Sobre os trabalhadores nos curtumes de Pelotas, ver: (Lopes, 2024, no prelo).

forma, o fotógrafo, talvez, não conseguisse realizar todas as fotografias ao mesmo tempo, necessitando retornar em outra data para concluir os registros.

O próximo conjunto fotográfico apresenta os trabalhadores que estavam vinculados ao Holzback e Kieling, de Getúlio Vargas, fotografados nos anos de 1939 e 1940 (**FIGURAS 121 e 122**). Apesar dos dias diferentes nas placas, todas as solicitações de carteira — o preenchimento das fichas — foram realizadas no ano de 1940 e em um único livro. As fotografias sofreram a ação do tempo e estão desbotadas, mas ainda assim os rostos continuam visíveis, da mesma forma que suas vestimentas e acessórios. Mesmo que o papel fotográfico não esteja em boa qualidade, é nítido que as fotografias foram realizadas em estúdio, uma vez que há uma luz artificial que destaca os cabelos dos trabalhadores, notadamente a última da figura 121 e os demais da figura 122.

A terceira e a sexta da figura 121 e o primeiro e a quinta da figura 122 eram menores de idade e foram contratados de acordo com o decreto 22.042, de 1932, que regulamentou o trabalho dos menores na indústria. Como visto anteriormente, esse decreto vedava o trabalho de menores que não tivessem completado a idade de 14 anos, e aqueles com idades entre 14 e 18 anos poderiam trabalhar desde que autorizados pelos pais (Brasil, 1932e). Às fichas desses quatro trabalhadores e trabalhadoras estão fixadas as declarações de seus pais que os autorizava a solicitar a carteira, do que se depreende ser este o artifício igualmente utilizado pelo curtume para contratá-los. Conforme destaca Irma Rizzini: “a experiência da escravidão havia demonstrado que a criança e o jovem trabalhador constituíam-se em mão de obra mais dócil, mais barata e com facilidade de adaptar-se ao trabalho” (Rizzini, 2013, p. 377). Percepção semelhante foi verificada por Esmeralda Moura ao estudar a mão de obra infantil — e, também, feminina — em São Paulo no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX. A autora concluiu que a única reserva ao “trabalho industrial da criança, do menor e da mulher

é, portanto, com relação a atividades que exigem maior qualificação de mão de obra”, enquanto nos demais setores a presença desses grupos de trabalhadores se tornou “verdadeiro lugar comum” (Moura, 1982, p. 36). As fichas dos trabalhadores da DRT/RS, com idades entre 14 e 18 anos, podem ser averiguadas a partir das discussões das autoras, já que é notável a presença de menores em várias atividades industriais, como nos frigoríficos, visto no capítulo anterior, e nos curtumes, ora abordado e exemplificado pelos quatro jovens do Holzback e Kieling, que apresentaram as autorizações de seus pais.

As fichas desses trabalhadores menores registraram somente o ano de solicitação, 1940, sem identificar o dia e o mês. No entanto, comparando a data de nascimento registrada na ficha com aquela apontada na fotografia, verifica-se que todos, no momento da produção da fotografia, estavam com a sua situação de acordo com o previsto no decreto. Entretanto, não é possível saber, somente pela ficha, se no início do vínculo empregatício os menores já contavam com 14 anos completos ou se foram contratados antes dessa idade.

Os trabalhadores do Curtume Sauer, de Santa Maria, foram fotografados em datas diferentes entre janeiro e fevereiro de 1941 (**FIGURAS 123 e 124**). Nas fotografias são verificados dois modelos de placa, o que indica que os registros, possivelmente, foram feitos por profissionais diferentes. Esse é outro conjunto de fotografias feitas em estúdio, no qual está nítido o recurso do uso da iluminação artificial que ressalta os rostos e o brilho dos cabelos. Ainda, da mesma forma como destacado acima, esse curtume também tem jovens trabalhadores atuando nas suas linhas de produção. O quinto trabalhador da figura 123 completou 16 anos quando da sua solicitação em 1941, enquanto os dois últimos da figura 124 completaram 16 anos e 15 anos respectivamente, em 1941.

Os trabalhadores do Curtume Roberto Uebel, Filhos e Cia., de Portão, foram fotografados em 1941 e 1943 (**FIGURAS 125 e 126**). Os três primeiros em 18 de junho de 1941 e os demais no dia 27 de dezembro de

1943. Aqui também se observa outro conjunto que atesta a feitura das fotografias em série, fora de um estúdio e, provavelmente, no local de trabalho. Nas três primeiras o tecido escuro e amarrotado está presente, enquanto nas demais, ao que tudo indica, o fundo foi composto por uma parede de alvenaria. A nítida diferença dessas fotografias com as anteriores está na apresentação dos trabalhadores, os quais, ao contrário de grande parte dos demais, não vestiam casacos, mas trajavam suas roupas de trabalho. Nos cinco primeiros da figura 126 se nota que suas camisas estão sujas e nem todas estão abotoadas — o segundo parece estar com a camisa aberta. Todos estão com um semblante cansado, sendo que os três primeiros não encaram a câmera, seus olhos estão acobreados, possivelmente resultado da rotina diária extenuante enfrentada no cotidiano do curtume.

O próximo conjunto fotográfico, do curtume Kern e Mattes, também de Portão (**FIGURAS 127 e 128**), igualmente registrou os trabalhadores em circunstâncias semelhantes aos do Curtume Roberto Uebel, Filhos e Cia. Os primeiros 11 trabalhadores foram fotografados no mesmo dia: 23 de dezembro de 1943. Assim como os trabalhadores do curtume anterior, nenhum deles vestia casaco e sim roupas mais comuns, usadas no cotidiano do trabalho do curtume. As camisas, da mesma forma que aquelas usadas pelos trabalhadores do Roberto Uebel, Filhos e Cia., estão sujas e algumas com os botões não abotoados. Apenas o último trabalhador da figura 128 foi fotografado em estúdio e antes dos demais, em 10 de julho de 1941, este é o químico prático Armando Albino Mattes; como visto acima, possivelmente um dos proprietários do curtume.

Os 11 trabalhadores do Kern e Mattes, assim como aqueles da figura 126, do Roberto Uebel, Filhos e Cia., estão com expressões faciais cansadas e parte deles também não encara a câmera, com seus olhares desviados ou desconfortáveis — como se denota pelos olhos entreabertos. Como destaca Maria Ciavatta: “Voluntária ou involuntariamente, consciente ou inconscientemente, os fotógrafos da

época nos legaram um discurso expressivo sobre os trabalhadores que faziam parte da paisagem que eles retrataram” (Ciavatta, 2002, p. 82). As fotografias 3x4 dos trabalhadores desses dois curtumes são artefatos que, para além da materialidade do papel fotográfico, do documento em si, possibilitam compreender parte das trajetórias de vida, de suas histórias de trabalho. De forma especial, revelam as condições nas quais os trabalhadores foram fotografados e demonstram, implicitamente, uma identidade mais próxima do cotidiano do trabalho exaustivo nos curtumes do que a grande maioria das demais fotografias, as quais deixam essa realidade subentendida nas roupas especialmente escolhidas para a ocasião.

É provável que, entre os trabalhadores e trabalhadoras dos demais conjuntos fotográficos produzidos fora de um estúdio, houve um aviso sobre o dia que a fotografia seria realizada, já que, entre os homens, a grande maioria vestia casaco e alguns também usavam gravata. O tipo de trabalho executado por eles no curtume exigia esforço físico, o que não combinava com o tipo de vestimenta que eles optaram para a captação de sua imagem. No entanto, como se tratava de um dia especial — talvez a primeira vez que muitos deles seriam fotografados —, era necessário se apresentar diante do fotógrafo com suas melhores roupas. Essas circunstâncias não se aplicam aos trabalhadores dos Curtumes Roberto Uebel, Filhos e Cia. e Kern e Mattes, fotografados com suas roupas utilizadas no trabalho diário exaustivo, que manchava suas camisas ao manusear e curtir os couros. Ainda, é possível apontar que os trabalhadores dos dois curtumes foram fotografados pelos mesmo profissional, hipótese considerada a partir do modelo da placa, tanto no seu tamanho como na grafia dos números.

A relação entre as roupas usadas pelos trabalhadores para o registro e a atividade laboral exercida por eles é compreendida a partir do exposto por Annateresa Fabris, conforme visto no capítulo anterior. Conforme a interpretação da autora, em parte das fotografias produzidas em estúdio no século XIX, há a construção de uma identidade retórica,

pois “o sujeito torna-se um modelo; deixa-se captar como uma forma entre outras, ao interagir com o cenário que lhe confere uma identidade retórica quando não fictícia” (Fabris, 2004, p. 58). No capítulo 2, essa discussão colaborou para a compreensão de que a apresentação do trabalhador diante do fotógrafo não era condizente com a rotina do trabalho no frigorífico, sendo que idêntica interpretação também é considerada para as fotografias dos trabalhadores dos curtumes. No entanto, os trabalhadores das figuras 126, 127 e 128 (com exceção do último da figura 128) destoam e permitem compreender que, de fato, suas fotografias não apresentavam uma identidade retórica, mas, ao contrário, os aproximava de suas verdadeiras identidades, já que suas vestimentas correspondiam com a realidade do trabalho desempenhado nos curtumes.

O próximo conjunto de fotografias (**FIGURAS 129 e 130**) são de trabalhadores do Curtume Naday Ltda., de Novo Hamburgo. As fotografias foram produzidas em dias e meses diferentes no ano de 1944, sendo que quatro foram feitas no mesmo dia: 26 de dezembro. Nota-se que todas foram produzidas em estúdio, sendo que há dois modelos diferentes de placas (na segunda e na quinta fotografias da figura 129, o formato não é igual ao das demais), o que permite considerar a existência de, pelo menos, dois estúdios no município ou na região do Vale do Rio dos Sinos. Todas as trabalhadoras se apresentaram bem-vestidas e, apesar da ausência do colorido nas fotografias, se percebe os tecidos estampados e algumas com maquiagem (notadamente, a quarta da figura 129 e as três da figura 130 usavam batom).

Os trabalhadores do Curtume Adams (**FIGURAS 131 e 132**), de Novo Hamburgo, foram fotografados em dias e meses diferentes nos anos de 1943 e 1944. Apesar das datas diferentes — e da má qualidade de algumas das fotografias da figura 132 — é possível perceber que os registros foram realizados por um mesmo profissional. O fundo neutro, provavelmente com o recurso do tecido, que está ondulado e é nítido nas quatro últimas da figura 131, e o mesmo modelo da placa, indicam

essa possibilidade. Outra constatação sobre essas fotografias é que elas foram feitas pelo mesmo fotógrafo que fez o registro da terceira trabalhadora da figura 129 do Curtume Naday Ltda., tendo em vista que o tecido escuro com as ondulações também é nítido na sua fotografia. Essa observação permite, como já apontado para o caso dos curtumes Roberto Uebel, Filhos e Cia. e Kern e Mattes, a feitura das fotografias pelo mesmo profissional.

Os próximos conjuntos fotográficos possuem registros de dois curtumes (**FIGURAS 133 e 134**): Curtume Blos e Cia., de Campo Bom, e Curtume Alvício Prensa, de Lomba Grande — um distrito de Novo Hamburgo (os dois últimos da figura 134). Os trabalhadores do curtume Blos e Cia. foram fotografados nos anos de 1941 (os quatro primeiros da figura 133 em 01 de setembro, e os três da figura 134 em 20 de julho) e 1944 (o quinto da figura 133), enquanto os dois do Alvício Prensa em 07 de dezembro de 1944. Aqueles da figura 133 em estúdio e os três da figura 134 não, sendo que nestes é evidente o tecido escuro compondo o fundo. Ao contrário dos registros de alguns trabalhadores do curtume Adams (com a presença de ondulações), nestes o realce está nos amassados, o que, como já apontado anteriormente, indica que o fotógrafo foi ao encontro do trabalhador levando consigo o tecido que ficou amarrotado na viagem. Além disso, as vestimentas dos três jovens da figura 134 permitem indicar que seus registros foram realizados durante o expediente, já que nenhum deles veste casaco, ao contrário daqueles da figura 133, sendo que estes três também estavam com gravata. Os dois trabalhadores do Curtume Alvício Prensa também foram fotografados no mesmo estúdio que possuía um tecido com ondulações compondo o cenário.

Os trabalhadores dos curtumes Albino Momberguer, de Novo Hamburgo, e Marcos Roismann, de Getúlio Vargas, compõem os próximos registros fotográficos (**FIGURAS 135 e 136**). Os quatro primeiros da figura 135 foram fotografados no mesmo dia: 20 de julho de 1941. Os outros cinco posaram para o fotógrafo no ano de 1944, sendo que

dois deles no mesmo dia: 26 de novembro. Já os três últimos da figura 136, do Curtume Marcos Roismann, foram fotografados em 1939 e 1940 em dias distintos. Os próximos conjuntos (**FIGURAS 137 e 138**) também apresentam fotografias de trabalhadores de dois curtumes: Curtume Leuck e Mattes, de Estância Velha, e Taquariense, de Taquara (os últimos quatro da figura 138). Todos os trabalhadores do primeiro foram fotografados no mesmo dia: 17 de agosto de 1940, e os do segundo em datas diferentes no ano de 1944.

Novamente, o tecido com amassados compõe o fundo dos registros das quatro fotografias dos trabalhadores dos curtumes Albino Momberguer e aquelas oito dos trabalhadores do Leuck e Mattes. O tecido é semelhante com aquele utilizado em algumas das fotografias anteriores, como naquelas do curtume Bender e Schuck, (figuras 115 a 117), nas três dos trabalhadores do curtume Blos e Cia. (figura 134) e nas fotografias do Arthur Ritter (figura 142). E, ainda, também é semelhante com os fundos das fotografias do curtume Schefell e Cia. (figuras 118, 119 e 120), e naqueles dos três primeiros trabalhadores do Roberto Uebel, Filhos e Cia. (figura 125), embora o tecido neutro não esteja tão amarrotado. A relação entre essas fotografias é que todos os trabalhadores estavam vinculados a estabelecimentos localizados na mesma região geográfica do estado, ou seja, no Vale do Rio dos Sinos, especificamente nos municípios de Novo Hamburgo, Campo Bom e Estância Velha. Conforme Alex Müller,

Os primeiros fotógrafos e estúdios no Vale dos Sinos, surgem no final do século XIX quando aparecem os registros iniciais das paisagens urbanas. Inicialmente, os profissionais estavam localizados em Porto Alegre e São Leopoldo, posteriormente instalaram-se em Novo Hamburgo e Taquara. (Müller, 2015, p. 89)

Ainda de acordo com o autor, havia uma circulação dos profissionais vinculados aos estúdios estudados por ele nas cidades de São Leopoldo, Taquara e Novo Hamburgo: “pois os mesmos profissionais aparecem como autores de fotografias de mais de uma urbe, o que indica a

demanda fotográfica na região” (Müller, 2015, p. 91). Mesmo que não seja possível identificar os profissionais responsáveis pela produção das fotografias dos trabalhadores dos curtumes, é provável que, nos anos 1930 e 1940, com a busca por fotografias no formato 3x4, os fotógrafos se adaptaram à nova demanda, produzindo os registros em seus estúdios ou circulando pelas cidades, captando os trabalhadores em seus locais de trabalho. Todos os conjuntos fotográficos apontados acima, da região do Vale do Rio dos Sinos, exemplificam essa adaptação e a circulação dos profissionais nos locais de trabalho registrando os trabalhadores no formato 3x4.

Associado com esta constatação, é provável que a produção das fotografias em série poderia estar relacionada com as condições financeiras dos fotografados. Em outras palavras, seria menos custoso aguardar pelo fotógrafo e realizar o registro coletivo ao invés de se deslocar até o estúdio para ser fotografado. A produção das fotografias coletivas se evidencia pela placa com a mesma data e pelo tecido que compõe o fundo. Entretanto, em alguns registros, como já apontado no capítulo 1, essa captação coletiva também é verificada pela presença de parte do corpo de um trabalhador na fotografia do outro. Especificamente entre as fotografias dos trabalhadores dos curtumes, é nítida essa condição nos registros dos curtumes Adolfo Jaegler (o terceiro da figura 109), Schefell (o primeiro da figura 119), Roberto Uebel, Filhos e Cia. (o primeiro da figura 126) e Albino Momberguer (o primeiro e o segundo da figura 135).

Os próximos conjuntos fotográficos apresentam os trabalhadores dos curtumes Riograndense, de Getúlio Vargas, e Tupy, de Caxias do Sul (**FIGURAS 139 e 140**). As primeiras oito fotografias, do Riograndense, foram produzidas no mesmo dia: 02 de janeiro de 1942; enquanto as quatro fotografias do Tupy no ano de 1938, sendo uma no dia 02 de março e as demais no mesmo dia: 02 de junho. Essas fotografias possuem características semelhantes com as analisadas acima, uma vez que também foram produzidas coletivamente. Embora, nas oito

primeiras, nota-se a ausência do tecido escuro, talvez substituído por uma parede clara, mas que também desempenhava a função de dar neutralidade para o fundo. Já nas três do Tupy é mais difícil discernir o que foi utilizado na composição do fundo dos registros, conquanto, em todas, o recurso fosse o mesmo.

Os homens optaram por casacos e gravatas, as mulheres por roupas estampadas, cabelos penteados — sendo que a primeira usava um acessório no cabelo. Mesmo que todos tenham sido fotografados no mesmo dia, é possível considerar que os registros foram realizados em um estúdio. A hipótese, já apontada anteriormente, está na iluminação artificial lateral, que destaca a parte direita do rosto proporcionando um leve sombreamento na parte esquerda, o que se torna mais nítido ao comparar as orelhas dos três primeiros da figura 139 e o cabelo da segunda trabalhadora desta figura e com aquele do primeiro da figura 140.

Esses conjuntos evidenciam uma alternativa para a produção das fotografias. Se nos conjuntos anteriores foi considerada a hipótese de o fotógrafo ir ao encontro dos trabalhadores, registrando-os no mesmo dia e, possivelmente, no próprio local de trabalho, as fotografias desses dois curtumes das figuras 139 e 140 permitem uma outra interpretação: os trabalhadores foram liberados de suas atividades — talvez um turno do dia — para irem até o estúdio. Contudo, essas fotografias também evidenciam estratégias de produção coletiva, uma vez que, mesmo que não fossem realizadas durante o expediente e fora do estúdio, foram feitas na mesma data.

A fotografia do primeiro trabalhador do Tupy é a única que se diferencia das demais, seu fundo não é neutro, mas composto por uma parede com uma abertura que lembra uma tela — possivelmente uma porta ou uma janela com tela para dissipar o mau cheiro do curtume. É muito provável que essa fotografia não foi feita em um estúdio, mas no banco de dados há apenas cinco fichas desse curtume e somente essas

quatro fotografias, o que impossibilita averiguar se outros trabalhadores do Tupy também foram fotografados com ele no mesmo dia.

Os trabalhadores do Curtume Linck e Wagner, de Pelotas, constituem um dos grupos que não deixa dúvida sobre o local de suas produções, ou seja, fora de um estúdio fotográfico (**FIGURA 141**). Os registros, realizados no dia 14 de novembro de 1941, captaram, além do rosto do trabalhador, parte de seu tronco. Ainda, o local escolhido para a realização da fotografia, para ser o fundo, foi uma parede de tijolos, o que caracteriza um ambiente externo e, portanto, fora de um estúdio. Outro detalhe das fotografias está na luz natural que ilumina frontalmente os rostos, deixando-os desconfortáveis, com os olhos entreabertos e com uma expressão tensionada.

As fotografias dos demais trabalhadores dos próximos dez curtumes possuem características semelhantes àquelas apontadas anteriormente. Os seis trabalhadores do Arthur Ritter (**FIGURA 142**) foram fotografados no mesmo dia: 13 de agosto de 1940. Todos se apresentaram diante do fotógrafo vestindo casaco e usando gravata, mas o tecido que compõe o fundo, amarrotado, indica que a produção coletiva foi realizada fora de um estúdio. Ainda, no quinto trabalhador, nota-se que o enquadramento da fotografia excedeu o tecido, revelando parte do que deveria permanecer escondido. Já os seis trabalhadores do Curtume Vier, Koefender e Cia., também foram fotografados no mesmo dia: 05 de agosto de 1944 (**FIGURA 143**). Contudo, seus registros, de forma nítida, foram realizados em estúdio, como atesta a iluminação lateral. Já os trabalhadores dos curtumes Guilherme Ludvig e Cia. (primeiro ao quinto) e Engel e Cia. (sexto), ambos de Novo Hamburgo, foram fotografados em datas diferentes nos anos de 1943 e 1944 (**FIGURA 144**).

Os quatro trabalhadores do curtume Carvalho, Teixeira e Cia., de Pelotas, foram fotografados em datas diferentes nos anos de 1938, 1939 e 1940 enquanto os dois do Curtume Irmãos Mushojff, de Novo Hamburgo, foram fotografados em 1943 (**FIGURA 145**). Os quatro primeiros tiveram seus registros realizados em estúdios diferentes,

conforme indicam os modelos das placas. Essas fotografias, da mesma forma como foi apontado acima, possuem uma iluminação artificial que destaca o rosto do trabalhador, iluminando-os, mas, ao contrário daquelas do Curtume Tupy (Figura 140), nestas, a iluminação está à esquerda do rosto, sombreando a parte direita.

Os dois últimos conjuntos apresentam fotografias dos trabalhadores dos curtumes Ere Ltda., de Getúlio Vargas, Martins e Cia., de Novo Hamburgo (**FIGURA 146**), Zervez e Mächlecke, de Novo Hamburgo, e Scherer e Cia., de São Jerônimo (**FIGURA 147**). Os três primeiros do Ere foram fotografados no mesmo dia, 02 de janeiro de 1942, e o quarto em 26 de dezembro de 1941, enquanto cada um dos trabalhadores do Martins e Cia., fotografados em 1943 e 1944, respectivamente. Os quatro vinculados ao Zervez e Mächlecke, de Novo Hamburgo, realizaram seus registros na mesma data: 18 de junho de 1941 e os dois trabalhadores do Scherer e Cia., de São Jerônimo, também foram fotografados no mesmo dia: 26 de outubro de 1941. É possível apontar que somente os trabalhadores do Zervez e Mächlecke realizaram seus registros fora de um estúdio, sendo que as condições de produção das suas fotografias se assemelham com as observações apontadas anteriormente, ou seja, tecido neutro com amassados e o mesmo modelo da placa. Ainda, é notável a diferença em suas roupas quando comparadas com as dos demais trabalhadores dos outros três curtumes. Suas vestimentas são mais simples, o que indica a possibilidade de o fotógrafo ter realizado a captura fotográfica no próprio curtume e durante o expediente dos trabalhadores.

GUIA FOTOGRÁFICO DO CAPÍTULO 3

Curture	Figuras	Nº fotografias
Corbetta	95 a 104	60
Dawis e Cia. Ltda.	105 a 108	24
Adolfo Jaeger e Cia.	109 a 111	18
Adures e Cia.	112 a 114	18
Bender e Schuck	115 a 117	18
Scheffel e Cia.	118 a 120	18
Holsback e Kieling Cia. Ltda.	121 a 122	12
Sauer e Cia.	123 a 124	12
Roberto Uebel, Filhos e Cia.	125 a 126	12
Kern e Mattes	127 a 128	12
Naday Ltda.	129 a 130	12
Adams e Cia.	131 a 132	11
Blos e Cia.	133 a 134	8
Alvicio Prensa		2
Albino Momberguer	135 a 136	9
Marcos Roismann		3
Leuck e Mattes	137 a 138	8
Taquariense		4
Riograndense	139 a 140	8
Tupy		4
Linck e Wagner	141	5
Arthur Ritter	142	6
Vier, Koefender e Cia.	143	6
Guilherme Ludvig e Cia.	144	5
Engel e Cia.		1
Carvalho, Teixeira e Cia.	145	4
Irmãos Mushojff		2
Ere Ltda.	146	4
Martins e Cia.		2
Zervez e Mächlecke	147	4
Scherer e Cia.		2
Total: 314		



Figura 95: primeiro conjunto (esquerda)

Figura 96: segundo conjunto (direita)

Fonte: Elaboração do autor, 2023. Acervo: DRT/RS-NDH-UFPel.



Figura 95: **Curtume Corbetta:** Hilda Flores (curtumeira), Narcisa Flores (curtumeira), Mario Flores (curtumeiro), Domingos Garibotti (curtumeiro), Albino Garibotti (curtumeiro) e João Garibotti (maquinista).

Figura 96: **Curtume Corbetta:** Claudio Gheno (curtumeiro), Filomena Gheno (curtumeira), Jardelino Ferrão (curtumeiro), Natalicia Ferrão (curtumeira), Olimirio de Almeida (curtumeiro) e Theobaldo Antonio de Almeida (curtumeiro).



Figura 97: **Curtume Corbetta**: Lidia Ravazio (curtumeira), Ricieri Ravazio (curtumeiro), Olga Ravasio (curtumeira), Oreste Demarchi (curtumeiro), Alda Demarchi (curtumeira) e Olívio Demarchi (curtumeiro).

Figura 98: **Curtume Corbetta**: Elisa Vigolo (curtumeira), Cesira Vigolo (curtumeira), Olinda Todescato (curtumeira), Leopoldo José Kulzer (curtumeiro), Eduardo Dal Molin (ferreiro) e Pedro Plein (curtumeiro).



Figura 99: **Curtume Corbetta:** Tertuliano Marcos Benazzi (guarda livro), Etelvino Ely (curtumeiro), Ottília Ely (curtumeira), Julio Carlos Corbetta (escriturário), Sebastião Pereira da Silva (curtumeiro) e Lourenço Calles Cura (curtumeiro).

Figura 100: **Curtume Corbetta:** Osvaldo Damião Duarte (curtumeiro), Justiniano Moraes (guarda noturno), Eugenio Puricelli (curtumeiro), Alfredo Scheidt (curtumeiro), Nelson Marchini (cortumeiro) e Rodolfo Schreiner (curtumeiro).



Figura 101: **Curtume Corbetta**: Olga Eloy (curtumeira), Noemia da Silva (curtumeira), Helia Zarpellon (curtumeira), Amaro Maria (curtumeiro), Alvina de Souza (curtumeira) e Edla Borges (curtumeira).

Figura 102: **Curtume Corbetta**: Mathilda Moraes (curtumeira), Caro Menin (curtumeiro), Zelinda Gomes (curtumeira), Amalia Lucca Non (curtumeira), Victorino Carrera (curtumeiro) e Pedro Alves (ferreiro).



Figura 103: **Curtume Corbetta:** Alady Lara Pedroso (curtumeiro), Domingos Conti (curtumeiro), Sebaldo Kunz (escriturário), Edercilla Gomes Pereira (curtumeira), Fioravanti Bernardo Isolini (ferreiro) e Vili Damião Duarte (curtumeiro).

Figura 104: **Curtume Corbetta:** Luiz Moraes (curtumeiro), Victorio Somensi (ferreiro), Leonardo da Silva (curtumeiro), Algenor Santos Almeida (curtumeiro), Prudencio Kunz (curtumeiro) e Genita Moraes (curtumeira).



Figura 105: **Curtume Dawis e Cia. Ltda:** Ricardo da Cruz Netto (guarda livros), Carlos Kraemer (auxiliar de comércio), Alberto Caetano de Oliveira (curtidor), Lino Vist (estivador de sola), Eugenio Magalhães (lustrador) e Octacilio Pereira (esmerilhador).

Figura 106: **Curtume Dawis e Cia. Ltda:** João Plínio Sartori (envernizador), Attilio João Sartori (envernizador), Reinaldo Konrad (envernizador) (pai) Rosa Konrad (envernizadora) (filha) Alvaro Dejalma Martins (caleiro) e Frederico Dunker (curtidor).



Figura 107: **Curtume Dawis e Cia. Ltda:** Oscar Caldemar Silveira (envernizador), Olívio Ferreira (curtidor), Iolanda Busilatto (expedição), Eugênio da Silva (ajudante de maquinista), João Telles (espichador) e José Marroni (contador).

Figura 108: **Curtume Dawis e Cia. Ltda:** Ernesto Casar (curtidor), Maria Madalena Souza (tintureira), Jacilda de Oliveira Costa (tintureira), Ella Drechsler (não informado), Gessi Pires (tintureira) e Antonio Generoso (curtidor).



Figura 109: **Curtime Adolfo Jaeger e Cia.**: João Leonardo Selbach (auxiliar de comércio), Antonio Carlos Flores (servente), Olivio Antonio Cardozo (curtidor), Valentin Sturmer (servente), José Antonio da Silva (tingidor) e Ary da Silva (máquina de rachar).

Figura 110: **Curtime Adolfo Jaeger e Cia.**: Pedro Leal Filho (estaqueador), Pedro da Silva (auxiliar de máquina de rachar), Otacilio Romano (servente), Guilherme Ignacio da Silva (lixador), Julio Wilhelms (serrador) e Hugo Trin (curtidor).



Figura 111: **Curtume A. Jaeger e Cia.:** Albino Rodrigues da Silva (jornaleiro), Alfredo Brito (envernizador), Adão de Oliveira (estaqueador), Leofredo Silveira de Oliveira (motorista), Ataliba Gomercindo Juchem (comerciante) e João Miguel Flores (curtidor).

Figura 112: **Curtume Adures:** Antonio Villella (curtumeiro), Alfredo José Claro (curtumeiro), Ayres Estrela Rosa (curtumeiro), Ildefonso Vergara Cruz (curtumeiro), Apolonio Veiga (curtumeiro) e Rubens Oliveira Barcellos (curtumeiro).



Figura 113: **Curtume Adures**: Darcy Maysonnave (curtumeiro), Arnaldo Teixeira da Silva (curtumeiro), Luiz Silva Magalhães (curtumeiro), Faustino Peixoto Adures (auxiliar de comércio), José Casseres de Souza (curtumeiro) e João Rodrigues Alonso (curtumeiro).

Figura 114: **Curtume Adures**: José Furtado (pedreiro), Edorilde Furtado (curtumeiro), Darcy Goularte (curtumeiro), Serafim Alberto dos Anjos (trabalhador em barraca), Dirceu Acácio Magalhães (curtumeiro) e Euclides Oliveira Ferreira (curtumeiro).



Figura 115: **Curtume Bender e Schuck:** Antenor Fernandes Mattos (curtidor), Vicente Monteiro (curtidor), Adalino Ebling (curtidor) (pai), Willy Armando Ebling (não informado) (filho), Carlos Metz (curtidor) e Reinaldo Klein Kauf (curtidor).

Figura 116: **Curtume Bender e Schuck:** Alfredo Schuck (curtidor), Pedro Kvetz Filho (curtidor), [illegível] Quadros Bittencurt (curtidor), Hugo Deenstmann (curtidor), Clemente Américo Ferreira (curtidor) e Florentino José Castano (curtidor).



Figura 117: **Curture Bender e Schuck**: Edmundo Enno Metz (não informado), Theobaldo Rodrigues Barboza (curtidor), João Aypio Petry (curtidor), Arceno Américo Ferreira (não informado), Martin Generoso Conceição (não informado) e Rubin Herman Monaco (não informado).

Figura 118: **Curture Scheffell e Cia.**: Etto Albano Chustmann (guarda livro), Lindolfo Fernandes (servente), Abílio Luiz da Silva (curtidor), Adolfo Willy Seterhenn (curtidor), Gustavo Winter (curtidor) e João Bürk (curtidor).



Figura 119: **Curtume Scheffell e Cia.:** Cordeiro Joaquim da Costa (curtidor), Roduzino Emilio da Rosa (curtidor), Abrucio Leal (servente), Wendelino Carvalho (servente), Victor Antunes Lopes (carregador) e Alvicio Ventura da Silva (servente).

Figura 120: **Curtume Scheffell e Cia.:** Carlos Waldemar Rothen (surrador), Wendelino José de Vargas (sevente), João Jacob Wendorf (curtidor), Francisco Carvalho (servente), Conrado Hugo Ernesto Richter (industrial) e Nestor José de Souza (curtidor).



Figura 121: **Curtume Holzback e Kieling e Cia. Ltda.** Laurindo Giocondo Fachini (sapateiro), João Schiessl (sapateiro), Odila Sartori (servente), Ignácio Kasprovicz (servente), [illegível] Seemann (servente) e Iraci Caetano (servente).

Figura 122: **Curtume Holzback e Kieling e Cia. Ltda.** Oswaldo Rögelim (servente), Emma Schmelzer (chineleira), Archimino Carvalho (chineleiro), Umbelina Neves Klein (servente) e Militão Knapp (correeiro).



Figura 123: **Curtume Sauer Cia.:** Achilles Romanato da Costa (sapateiro), Luiz Fernandes Lopes (sapateiro), Adão Matte (curtidor), Valdemar Freitas dos Santos (tamanqueiro), Bruno Conte (servente) e Felisbina Gomes Sandres (chineleira).

Figura 124: **Curtume Sauer Cia.:** Luiz Pasqualini (viajante), Carmo Freire de Palma (celeiro), Alonso Marcos (sapateiro), Aldemar Veiga Marques (sapateiro), Artur Carlin (sapateiro) e Renato Ernani Siqueira (servente).



Figura 125: **Curtime Roberto Uebel, Filhos e Cia.**: Edvino Ignácio de Souza (servente), Avelino Lucas de Mello (curtidor), Silvino da Silva (servente), Omar Moog (ilegível), Guilherme Pereira da Silva (curtidor) e Lauro Orivaldo Stumpf (não informado).

Figura 126: **Curtime Roberto Uebel, Filhos e Cia.**: Manoel José Nunes (curtidor), Edmundo de Souza (curtidor), Adolino da Silva (curtidor), Arlindo Nunes (curtidor), Laurentino Xavier de Almeida (curtidor) e Adão Luiz Flores (curtidor).



Figura 127: **Curtume Kern e Mattes:** José [ilegível] (servente), Alberto Krey (não informado), Ervino Antonio de Oliveira (curtidor), Germano Arthur Jung (expedição), Bernardino Rodrigues Flores (carpinteiro) Alziro José da Silva (curtidor).

Figura 128: **Curtume Kern e Mattes:** Amiro Sinésio Fisch (curtidor), Orfelino de Almeida (não informado), Laurentino Nunes (servente), Carlos Ramiro da Silva (servente), Francisco de Oliveira (servente), Armando Albino Mattes (químico prático).



Figura 129: **Curtume Naday LTDA:** Maria da Silva Perfeito (recortadora), Rosa Martins da Silva (estaqueadora), Jovelina Ferreira da Costa (estaqueadora), Leda Ferreira de Oliveira (servente), Visentina de Paula (operária) e Paulina Xavier de Almeida (estaqueadora).

Figura 130: **Curtume Naday LTDA:** Maria Lidia Felix de Souza (estaqueadora), Helma Apoles Santos (tintureira), Ernestina Luis (cortadora), Podalirio Soares (estirador), Ernani Viegas (lixador) e Fernandes Rodrigues Viegas (curtumeiro).



Figura 131: **Curte Adams:** Olímpio Silveira da Rosa (curtidor), Andreilino Antonio dos Santos (curtidor), João Abelo da Costa (curtidor), Luiz José da Rosa Filho (trinchador), Olisete Elídio Oliveira (curtidor) e Miguel Fernandes da Cunha Filho (costureiro).

Figura 132: **Curte Adams:** Azevedo Ignácio da Silva (curtumeiro), Antonio Inácio da Silva (foguista), Benno Faller (curtidor), Waldomiro Jaeger (curtumeiro) e João Durvalino Pereira dos Santos (curtumeiro).



Figura 133: **Curtume Blos e Cia.:** Arlindo Reynaldo Scarlan (envernizador), Guido Scarlan (envernizador), Henrique Riffel (envernizador) (pai), Edmar Julio Riffel (envernizador) (filho), Pedro Alberto Ermel (curtidor).

Figura 134: **Curtume Blos e Cia.:** Darcy Martins da Silva (curtidor), Pedro Cardoso (envernizador) e Antonio Constantino da Silva (envernizador). **Curtume Alvicio Prensa:** Waldemar da Silva (curtidor) e Albino Antonio da Silva (curtidor).



Figura 135: **Curtume Albino Momberguer:** José da Silva (servente), João Pedro da Silva (servente), Willi Max Piekhenner (curtidor), João Manoel de Carvalho (servente), João Telles (curtumeiro) e Pedro Lucas de Mello (tingidor).

Figura 136: Curtume Albino Momberguer: Oscar Bruno Harff (servente), Armindo Bruxel (curtumeiro) e Alfredo Furtuoso da Costa (curtumeiro). **Curtume Marcos Roismann:** Paulo Schulze (sapateiro), Adão Herduger (servente) e Helmut Wagner (chineleiro).



Figura 137: **Curture Leuck e Mattes:** Oscar Nicolau Müller (curtidor), Albino Guilherme Hach (curtidor), Waldemar Ferreira (curtidor), Emílio Henrich (curtidor), Pedro Alves Bastos (curtidor) e Arlindo Dias (curtidor).

Figura 138: **Curture Leuck e Mattes:** Leo Mattes (curtidor) e Ilino Geraldo Mattes (servente). **Curture Taquariense:** Adão Pires de Oliveira (operário), Adolar Eckhard (operário), Antonio Manoel Duarte (operário) e Arlindo Dias (operário).



Figura 139: **Curtume Riograndense:** Valdemar Crivson (guarda noturno), Octaviano Flores (servente), Armindo Elias Rossato (tamanqueiro), Carina Rossato (auxiliar de comércio), Emili Rossato (servente) e Carlos Schreiner (servente).

Figura 140: **Curtume Riograndense:** José Tessari (servente) e Wilibaldo Fleck (curtidor). **Curtume Tupy:** Benedito Chavier da Silva (curtumeiro), Validio Rosa (ajudante), Aristides Costa (curtumeiro) e Laurentino Nunes dos Santos (curtumeiro).

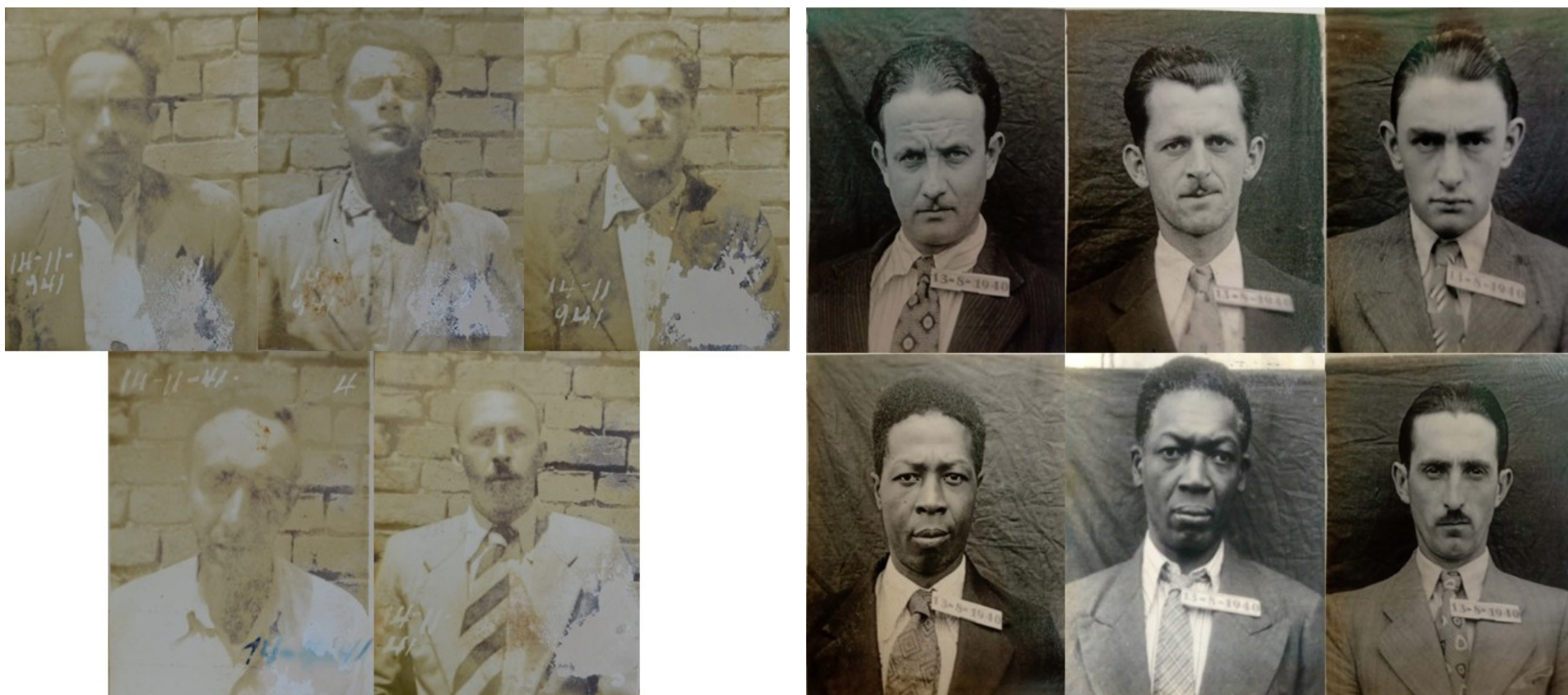


Figura 141: **Curtime Linck e Wagner:** Ignez Fonseca Mathias (curtumeiro), Orestes Borges de Campos (tamanqueiro), Otavio Pereira (tamanqueiro), João Manoel Rodrigues (tamanqueiro) e Delmar Gomes de Azevedo (curtidor).

Figura 142: **Curtime Arthur Ritter:** Alfredo Ovino Noé (curtidor), Edmund Koch (curtidor), Guido Augustim (curtidor), Adolfo Elias (curtidor), Carlos Elias (curtidor), e Alfredo Pedro Musskopf (curtidor).



Figura 143: **Curtume Vier, Koefender e Cia.**: Reynaldo de Jesus (operário), Eduardo Bernardo Vier (operário), Rodolfo José Lorenz (operário), Alfredo Henrichsen (operário), Wando Alvisio Diehl (operário) e Anibal Paulo Mallmann (operário).

Figura 144: **Curtume Guilherme Ludvig e Cia.**: João Edmundo Welter (curtidor), Alayde Barreto (costureira), Vicente M. da Silva (curtidor), Pedro José Dias (lixador) e José Maria Dias (lixador). **Curtume Engel e Cia.**: Wendelino Antonio de Paula (curtumeiro).



Figura 145: **Curtume Carvalho, Teixeira e Cia.**: Edegar Manke (cortador), Francisco Siqueira Nino (cortador), Carlos Siqueira Nino (cortador), Dorilio de Deus (curtumeiro). **Curtume Irmãos Mushoff**: Manoel de Souza (curtidor) e Antonio José Ferreira (estaqueador).

Figura 146: **Curtume Ere Ltda**: Ayrton Lunardi Panzi (guarda livros), Severino Gallina (servente), Arnaldo Anselmo Grünevald (servente) e Irso Trevisan (servente). **Curtume Martins e Cia.**: Casemiro Moreira (curtidor) e Abilino Luis Cardoso (curtumeiro).



Figura 147: **Curtume Zervez e Mächlecke:** Germano Lino da Silva (envernizador), Adão Reinaldo da Silva (envernizador), Oscar Jorge da Silva (envernizador) e Julio Manoel da Silva (envernizador). **Curtume Scherer e Cia.:** Delcio dos Santos (aprendiz de tamanqueiro) e Herminio Alves dos Santos (sapateiro).

CONCLUSÃO

Analisar as histórias de trabalho e as fotografias 3x4 dos solicitantes de carteira profissional vinculados aos frigoríficos e aos curtumes do Rio Grande do Sul, nos anos 1930 e 1940, permitiu dar visibilidade para homens e mulheres comuns, trabalhadores e trabalhadoras que permaneceram, até então, arquivados nos documentos. Com os dados das fichas foi possível observar uma série de informações, o que aponta para a elaboração de um perfil profissional que pode ser sintetizado de acordo com os apontamentos a seguir.

Os frigoríficos estavam instalados em praticamente todas as regiões do estado, sendo que os maiores eram aqueles com capital estrangeiro. No entanto, no caso dos frigoríficos, também foi possível averiguar empresas menores, com produção de vários produtos, como o refinamento da banha e o processamento de embutidos. Os curtumes se concentravam na região do Vale do Rio dos Sinos, especializada na manufatura do couro para a indústria calçadista. Entretanto, o curtimento das peles foi verificado em outras localidades, como em Pelotas, conhecida por sua história relacionada com as atividades de produção charqueadora, sobretudo no século XIX, e frigorífica, no século XX.

Tanto nos frigoríficos como nos curtumes havia a presença destacada da mão de obra masculina, embora as mulheres também estivessem atuando em ambos os setores. Ainda, foi verificada a presença de pessoas jovens, as quais, assim como as mulheres,

deveriam ser contratadas de acordo com o decreto que regulamentou as suas condições do trabalho. Como visto nos capítulos, é possível que os menores nem sempre foram contratados seguindo os artigos do decreto.

Em relação às profissões registradas nas fichas, havia um número significativo de serventes nos frigoríficos, possivelmente, devido à contratação com salários inferiores aos daqueles trabalhadores que eram especializados. Sobre estes, o grupo que se destacou foi o dos magarefes, responsáveis pela separação das partes dos animais abatidos e nos processos executados no preparo e processamento dos produtos. Já nos curtumes, as ocupações especializadas, os curtidores ou curtumeiros, constituíam o maior grupo, sendo que algumas fichas de trabalhadoras registraram essa profissão; da mesma forma que fichas de mulheres registraram magarefe como ocupação. Em outras palavras, as mulheres estavam atuando em linhas de produção consideradas masculinas, fosse nos frigoríficos, fosse nos curtumes.

Entre os vinculados aos frigoríficos, os dados apontaram para uma relevante situação: uma quantidade significativa de sinais particulares, os quais indiciam a possibilidade de acidentes de trabalho, o que não foi verificado, com a mesma veemência, nos curtumes. Embora careça de outras fontes para amparar os prováveis acidentes de trabalho, essa constatação, a partir das fichas, permite apontar o trabalho nos frigoríficos como perigoso, ainda mais em um contexto em que as regras de segurança do trabalho pouco se evidenciavam como uma prática cotidiana, algo que é almejado na atualidade.

As relações familiares também foram identificadas nos frigoríficos, indicando que o trabalho doméstico, os conhecimentos sobre os processos de abate, o preparo das carnes e a manufatura da banha, desenvolvidos no ambiente privado, eram condicionantes para conquistar uma vaga, oportunizando emprego para as famílias. Embora não tenha sido um dado da ficha enfatizado nos capítulos, a pesquisa no banco identificou que muitos dos trabalhadores — em especial aqueles

vinculados aos frigoríficos menores e aos curtumes — nasceram no mesmo município, ou em regiões próximas que sediavam seus locais de trabalho. É provável que, no caso dos jovens empregados nos frigoríficos e nos curtumes, essa tenha sido sua primeira experiência profissional, iniciando suas histórias de trabalho nesses setores.

As cores registradas nas fichas apontaram para uma maioria “branca”, no entanto, outras anotaram “preta”, “parda” e “morena”. Esse dado é relevante, uma vez que demonstra a participação de pessoas não brancas nas linhas de produção tanto nos frigoríficos como nos curtumes, inclusive nas regiões de colonização. O destaque, nesse sentido, estava na região do Vale do Rio dos Sinos, constituída por municípios predominantemente fundados a partir da imigração alemã, mas que possuía em suas linhas de produção pessoas não brancas.

As fotografias 3x4 dos trabalhadores e das trabalhadoras apresentam muito mais do que apenas os seus rostos. A partir delas é possível perceber as expressões, como um leve sorriso, uma certa sisudez, os olhares contraídos, as sobrelhas tensionadas. Entre os homens, a maioria vestia casaco e gravata; alguns com acessórios, como uma caneta ou um lápis na lapela. Para além de ser o tipo de vestuário usual na época, os casacos e as gravatas igualmente atestam o acontecimento, ou seja, o ato de se deixar fotografar requeria determinados padrões, o que incluía vestir suas melhores peças. De acordo com as fotografias 3x4 analisadas nos capítulos, essa escolha foi feita pela maioria dos homens, mas não por todos. Outros foram fotografados com roupas simples, talvez usadas no cotidiano de suas atividades laborais, sendo que em alguns é possível identificar vestimentas de trabalho, como exemplificam os homens da Cooperativa de banha de Guaporé, fotografados de touca na cabeça, e aqueles dos curtumes Roberto Uebel, Filhos e Cia. e Kern e Mattes que posaram para o fotógrafo vestindo suas roupas do cotidiano extenuante das suas rotinas de trabalho.

Entre as mulheres, roupas sóbrias, mas também outras confeccionadas com tecidos estampados, os cabelos com penteados

elaborados, uma variedade de acessórios e, algumas, nitidamente maquiadas. No entanto, entre elas, também foi possível considerar que algumas foram fotografadas no ambiente do trabalho, como indiciam aquelas do frigorífico Armour of Brazil Corporation, que vestiam roupas brancas no momento da produção das suas fotografias.

Os registros fotográficos em 3x4 permitiram apontar observações sobre a sua confecção e o trabalho do fotógrafo. Parte das fotografias foi produzida em estúdios fotográficos, com recursos para uma melhor captação do rosto do trabalhador, enquanto outra parte não. Em relação a estas, é possível apontar que elas, provavelmente, foram produzidas no próprio local de trabalho. Os casos citados acima dos trabalhadores da Cooperativa de banha de Guaporé, do frigorífico Armour of Brazil Corporation e dos curtumes Roberto Uebel, Filhos e Cia. e Kern e Mattes e as vestimentas usadas por eles quando da produção de suas fotografias atestam essa hipótese — somam-se a eles os trabalhadores do Frigoríficos Nacionais Sul Brasileiros e da Cooperativa de Banha que foram fotografados usando um avental.

Essas considerações são feitas a partir dos indícios da materialidade da fotografia: a presença de um tecido escuro compondo o fundo, sendo que em algumas são nítidos os amassados ou ondulações, o que indica que ele era levado pelo fotógrafo que viajava pela região fotografando os trabalhadores. Os registros fotográficos dos trabalhadores da Cooperativa Bassanense de produtos suínos, da unidade do Frigoríficos Nacionais de Nova Prata e do Frigorífico Bellavista, localizados em municípios próximos, e de algumas fotografias dos curtumes Albino Momberguer, Leuck e Mattes, Bender e Schuck, Blos e Cia., Arthur Ritter, Schefell e Cia. e Roberto Uebel, Filhos e Cia., todos localizados na região do Vale do Rio dos Sinos exemplificam essa constatação, uma vez que o tecido utilizado para dar neutralidade ao fundo, é semelhante em todas elas. Ainda, vários registros foram realizados no mesmo dia, sendo que cada trabalhador recebeu a placa com a data cujo modelo era idêntico aquele fixado na roupa de seus colegas. O tecido e a placa são indícios

que atestam o trabalho do fotógrafo, que se deslocava até os locais de trabalho e produzia as fotografias em série.

Essas fotografias, realizadas fora de um estúdio, permitem ao seu observador incluí-las em seu contexto social de produção, ou seja, apesar de não registrar os maquinários ou outros elementos do trabalho cotidiano dos frigoríficos e dos curtumes, elas permitem apontar que, em sua maioria, foram realizadas em um horário de trabalho. Talvez os registros tenham sido feitos logo antes do início do turno, o que justificaria que muitos deles se apresentassem ao fotógrafo ainda vestindo casaco e gravata, e as mulheres com acessórios, os quais, sobretudo nos frigoríficos, deveriam ser retirados para evitar que caíssem nos produtos. Outra possibilidade seria a realização das fotografias durante uma pausa e, logo após a captura de suas imagens pela câmera fotográfica, retornariam para seus afazeres. Assim, é relevante pensar no contexto de produção da fotografia e, também, no seu circuito social, já que, a partir deles, é “possível restabelecer as condições de emissão e recepção da mensagem fotográfica, bem como as tensões sociais que envolveram a sua elaboração. Dessa maneira, texto e contexto estarão contemplados” (Mauad, 2008, p. 37). De qualquer modo, apesar das múltiplas possibilidades de análise suscitadas pelas fotografias 3x4 dos trabalhadores e das trabalhadoras dos frigoríficos e dos curtumes do Rio Grande do Sul, o mais importante é a sua visibilidade, proporcionada pelas fichas de qualificação profissional, que trazem para o presente os rostos dos trabalhadores do passado. O documento, acompanhado de todos os dados que recebe em seus variados campos somado à fotografia 3x4, possibilita contar as histórias de trabalho de homens e mulheres comuns, os quais, nos anos 1930 e 1940, estavam vinculados aos frigoríficos e curtumes do estado. A atitude de buscarem pela carteira profissional, por iniciativa própria ou pelo empregador, foi o que possibilitou que parte de suas trajetórias pudessem ser contadas e seus rostos apresentados neste livro.

FONTES DOCUMENTAIS

ACERVO DA DELEGACIA REGIONAL DO TRABALHO DO RIO GRANDE DO SUL. *Núcleo de Documentação Histórica Prof^a. Beatriz Loner da Universidade Federal de Pelotas*.

A FEDERAÇÃO, Porto Alegre. 16/09/1933, n. 217, p. 05. *Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional*. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388653&pesq=&pagfis=73788>. Acesso em 03/04/2022.

ALMANAK LAEMMERT: ADMINISTRATIVO, MERCANTIL E INDUSTRIAL. Rio de Janeiro, 1940, p. 805. *Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional*. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=313394&pesq=&pagfis=122054>. Acesso em 09/07/2022.

ANUÁRIO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. *Secretaria da Indústria do Estado do Rio Grande do Sul/Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul/ Centro das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora Pallotti, 1979.

BRASIL. Decreto nº 21.175, de 21 de março de 1932a. *Institui a carteira profissional*. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-21175-21-marco-1932-526745-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 22/10/2022.

BRASIL. Decreto nº 21.580, de 29 de junho de 1932b. *Altera e regulamenta o decreto n.º 21.175, de 21 de março de 1932, que institui a carteira profissional*. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-21580-29-junho-1932-526759-republicacao-81815-pe.html>. Acesso em: 22/10/2022.

BRASIL. Decreto nº 22.035, de 29 de outubro de 1932c. *Altera o decreto n. 21.580, de 29 de junho de 1932, que regulamentou o de n. 21.175, de 21 de março de 1932, pelo qual foi instituída a carteira profissional*. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-21580-29-junho-1932-526759-republicacao-81815-pe.html>. Acesso em: 25/10/2022.

BRASIL. Decreto nº 21.417-A, de 17 de maio de 1932d. *Regula as condições do trabalho das mulheres nos estabelecimentos industriais e comerciais*. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-21417-a-17-maio-1932-526754-norma-pe.html>. Acesso em 30/11/2023.

BRASIL. Decreto nº 22.042, de 03 de novembro de 1932e. *Estabelece as condições do trabalho dos menores na indústria*. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-22042-3-novembro-1932-499365-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 24/10/2017.

CLASSIFICAÇÃO BRASILEIRA DE OCUPAÇÕES (CBO). Ministério do Trabalho e Emprego. Disponível em: <https://www.ocupacoes.com.br/>. Acesso em 18/04/2023.

REPORTER BRASIL. *"Carne, Osso" retrata trabalho nos frigoríficos brasileiros*. Disponível em: <https://reporterbrasil.org.br/2011/03/quot-carne-osso-quot-retrata-trabalho-nos-frigorificos-brasileiros/>. Acesso em: 23/05/2023.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANJOS, Marcos Hallal dos. *Estrangeiros e modernização*. A cidade de Pelotas no último quartel do século XIX. Pelotas: Ed.da Universidade/UFPel, 2000.

ARAÚJO, Célia. *Perfil dos operários do Frigorífico Anglo de Barretos-1927/1935*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

ARAVANIS, Evangelia. Os processos de acidentes de trabalho na capital do Rio Grande do Sul no início da Era Vargas: embates entre a Justiça, o patronato e o trabalhador. *Revista Latino-Americana de História*, São Leopoldo, n. 3, vol. 1, p. 300-310, março de 2012. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/rla/index.php/rla/article/view/87> Acesso em 03/05/2023.

ASEFF, Marlon Gonsales. *No portão da fábrica: trabalho e militância política na fronteira de Santana do Livramento/Rivera (1945-1954)*. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

BALBINOT, Giovani. *Desenvolvimento econômico do município de Guaporé: a agroindústria da banha e do couro (1892-1980)*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2014.

BARCELLOS JÚNIOR. Antônio Soares de. *Análise Evolutiva da Indústria de Frigoríficos de Produtos Suínos no Rio Grande do Sul do ano de 1950 até o ano de 2004: Declínio ou simples Concentração de Mercado?* Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2005.

BARTMANN, Tatiane. *Justiça do trabalho: entre a “lei” e a “realidade” (1941-1945)* Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

BELAVSKY, Eugênio. *O curtume no Brasil nas condições subtropicais*. Porto Alegre: Oficinas gráficas da Livraria do Globo S/A, 1965.

BILHÃO, Isabel. *Identidade e Trabalho: análise da construção identitária dos operários porto-alegrenses (1896-1920)*. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

BOSI, Antonio de Pádua. Dos Açougues aos Frigoríficos Uma História Social do Trabalho na Produção de Carne, 1750 a 1950. *Revista de História Regional*, Ponta Grossa, n.1, v.19, p. 83-103, 2014. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/rhr/article/view/5441> Acesso em: 07/07/2023.

BROQUETAS, Magdalena; BRUNO, Mauricio. La fotografia al servicio de la vigilancia y el control social. 1870-1925. In: BROQUETAS, Magdalena; BRUNO, Mauricio; SANDEN, Clara von; WSCHEBOR, Isabel (Coord.). *Fotografia en Uruguay: Historia y usos sociales. 1840-1930*. Montevideo: Centro de Fotografia, 2011, p. 176-198.

CIAVATTA, Maria. *O mundo do trabalho em imagens*. A fotografia como fonte histórica (Rio de Janeiro, 1900-1930). Rio de Janeiro: DP&A Editora/FAPERJ, 2002.

CORRÊA, Larissa Rosa. *Trabalhadores têxteis e metalúrgicos a caminho da Justiça do Trabalho: leis e direitos na cidade de São Paulo – 1953 a 1964*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

COSTA, Achyles Barcelos; PASSOS, Maria Cristina. *A indústria calçadista no Rio Grande do Sul*. São Leopoldo: UNISINOS, 2004.

DUBOIS, Philippe. *O Ato fotográfico e outros ensaios*. Campinas: Papirus, 1993.

FABRIS, Annateresa. *Identidades virtuais*. Uma leitura do retrato fotográfico. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2004.

FRACCARO, Gláucia. *Os direitos das mulheres – organização social e legislação trabalhista no entreguerras brasileiro (1917-1937)*. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

FRENCH, John D. *Afogados em leis*. A CLT e a cultura política dos trabalhadores brasileiros. São Paulo: Perseu Abramo, 2001.

GIARETTA, Jane Gorete Seminotti. *O grande e velho Erechim: ocupação e colonização do povoado de Formigas (1908-1960)*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2008.

GILL, Lorena Almeida; LOPES, Aristeu. O Núcleo de Documentação Histórica da Universidade Federal de Pelotas e seus acervos: institucionalização e possibilidades de pesquisas. In: DROPPA, Alisson; LOPES, Aristeu; SPERANZA, Clarice. *História do trabalho revisitada*. Justiça, Ofícios, Acervos. Jundiaí: Paco Editorial, 2018, p.275-294.

GOMES, Angela de Castro. *A invenção do trabalhismo*. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

GOMES, Angela; SILVA, Fernando Teixeira da. O nó da madeira: a expansão nacional da justiça do trabalho no Brasil. In: DROPPA, Alisson; LOPES, Aristeu; SPERANZA, Clarice. *História do trabalho revisitada*. Justiça, Ofícios, Acervos. Jundiaí: Paco Editorial, 2018, p.17-50.

GOMES, Angela de Castro; SILVA, Fernando Teixeira da. Os direitos sociais e humanos dos trabalhadores no Brasil: a título de apresentação. In: GOMES, Angela de Castro; SILVA, Fernando Teixeira da. *A Justiça do Trabalho e sua história: os direitos dos trabalhadores no Brasil*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013, p. 13-47.

GUTFREIND, Ieda; REICHEL, Heloisa. *As raízes históricas do Mercosul*. A região platina colonial. São Leopoldo: UNISINOS, 1996.

GUTIERREZ, Ester. *Negros, charqueadas, olarias: um estudo sobre o espaço pelotense*. Pelotas: Editora da Universidade/UFPEL/Livraria Mundial, 1993.

KONRAD, Gláucia Vieira Ramos. *Os trabalhadores e o Estado Novo no Rio Grande do Sul: Um retrato da sociedade e do mundo do trabalho (1937-1945)*. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

LEITE, Miriam. *Retratos de família: Leitura da fotografia histórica*. São Paulo: EDUSP, 1993.

LOBATO, Mirta. *La vida en las fábricas*. Trabajo, protesta y política en una comunidad obrera, Berisso (1904-1970); Buenos Aires: Prometeo Libros/Entrepasados, 2001.

LONER, Beatriz Ana. *Construção de Classe: operários de Pelotas e Rio Grande (1888-1930)*. 2ª Ed. Pelotas: Editora da UFPel, 2016.

LONER, Beatriz. O acervo sobre trabalho do Núcleo de Documentação Histórica da UFPel. In: SCHMIDT, Benito. (Org). *Trabalho, justiça e direitos no Brasil*. Pesquisa histórica e preservação das fontes. São Leopoldo: Oikos, 2010, p.09-24.

LONER, Beatriz Ana. *Construção de Classe: operários de Pelotas e Rio Grande (1888-1930)*. Pelotas: Ed. Universitária: Unitrabalho, 2001.

LONER, Beatriz Ana. Negros: Organização e luta em Pelotas. *História em Revista*, Pelotas, v.5, p. 01-17, dezembro de 1999. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/HistRev/article/view/12080> Acesso em: 02/08/2023.

LONER, Beatriz Ana; GILL, Lorena Almeida. O trabalho de um Centro de Documentação: o Núcleo de Documentação Histórica da UFPel. *Patrimônio e Memória*, Assis, n. 2, v. 9, p.241-256, 2013. Disponível em: <https://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/369> Acesso em: 03/04/2022.

LOPES, Aristeu Elisandro Machado. Trabalhadores em curtumes nas solicitações de carteira profissional e nos processos trabalhistas, Pelotas (Rio Grande do Sul, Brasil), anos 1930/1940. *Trashumante-Revista Americana De Historia Social*, v. 23, p. 06-31, 2024. (no prelo)

LOPES, Aristeu Elisandro Machado. Os trabalhadores do curtume Carvalho, Teixeira e Cia nos processos trabalhistas de Pelotas, anos 1940. In: *I Coletânea eletrônica de artigos do Memorial da Justiça do Trabalho no Rio Grande do Sul*, 2023 (no prelo).

LOPES, Aristeu Elisandro Machado. Mulheres trabalhadoras no Rio Grande do Sul: fotografias 3x4 de solicitantes de carteira profissional (1933 - 1944). *História (São Paulo)*, v. 41, p. 01-25, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/his/a/vtYM97D9G7GzqchtwwQ9HRt/?lang=pt> Acesso em: 03/04/2023.

LOPES, Aristeu Elisandro Machado. *Os trabalhadores em frigoríficos no Rio Grande do Sul: considerações sobre as indústrias da carne e fotografias 3x4, anos 1930/1940*. *Saeculum*, João Pessoa, n. 47, v. 27, p. 119-138, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/srh/article/view/63667> Acesso em: 03/04/2023.

LOPES, Aristeu Elisandro Machado. As fotografias 3x4 dos trabalhadores do Frigorífico Anglo de Pelotas, Rio Grande do Sul, 1942-1943. In: Aristeu Elisandro Machado Lopes; Jonas Moreira Vargas. (Org.). *Capítulos de História de Pelotas*. Porto Alegre: Casaletas, 2020, p. 252-268.

LOPES, Aristeu Elisandro Machado; SCHMIDT, Mônica Renata. Os trabalhadores no Frigorífico Anglo de Pelotas no Acervo da Delegacia Regional do Trabalho do Rio Grande do Sul: história, memória e fotografia. *Revista Tempos Históricos*, Marechal Cândido Rondon, n. 1, v. 22, p. 398-423, 2018. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/temposhistoricos/article/view/17930> Acesso em: 03/04/2023.

LOPES, Aristeu Elisandro Machado. Os trabalhadores com sinais de varíola no acervo da Delegacia Regional do Trabalho do Rio Grande do Sul, 1933-1944. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, n. 4, v. 23, p. 1209-1227, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/GcfJd68PrLxQgxdNVqZCGBL/?lang=pt> Acesso em 03/04/2023.

LOPES, Aristeu. História e memória dos trabalhadores no Rio Grande do Sul: o acervo da Delegacia Regional do Trabalho, 1933-1943. *Revista Memória em Rede*, Pelotas, n. 12, v.5, p. 01-15, Jan./Jun.2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/Memoria/article/view/9399> Acesso em: 03/04/2023.

LOPES, Herton Castiglioni. O Setor Calçadista do Vale dos Sinos/RS: Um Estudo a partir do Modelo Estrutura-Condução-Desempenho. *Revista de Economia*, Curitiba, n. 3, v. 40, p. 68-90, 2014. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/economia/article/view/40610> Acesso em: 02/06/2023.

LUCENA, Marta Gomes. *Territorialidade de fronteira: uma contribuição ao estudo da questão fronteiriça Brasil-Uruguai no contexto do Mercosul*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

MAGALHÃES, Mário Osório. *Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul*. Um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890). Pelotas: Editora da universidade/UFPel, Livraria Mundial, 1993.

MARTINS, Rodrigo Perla. *A produção calçadista em Novo Hamburgo e no Vale do Rio dos Sinos na industrialização brasileira: exportação, inserção comercial e política externa: 1969-1979*. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

MASSIA, Rodrigo. *Fotógrafos, espaços de produção e usos sociais da fotografia em Porto Alegre nos anos 1940 e 1950*. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

MAUAD, Ana Maria. *Poses e Flagrantes: ensaios sobre história e fotografias*. Niterói: Editora da UFF, 2008.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. Fontes visuais, cultura visual, História visual. Balanço provisório, propostas cautelares. *Revista Brasileira de História*, n. 45, v. 23, p. 11-36, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/JL4F7CRWKwXXgMWvNKDfCDc/abstract/?lang=pt> Acesso em: 02/09/2022.

MICHELON, Francisca. *Sociedade Anônima Frigorífico Anglo de Pelotas: o trabalho do passado nas fotografias do presente*. Pelotas: Editora da UFPel, 2012.

MOURA, Esmeralda Blanco. *Mulheres e menores no trabalho industrial: Os fatores sexo e idade na dinâmica do capital*. Petrópolis: Vozes, 1982.

MÜLLER, Alex Juarez. *Um espaço “entre” o urbano e o rural: representações visuais de São Leopoldo, Taquara e Novo Hamburgo (RS) 1889-1930*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2015.

OLIVEIRA, Carlos Alberto de. O fechamento da Swift na cidade do Rio Grande/RS (1960): o pior revellion de todos os tempos. In: Simpósio Nacional de História, XXVIII, 2015, Universidade Federal de Santa Catarina. *Anais...* Florianópolis, 2015, pp. 01-08.

PEGORARO, Mônica Renata Schmidt. *A questão trabalhista em debate (1930-1937)*. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022.

PESAVENTO, Sandra. *Visões do cárcere*. Porto Alegre: Zouk, 2009.

PESAVENTO, Sandra. *História da Indústria Sul-Rio-Grandense*. Guaíba: Riocell, 1985.

PESAVENTO, Sandra. *RS: Agropecuária colonial & Industrialização*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

PESAVENTO, Sandra. *República Velha Gaúcha*. Charqueadas, Frigoríficos, Criadores. Porto Alegre: Movimento/IEL: 1980.

POSSAMAI, Zita. *Cidade fotografada: memória e esquecimento nos álbuns fotográficos de Porto Alegre, décadas de 1920 e 1930*. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

REZENDE, Vinícius. *Tempo, trabalho e conflito social no complexo coureiro-calçadista de Franca-SP (1950-1980)*. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

RIZZINI, Irma. Pequenos trabalhadores do Brasil. In: PRIORE, Mary Del (Org). *História das Crianças no Brasil*. 7 Ed. São Paulo: Contexto, 2013, p.376-406.

ROUILLÉ, André. *A fotografia entre documento e arte contemporânea*. Trad. Constancia Egredas. São Paulo: Editora do SENAC São Paulo, 2009.

SANTOS, André. A Indústria de curtumes do Rio Grande do Sul. In: COSTA, Achyles Barcelos; PASSOS, Maria Cristina. *A indústria calçadista no Rio Grande do Sul*. São Leopoldo: UNISINOS, 2004, p. 99-114.

SBABO, Janaina Schaun. *Na carne e no osso: as leis trabalhistas e os conflitos entre trabalhadores e patrões da Companhia Swift do Brasil e da Argentina na década de 1940*. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

SCHEER, Micaele Irene. *Vestígios de um ofício: o setor calçadista e as experiências de seus trabalhadores na cidade de Pelotas (1940-2014)*. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

SCHEMES, Claudia. *Pedro Adams Filho: empreendedorismo, indústria calçadista e emancipação de Novo Hamburgo (1901-1935)*. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

SCHMIDT, Mônica Renata. *Na luta por direitos: os trabalhadores do Frigorífico Anglo de Pelotas e a Justiça do Trabalho (1943-1945)*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2017.

SCHNEIDER, Sérgio. O mercado de trabalho da indústria coureiro-calçadista do Rio Grande do Sul: formação histórica e desenvolvimento. In: COSTA, Achyles Barcelos; PASSOS, Maria Cristina. (Orgs). *A indústria calçadista no Rio Grande do Sul*. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2004, p. 25-49.

SILVA, Cléber. *O olhar de Assis Horta: Tradição e dignidade em retratos de operários*. Dissertação (Mestrado em Artes, Cultura e Linguagens) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017.

SILVA, Nauber Gavski. *O “mínimo” em disputa: Salário mínimo, política, alimentação e gênero na cidade de Porto Alegre (c.1940-c.1968)*. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

SPERANZA, Clarice Gontarski. Branco, preto, pardo, moreno ou escuro? Classificações raciais nas carteiras dos trabalhadores gaúchos (1933-1945). *Tempos Históricos*, Marechal Cândido Rondon, n.1, v.21, p.100-124, 2017. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/tempohistoricos/article/view/17092> Acesso em 02/03/2022.

SPERANZA, Clarice Gontarski. *Cavando direitos: as leis trabalhistas e os conflitos entre trabalhadores e patrões nas minas do Rio Grande do Sul nos anos 40 e 50*. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

TAGG, John. *The burden of representation*. Essays on photographs and histories. New York: Palgrave Macmillan, 2002.

TEDESCO, João Carlos; BEAX, Paulo; SOUZA, Sirlei de Fátima; CECHE, Renan. *Agroindústrias, frigoríficos e cooperativismo: Evoluções e contradições nas lógicas de desenvolvimento de Passo Fundo. 1960-1990*. Porto Alegre: EST Edições, 2005.

TEDESCO, João Carlos; SOUZA, Sirlei de Fátima de. *Frigoríficos e olarias em Passo Fundo: dinâmicas industriais em sinergias-1940 a 1980*. Erechim: All Print Varella, 2016.

VARGAS, Jonas. *Os barões do charque e suas fortunas*. Um estudo sobre as elites regionais brasileiras a partir de uma análise dos charqueadores de Pelotas (Rio Grande do Sul, século XIX). São Leopoldo: Oikos, 2016.

VARUSSA, Rinaldo José (Org.). *“Eu trabalhava com dor”*: Trabalho e adoecimento nos frigoríficos. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

VIEGAS, Daniele. *Entre o(s) passado(s) e o(s) futuros(s) da cidade: um estudo sobre a urbanização de Canoas/RS (1929-1959)*. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

WEBER, Regina. *A formação do trabalhador fabril: história oral em Ijuí/RS*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1989.

SOBRE O AUTOR

Aristeu Elisandro Machado Lopes - Doutor e Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Licenciado em História pela Universidade Federal de Pelotas. Professor Associado III do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pelotas. Coordenador do Acervo da Delegacia Regional do Trabalho do Rio Grande do Sul, salvaguardado no Núcleo de Documentação Histórica Prof.^a Beatriz Loner da Universidade Federal de Pelotas. Tem desenvolvido pesquisas sobre trabalhadores e trabalhadoras solicitantes de carteira profissional a partir das fichas de qualificação profissional que constituem o acervo da DRT/RS, notadamente as fotografias 3x4. Entre 2020 e 2023 foi bolsista Pesquisador Gaúcho da Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul/FAPERGS, projeto que resultou no presente livro.

O presente livro é parte dos resultados da pesquisa desenvolvida no âmbito do projeto: “Da carne e do couro: os trabalhadores dos frigoríficos e dos curtumes no Rio Grande do Sul nas solicitações de carteira profissional e nos processos judiciais, 1933-1950”, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul – FAPERGS – através do Edital FAPERGS 05/2019 Programa Pesquisador Gaúcho – PqG. A pesquisa foi realizada nos dados disponíveis no Acervo da Delegacia Regional do Trabalho do Rio Grande do Sul, salvaguardado no Núcleo de Documentação Histórica Prof^a Beatriz Loner da Universidade Federal de Pelotas. A partir das informações estudadas foi possível mapear os trabalhadores e as trabalhadoras solicitantes de carteira profissional, o que permitiu desenvolver um perfil profissional, averiguado a partir de suas histórias de trabalho e suas fotografias 3x4. Esses registros fotográficos possibilitam ver o rosto – algumas mostram também o tronco – individualizando-os, revelando suas fisionomias e peculiaridades, como as roupas, os adereços e, em algumas delas, as condições de sua produção. Nos capítulos foram analisados os dados e as fotografias 3x4 dos homens e das mulheres que trabalhavam com a produção de carne ou com o processamento de couros e possuíam vínculo empregatício com frigoríficos e curtumes nas décadas de 1930 e 1940, no Rio Grande do Sul. Pessoas comuns que, em algum momento de suas vidas, buscaram por seus direitos trabalhistas, solicitando suas carteiras profissionais.

A pesquisa que resultou nesta obra contou com financiamento da FAPERGS (19/2551-0001687-5) e o apoio do PPGH/UFPel com recursos PROAP/CAPES

